

Branco e Negro



O PRIMEIRO PASSO — Quadro por Kaulbach

PREÇO 40 REIS

N.º 70

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerptos documentaes em prosa e verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

Propriedade da Livraria e casa editora ANTONIO MARIA PEREIRA, de Lisboa

Numero avulso, 40 réis

ASSIGNATURAS (pagas adiantadamente)	3 mezes	6 mezes	12 mezes
Portugal e ilhas adjacentes.....	550 réis	10100 réis	20200 réis
Africa Portuguesa.....	650 "	10300 "	20600 "
Estrangeiro (paizes da União Postal.....)	4 fr.	8 fr.	16 fr.
Brazil e colonias portuguezas da Asia e Oceania.....	10000 réis	20100 réis	40200 réis

VIAGENS NO PAIZ

(XXIII)

LEÇA DO BAILIO

A seis kilometros e meio ao norte do Porto, á esquerda da estrada ordinaria que leva para Braga, n'um formoso valle, avivado pela ridente vegetação minhota, ostenta se a notavel egreja e casa de Santa Maria, parochia de Leça do Bailio, templo gothico, de extensas e magestosas dimensões, de architectura meio religiosa, meio guerreira, e que foi mosteiro e hospital da Ordem Militar de S. João Baptista de Jerusalem, conhecida seculos depois pelo nome de Ordem de Matta.

Foi ali a residencia primitiva dos hospitaleiros em Portugal, primeira casa capitular da Ordem, e a mais rica de todas as commendas que elles então possuíam entre nós.

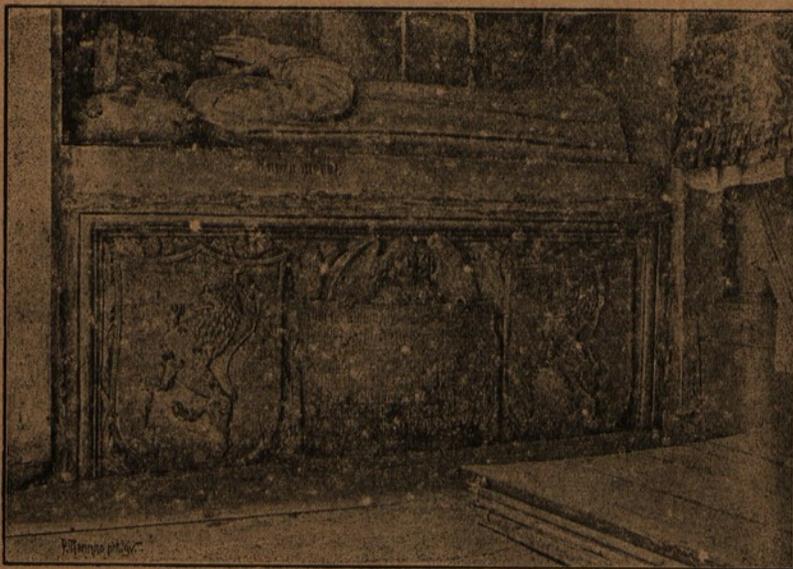
A mais erudita e interessante memoria que sobre a *bailia* se tem publicado, abundante em referencias historicas e citações de documentos, é a do rev. Velho de Barbosa, que foi abbade d'aquella matriz; e a ella recorreram, não só Pinho Leal, para as informações que condensou no *Portugal antigo e moderno*, como Arnaldo Gama, para a urdidura do seu bello romance de caracter historico, *O bailio de Leça*, tão portuguez de lei.

No mosteiro se hospedaram : D. Affonso Henriques e sua mulher D. Mafalda; D. Sancho I; o condestavel D. Nuno Alvares Pereira; a infanta D. Philipa, neta de D. João I; e outras pessoas de elevada gerarchia. Ali casou D. Fernando I com D. Leonor Telles de Menezes, mulher de D. João Lourenço da Cunha, em 1369, dando-se então a scena do infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro, recusar beijar a mão á nova rainha, preferindo expatriar-se.

O abbade Velho de Barbosa conclue : que a fundação do antigo mosteiro de Leça data do seculo 9.º, ou dos primeiros dias do 10.º, que foi habitado por frades e freiras, chamados duplices; que foi da Ordem de S. Bento; que em principios do seculo 11.º foi dado ao Mosteiro beneditino da Vaccariça, ficando na sua dependencia, mas com prelados particulares: que pelos fins do mesmo seculo 11.º ficou na dependencia do bispo de Coimbra; que pelo primeiro quartearão do seculo 12.º foi dado p.ª infanta D. Thereza á Ordem dos Religiosos



VISTA GERAL DO MOSTEIRO

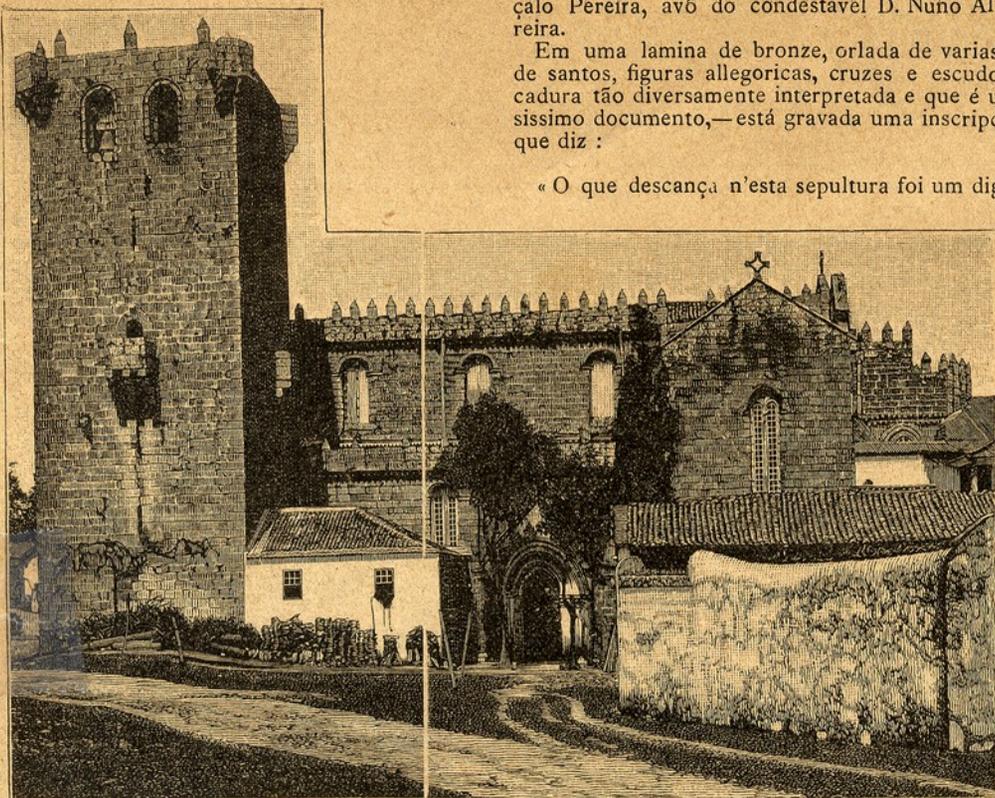


TUMULO EXISTENTE NA EGREJA DE LEÇA DO BAILIO

çalo Pereira, avô do condestavel D. Nuno Alvares Pereira.

Em uma lamina de bronze, orlada de varias imagens de santos, figuras allegoricas, cruces e escudos, — cercadura tão diversamente interpretada e que é um curiosissimo documento, — está gravada uma inscripção latina que diz :

« O que descança n'esta sepultura foi um digno prior



ASPECTO EXTERIOR DO MOSTEIRO

cavalleiros do Hospital de S. João Baptista de Jerusalem e no seu poder se conservou até á extincção das ordens religiosas em 1834.

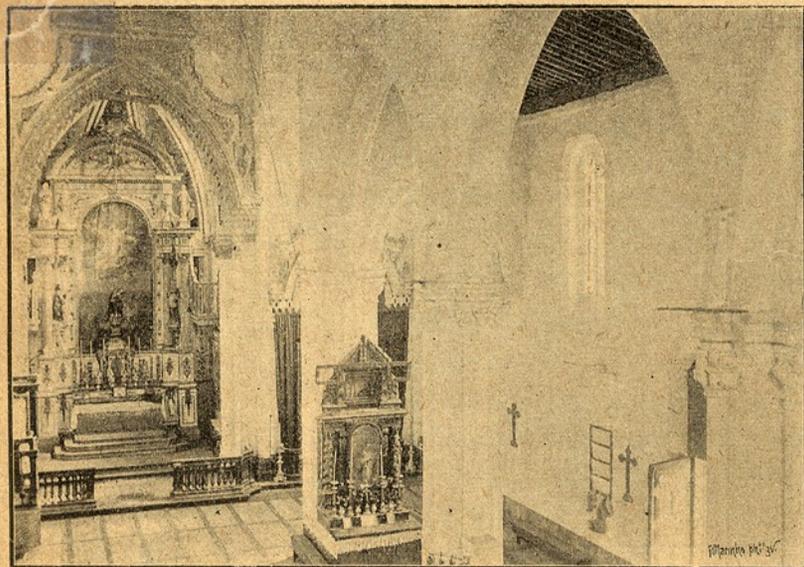
Entre as antiguidades de merecimento historico e archeologico que a egreja encerra, avulta a antiquissima pia baptismal, de pedra d'Auçan, de primorosos labores, mandada fazer pelo bailio D. fr. João Coelho em 1512 e que constitue a admiração de quantos a vêem.

Na capella chamada do *ferro*, do lado do evangelho, está a sepultura rasa do bailio D. Frei Estevão Vasques Pimentel, fundador da egreja actual, fallecido em 1336, privado de D. Diniz e de D. Affonso IV, embaixador de Portugal na Curia Romana, que teve por irmão D. Urraca Vasques Pimentel, mãe do arcebispo de Braga D. Gon-

da Ordem de S. João Baptista ; conhece agora quaes foram as suas acções :

« Depois da morte de Estevam Vasques, difficilmente apparecerá quem seja melhor prior do que elle foi. Pela sua familia, chamou-se Pimentel ; mas, pela sua vida e costumes, chamou-se abençoado. Ninguém era mais alegre do que elle, nem tão forte, formoso e constante, guiando-se sempre pelo que era mais perfeito. Viajou por muitas terras e atravessou muitos mares. Sem contar o priorado, teve cinco commendas, que a sua Ordem lhe deu e o pontifice confirmou, a saber : a Certan que foi commenda, de Graça, Leça, Crato, Riomeão e a florida Faya, que foi a primira.

« Tu que és instruido, faz esta conta : — elle foi prior trinta annos, tendo sido antes bom freire, contando tres vezes quatro. »



INTERIOR DA EGREJA

Ao lado do templo, fez o bailio D. Frei Estevão Pimentel construir uma torre forte e elevada, com todos os preceitos e condições para defeza dos freires e do mosteiro...

A unica communicação entre a egreja e o mosteiro era por cima do telhado.

O que resta do edificio do mosteiro á de apparencia irregular e mesquinha, pelas reconstrucções e remendos que successivamente soffreu, não condizendo, por modo algum, com a vastidão e magestade do templo, que é de tres naves, sustentadas por dez arcos, cinco de cada lado, sendo a do centro mais elevada do que as lateraes, e medindo 36 metros de comprimento sobre 14 de largo.

Por que se chama do *Ferro* a capella onde repousa Frei Estevão Pimentel ? diz a lenda que

um ferreiro, morador ao pé da igreja, suspeitára da fidelidade conjugal de sua mulher, a qual, para provar a sua innocencia, se offerecera a levar um ferro em braza, desde casa até ao tumulto do Beato Garcia, a quem se tinha encommendado. O marido poz em braza o ferro d'um arado, que a mulher levou na mão, sem a menor dôr nem queimadura, até ao referido sepulchro, que

guardava as cinzas do frei D. Garcia Martins, que morreu em fama de santidade. O ferro collocou-se depois na capella, como testemunho da innocencia.

Leça de Bailio é um dos arrabaldes pittorescos do Porto, que por todos os motivos merece a visita dos forasteiros.

LEITE

DANDO uma volta por traz do meu quintal, que agora se pavoneia orgulhoso com a sua rêde de estacas por onde começa a trepar a folhagem esmeralda do feijão, topa-se com a leitaria para onde vou regaladamente sorver o doce leite mungido alli das vaccas. Todas

com um *ting-ting* doce, com um collar de fôscas perolas, é suave, é bom, é casto.

O leite canta o amor sereno e sem macula, a límpida alegria de uma alma, o grato viver n'um noivado feliz. Pulsa na sua doce musica uma suavidade de tons que é



ellas me conhecem. Mal entro estendem logo o focinho como quem pede um beijo.

E porque não?

Risonho e fresco beijo de bom dia que os meus labios poisavam no teu pêllo assetinado, vaquinha que me deste de mamar, e foste a minha mãe, que saudades quando te recordo!

O vaqueiro espreme as têtas correndo a mão umas poucas de vezes ao longo das mamellas, e a virgem canção do leite cahindo na escudella tem cambiantes de doçura intima, falla de amores ideaes que morreram n'um alvorecer e de alegres esperanças idas para longe n'um neveiro.

O leite pacifica-me os sentidos. Vel-o correr em fio,

o hymno de felicidade. D'olhos fechados, ouvindo-o es correr manso e manso nas malgas, evoca-se toda uma esteira luminosa de sonho, radiante sonho de venturas sem fim e de consoladores e suaves affectos.

E vejo-te tal como és sahir do fio branco de leite, alva e tão pura como elle, ó virgem da minha mocidade. E ouço a tua voz, a tua voz cantar, fresca e olorosa como elle, que é o nectar supremo, a ambrosia que se bebe pela taça d'uns labios!

Oh! se com as suas pequeninas gottas — tão brancas! eu te podesse cingir o collo branco, calhandra dos meus cuidados!

DOMINGOS GUIMARÃES.

Escultura Portuguesa da Renascença

CONVIDADO a examinar umas pedras esculpidas, que ha cerca de 20 annos se achavam emboladas n'um grosso gradaemento de madeira, ao canto de uma cocheira de Lisboa, tive o gosto de encontrar um precioso documento da escultura portugueza do seculo xvi.

É um retabulo de altar, em pedra branca, coberta de pintura polychromica, e de estofamentos de ouro.

O meio relevo que constitue o centro do retabulo torna um rectangulo de 1^m.40 de alto por 1^m.2 de largo.

A figura central e culminante da composição é a da Virgem Maria, de mãos postas, e sem attributo algum. A cabeça sobresaie acima do parte-luz de uma janella ge-

Nas pilastras, em branco e ouro, desenvolve-se desde a base um ornato ascendente, em griphos de estylo italiano. A um quarto da altura da cornija o ornato expira em uma fina misula, sobre a qual assenta, em meio relevo, em uma das pilastras, uma estatueta de S. João Baptista, e na outra uma estatueta paralela de S. Jeronymo. Estas duas imagens são abrigadas em docel pelos mais interessantes e engenhosos baldaquinos, em cupula torreada e aguda, rematando em agulha.

Estes baldaquinos constam de tres galerias, sobrepostas e decrescentes, de arcos de meio circulo: formando as do primeiro plano nichos habitados por bustos de santos, e sendo os seguintes abertos até o lanternim, de cuja agulha aflora uma segunda misula fazendo peanha a um cherubim em muito baixo relevo, de roupas fluctuantes, tocadas a ouro. Diferem um pouco os ornatos das duas pilastras, mas em nenhuma d'ellas concorrem elementos de decoração gothica, nem ogivas, nem folhagens. Está-se no mais puro e mais definido renascimento, immediatamente subsequente ao regimen manuelino.

A base continuada, commum ás cornijas e a composição central, é constituída por dois encasamentos, extremos, em um dos quaes o busto em baixo-relevo de S. Thomaz de Aquino, e no outro o de S. Bruno (?). No resto da faixa, quatro cherubins em adoração, dois dos quaes sustentam ao centro da composição um escudo sem armas.

A cornija, que não vi completamente desencaixotada, parece-me um simples coroamento toscano.

Julgo dever attribuir a obra d'este retabulo, de alto valor, a algum dos esculptores da grande escola de Coimbra, em que foram mestres João de Ruão e João de Castilho, nos meados do seculo xvi. Parece-me que este retabulo se relaciona com outro que existe no museu do Instituto, em Coimbra, e que creio pertencer ao sr. dr. Joaquim Martins.

Parece-me ainda poder afirmar que o retabulo existente em Lisboa pertenceu á capella-mór da igreja de S. Domingos, a qual não chegou a ser concluída, e em cujo recinto se acha ao presente uma officina de carruagens na rua da Sophia, em Coimbra.

Aquelle Martinho, para quem os filhos de S. Domingos invocam, por meio da legenda a que me referi, o favor da Virgem, é Frei Martinho de Ledesma, castelhano de origem, lente de prima da faculdade de Theologia na Universidade, o qual fez edificar a capella-mór da igreja de S. Domingos, assim como o Collegio de S. Thomaz, dependente da mesma ordem, em que Frei Martinho era

professo.

O escudo central da base do retabulo teria o braço dos duques de Aveiro, padroeiros da igreja a que conjecturo que pertenceu a peça de escultura a que me refiro, e teria sido retirado do respectivo escudo em cumprimento da sentença subsequente á famosa conspiração de 1758.

Ao centro do escudo ha um torno de madeira, ao qual esteve primitivamente cravado o braço, talvez de metal

¹ O retabulo a que se refere n'este artigo o brilhante auctor do *Culto da Arte em Portugal* não pertenceu á igreja de S. Domingos de Coimbra, mas á do Collegio de S. Thomaz, edificio habitado durante largos annos pela familia do nosso collaborador Valle e Souza, que ha annos tirou allí o croquis do centro do retabulo, que hoje acompanha este artigo. O retabulo constituia um dos altares lateraes da igreja e fazia pendãnt com o retabulo que apresenta S. Gonçalo e que, como diz o illustre escriptor, está hoje no Museu do Instituto de Coimbra, pertencendo ao illustre clinico e apaixonado amador de bellas artes, sr. dr. Joaquim Martins. O retabulo em questão veio para Lisboa quando o sr. dr. Ayres de Campos comprou o edificio de S. Thomaz a fim de fazer d'elle a sua residencia.



Retabulo da igreja do collegio de S. Thomaz em Coimbra

minada, inscripta no arco de meio ponto traçado em um portico rectangular, cujo tecto, em apainelado de almofadas, com um anjo em cada quadrado, é desenhado em perspectiva. A imagem veste uma tunica roçagante, cõr de rosa morta, adamscada de ouro, e um amplo manto azul com bordados de ouro, que dois cherubins suspendem aberto a toda a largura do quadro, e á altura dos hombros da imagem. No plano inferior, sobre o fundo formado pelo manto, de cada lado da Virgem e aos seus pés, treze figuras orantes: seis freiras e seis frades da ordem de S. Domingos. D'entre os monges destaca-se um prelado, coroado com a tiara pontificia. Das mãos de uma das figuras desenrola-se um rhylacetera com esta invocação — *Fave tuo Martino*. A cabeça da virgem é de um lindo typo regional, tocado da mais dôce poesia. As cabeças dos monges têm um accentuado caracter pessoal, e devem ser retratos.

O meio relevo a que me refiro acha-se emoldurado sumptuosamente em duas pilastras lateraes, uma base corrida, e uma cornija.

esmaltado, e de cuja fôrma apparece ainda vestigio de contacto na superficie lisa da pedra.

O pontifice, que figura no grupo dos dominicanos, deve ser Paulo III, o qual em 1546 confirmou a licença para a trasladação da communidade do convento velho, no Figueiral, á beira do Mondego, para as casas novas da Sophia.

Na *Historia de S. Domingos*, por Frei Luiz de Sousa, livro II, capitulo V, encontra-se um trecho, que transcrevo, pelo que n'elle se refere á minha hypothese. Sousa allude á obra do Convento novo de S. Domingos nas palavras seguintes :

«Corria a obra de vagar e com fraqueza porque faltava braço de príncipe, que a tomasse á sua conta como em tempos passados . . . N'este estado nos acudiu o duque de Aveiro D. João, neto do grande rei D. Joao II. . . tomou á sua conta parte da obra. Era entrado por este tempo na Universidade para lente da cadeira de prima de Theologia, o famoso Doutor e Mestre Frei Martinho de Ledesma, que sendo de nação castelhano, e filho da provincia de Castella, se incorporou n'esta de Portugal, e foi perfilhadp por este convento de Coimbra.

«Quasi n'um mesmo tempo acommetteu o edificio de dois conventos juntos. Um foi para o collegio de S. Thomaz, que deixou todo acabado, outro para os frades que se mudaram do sitio velho, mas n'este não poude dar cabo, porque emprehendeu maior fabrica do que eram suas forças. Tendo feito galahado para os frades, toleravel para os principios em casa nova, quiz começar a igreja. Engana o gosto de edificar e ás vezes transporta. E os mestres de traças, como dispõem de bolsa alheia, folgam de mostrar habilidade propria e mysterios de architectura. A traça começada a executar obriga a não fazer pé atrás, ainda que ameace impossibilidades. Tal foi a machina que fundou em grandeza, e perfeição de lavor, que despendendo n'ella muitos annos o que lhe valia a cadeira (porque consigo gastava pouco) e sobre este rendimento, que não era pequeno, tudo o que pareceu devia contribuir a casa de Aveiro, por razão de ca-

PELLA-MÓR, cujo edificio estava á conta dos padroeiros : emfim acabou uma vida bem larga. qual foi a sua, sem passar da capella-mór. Mas o que foi lavrado é obra de tanto primor e custo, que pode competir com as que no Reino são mais louvadas. O marmore é alvissimo e mui fino, e a falta que tem de menos forte e duro, do que se requer para obras cujo fim é perpetuidade, recompensa bem com a facilidade de se cortar e lavar : a policia, a delicadeza, e miudeza, que se vê no lavor da pedraria parece traçada mais para pincel em pintura, que para escripto em cantaria.»

O auctor do *Sanctuario Marianno*, talvez por se não ter concluido a igreja em que elle figurava, não faz menção d'este retabulo.

Tenho vaga idéa de que no deposito da Universidade ha um quadro a oleo de assumpto analogo ao do retabulo que acabo de vêr. Será talvez uma homenagem da escola a mestre Martinho, cujo retrato figurará, entre os dos frades de S. Domingos, de joelhos, n'esta composição, perante a imagem da virgem.

A igreja de S. Domingos, bem como o collegio de S. Thomaz, foram adquiridos consecutivamente á abolição dos conventos pelos Pinto Bastos, da Vista Alegre, segundo Pinho Leal no *Portugal antigo e moderno*.

O edificio de S. Thomaz e hoje propriedade do sr. Ayres de Campos. Na restauração monumental, a que procede o novo proprietario, para o fim de converter o antigo collegio em palacio da sua residencia, operarios de Coimbra, da escola admiravel do meu illustre amigo, o sr. Antonio Augusto Gonçalves, estão dando no lavor da pedra e no entalho da madeira, testemunho de uma pericia, que não tem rival no paiz e desafia toda a concorrência.

Muito folgo em comunicar ao publico esta succinta noticia de um documento de arte, até hoje desconhecido, e que tanto honra o trabalho e o talento portuguez.

Lisboa, 27 de março de 1897.

RAMALHO ORTIGÃO.

SEVILHA



PERDOE ME o bello sexo de Sevilla : eu vou proferir a seu respeito uma grande heresia.

A sua formosura é proverbial, quasi dogmatica : as georgianas entre os orientaes não são mais formosas. Mas eu não resisto á tentação de contar as minhas impressões, embora corra todos os riscos dos heresiarchas.

A fama que tem entre nós, portuguezes e até na propria Hespanha torna nos exigentes : nós imaginamos que vimos a uma especie de Olympo, onde encontraremos a

cada passo, nas ruas ou nos *balcões*, verdadeiras Venus, ou pelo menos typos de uma belleza inteiramente fóra do commum.

Mas . . . (aqui vai a heresia) a realidade é muito diversa. Quantos dias decorrem sem que em dezenas de ruas e em milhares de *balcões* os nossos ideaes revistam fórmulas palpaveis ! Quantas vezes chegamos a pensar se o proprio typo da Manola sómente existirá no famoso quadro de Goia !

Eu tenho passeado centenaes de vezes á noite a *calle de las Sierpes*, onde a concorrência de ambos os sexos é espantosa : nenhuma surpresa, nenhum deslumbramento veio ainda destruir as minhas primeiras impressões. Apenas typos muito regulares, uns menos correctos do que os outros, e todos tão brancos, que á luz do gaz tem uma apparencia espectral.

Na Fabrica de Tabacos, onde trabalham milhares de mulheres, o mesmo desengano ; mas ao menos alli os rostos apresentam as suas côres naturaes.

Bem sei que não pôde affirmar quem apenas aqui reside alguns dias que as Venus falem absolutamente ; mas em todo o caso ellas não são vulgares como a fama inculca.

Entretanto a realidade tem seus encantos. E' vêr as sevilhanas n'aquelles passeios nocturnos da *calle de las Sierpes* : os seus movimentos são cheios de vivacidade e graciosos, a linguagem fluente, rapida e insinuante, e o olhar brilhante e incisivo. A mantilha, que alguns dizem, não sei o motivo, ser a ultima expressão do *peplum* grego e do *pallium* romano, é posta por ellas com infinita graça ; e sobretudo agitam o inseparavel leque de um modo tão attrahente, que se lhes perdôa de bom grado o abuso do pó d'arroz.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.



O *Branco e Negro* tem publicado inéditos dos mais notáveis poetas portugueses. Ainda nos seus derradeiros números deu magníficos versos d'esse admirável poeta, que é já hoje, Martinho de Brederode. Agora pôde offerecer ás suas gracios e numerosíssimas leitoras as quadras que se seguem, d'uma superioridade emocional vivíssima, assignadas por uma organização litteraria de raça, Alfredo da Cunha, um poeta lyrico de singular finura, o auctor d'essa aromal *To my soul' idol* e d'essa divina *embaladora Salvé Rainha*.

QUEM CANTA...

QUADRAS SOBRE «MOTIVOS» POPULARES

I

Cantando magoas, espalha as
meu coração, n'um momento,
porque ellas são como as palhas
e o meu cantar como o vento
Porque são as minhas magoas
como as pennas d'ave, leves ;
eguaes á espuma das aguas
passam ligeiras e breves.

E embora tu não attentes
no que as minhas penas são
— tão leves que nem as sentes ! —
pesam no meu coração.

II

Disse-me alguém não sei onde,
Disse-me alguém não sei quando,
que muitas vezes esconde
tristezas quem vae cantando.

Tambem assim vou soffrendo
por tua causa, Maria,
e canto alegre, não tendo
nem'prazer, nem'alegria !

Pois é adagio vulgar,
é verdade bem antiga :
— quem mais se obriga a amar,
mais a padecer se obriga.

III

— Amor com amor se paga —
ensina o velho rifão ;
— Amor com amor se apaga —
mostra-m'o 'o teu coração.

Assim, pois, sem uma queixa,
meu coração deito ao largo,
que o amor apenas deixa
saudades, de gosto amargo.

Assim as penas espalha-as
meu triste peito cantando,
porque ellas são como as palhas
que vae o vento espalhando...

A QUESTÃO LITTERARIA

VAE para dezeseis annos, por occasião do Centenario de Camões, um poeta portuense, lyrico de superior e chrystalina inspiração, o sr. Diogo Souto, quebrou, com uma poesia pronunciada n'um sa-rau do Palácio de Chrystal, a harmonia do hymno votivo que por toda a banda ao maioral da poesia d'ha tres seculos outros vates erguiam, clamando, n'um arranque de franqueza rude, que se o alto evocador das Tagides resurgisse outra vez haveria, para que comesse, de mandar por ahi á esmola, de porta em portá e de rua em rua, o seu magro e fiel Jau.

Agora, no Centenario da descoberta do caminho maritimo para a India, a nota de protesto antecede a celebração das festas. Quatro poetas se insurgem contra a sua oportunidade e a terreiro sahem a combater com molhes de ardidos versos. São o illustre auctor do *D. Jayme* sr. Thomaz Ribeiro, Delfim de Brito Guimarães, o sr. João Alegre e o sr. Castro Monteiro. A defendel-o apparece Dias d'Oliveira. E o rumor da batalha litteraria enche toda a quinzena com um colerico lampear de espadas ripostando vivas ao sol.

Alheando-me por inteiro da questão debatida, — pois que sou até dos que pensam que forçoso é fazer-se o centenario e fazel-o com o mais culminante brilho, desdenhando da ideia de exposições internacionaes para realisar tão somente certamens nacionaes e coloniaes, conferencias, todas as exhibições e festas, emfim, que marquem ás características do genio portuguez as mais impressivas arestas e modelem, n'um vivo e alto relevo, a fascias da nação, — apenas, sob o ponto de vista exclusivamente esthetico, me referirei aos poemetos sahidos.

Intitula-se *Senhor! não!* o do sr. Thomaz Ribeiro. Pertence o poeta á ultima camada dos escriptores românticos e é n'ella sem duvida (Garrett e Herculano sendo em Portugal os porta-estandartes do movimento de insurreição que Schiller na Allemanha, a trilogia Hugo-Lamartine-Musset em França, e Byron no Reino-Unido, faziam vingar com o poder do seu genio) o de temperamento mais nacional. E por ser além de portuguez um beirão escreveu o *D. Jayme*, — pois só um poeta oriundo d'aquella zona e em communicacão permanente com os vigorosos e rudes montanhezes o saberia sentir, analysando-se e como elles se vendo recalitrante a toda a idéa de um nivelamento de fronteiras. Já nos tempos primeiros e rudes da Lusitania era dos altos fraguados dos Herminios que Viriato e os seus fundibularios esmagavam as altivas legiões romanas rolando sobre ellas os penedos que, sem esforço, os seus vigorosos e cabelludos braços deslocavam das serras bravas; e, seculos depois, na manhã memoravel da batalha das margens do Chrysus, em que para sempre se decidia dos destinos dos godos, eram ainda beirões os atheleticos e membrudos homens que com roucos ferozes de raiva se lançavam no mais aceso das hostes berberes. Como em nenhuma outra provincia o amor á terra portugueza, o odio ao estrangeiro, principalmente ao hespanhol, é alli vivo e ardente. Thomaz Ribeiro, por um modo admiravel, soube no *D. Jayme* fixar este sentimento dominador no sobrio e impressivo desenho dos caracteres, todos paixão, força e indomada acção das creaturas do seu poema, nos instinctos livres do heroe, instinctos que levam tanto aborigene a correr os azares do banditismo, a fazer da profissão de contrabandista um doce diletantismo e a defrontar-se na montanha ou nos algares sinistros de

Quadrazas, por noites sombrias de tempestades e neves, com fortes destacamentos de quadrilheiros sahidos em sua perseguição. A ausencia de espiritos criticos, porém, de que tanto póde lamentar-se a actual litteratura portugueza (excepção aberta, claro é, para o malogrado e grande Moniz Barreto, para Bruno, e tres ou quatro temperamentos dotados de facultades de generalisação que á camada nova apenas affloram), a superficialidade de cultura da maior parte dos que por ahi escrevem, faz com que bem injustamente se tenha avaliado o *D. Jayme*. Este poema é uma bella e resistente obra e elle amplamente resgata o seu auctor da *sensiblerie*, do tom quasi sempre excessivamente adocicado das suas muitas lyricas. Do *Senhor, não!* não sei que melhor elogio lhe possa fazer do que declarar que se em alguns dos seus versos o poeta se evidencia molle, falta de vigor na expressão, em muitos outros, porém, nos falla n'uma voz quente e austera, e n'uma lingua d'aço e de metal em braza, em que a energia da convicção empresta á poesia uma ampla e singular força prophetica.

A *plaquette Nao! mil vezes não!* do delicado poeta das *Confidencias*, Delphim de Brito Guimarães, não é propriamente uma obra de satyra amarga e rude, tactuando a gangrena e veneno a epiderme de quem quer que seja, mas antes uma impetuosa proclamação de guerra determinada por um forte movimento de patriotismo que se insurge. Por isso atravez da structura quente do seu verso mal aponta, espreitando, a caraça bipartida e escarnica do sarcasmo; o que o sacode, sim, e o abala n'uma vibração que se prolonga até a derradeira estrophe, é uma latejante, sempre viva e accesa indignação que dá á sua musa uma calorosa energia.

O verso é facil e resonante, de accordo muito musical e doce. E comquanto Delfim de Brito, pelo simples prazer de se crear difficuldades que o seu talento sabe levar de vencida, porfiasse em seguir á risca no uso dos metros do poemeto do sr. Thomaz Ribeiro, nem a camisa de forças que impoz á sua inspiração foi capaz de lhe coarctar o movimento ondulatorio e a tersa flexibilidade do seu rythmo, nem de sopear a borbulhante fluencia do seu verso.

Delphim de Brito, que era até agora um poeta d'amor dotado do mais fino sentimento lyrico, affirma-se com esta *plaquette* tambem um poeta de ardente e impulsiva paixão.

O escriptor que sob o pseudonymo de João Alegre veio trazer ao prelio litterario a contribuição dos seus versos sob o titulo *Senhor, não!* parece-me principalmente um poeta de gazetilha de rima facil e risonha. A sua musa lembra uma rapariga desenvolta e trocista, e a sua satyra é estridula mas sem garras. O poeta diz ironicamente que o centenario será uma especie de tourada, em que o Gama corre touros, são picadores os Castros, bandarilheiros os heroes do Oriente, e o cartaz os *Lusiadas*.

Sim, mil vezes sim! é o pamphleto do sr. Costa Monteiro, e de todos é, por sem duvida, o de satyra mais caustica e atassalhante, mais cruel e viperina. N'elle vibra o sarcasmo as suas puas mais agudas e acidas, e como granizo chovem-lhe, crepitantes e cerradas, as ironias.

A favor do centenario apparece Dias d'Oliveira, poeta moço de futuro. O seu folheto chama-se *Senhor! Pau!*

DOMINGOS GUIMARÃES.

RELOGIOS MUTILADOS

Relogio sem ponteiros, mutilado,
Que sem marcar as horas fosse andando,
Sem tino e sem razão...

Não percebeste os DIAS do Passado,
Vaes do Presente as HORAS desprezando,
Inutil coração!

A Vida é um mal — esquece o mal passado!
A Vida é um mal — ignora o mal presente!...
Nunca dê's horas, velho mutilado,
Nunca despertes, coração dormente!

(Inedito).

MARTINHO DE BREDERODE.

A expedição aérea ao Polo do Norte

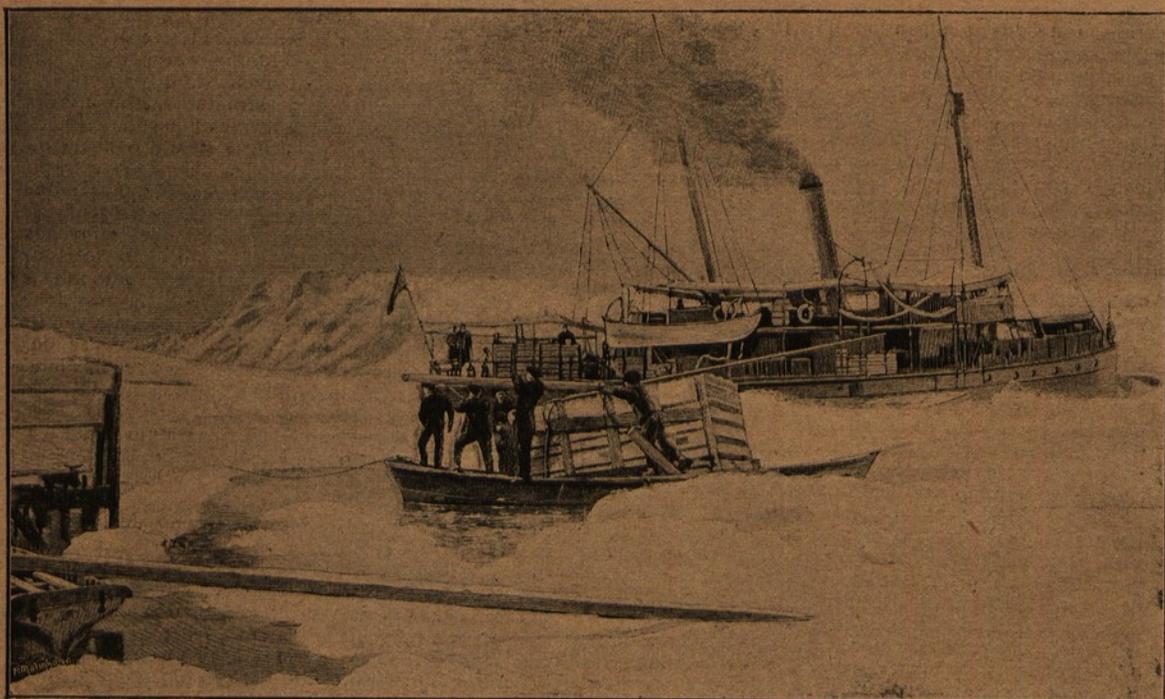
O Branco e Negro procura, quanto em seus recursos está, acompanhar pela illustração e pelo texto todos os acontecimentos de actualidade, que, não só na vida portugueza como na de todo o universo, maior interesse despertem. Assim é que hoje offerece aos seus numerosos e estimados leitores alguns desenhos acerca da audaciosa empresa que o engenheiro sueco André e os notáveis homens de sciencia Ekholin e Strindberg, acabam de tentar — a descoberta d'esse mysterioso e porventura chimerico Polo do Norte, feita d'esta vez por um caminho novo, no balão polar *Adler*.

Depois da tentativa de Fridtjof Nansen é esta a mais aventureira viagem que se tem feito, e parece-nos curioso dar aqui os pormenores da partida de tão audaciosos exploradores. No anno ultimo varios contratam-

Os dois navios, o *Svensksund* e o *Virgo*, chegaram ambos em 30 de maio á vista da ilha dos dinamarquezes, e foi com grande custo que lograram abrir uma passagem por meio do gelo fluctuante.

O hangar, construido no anno precedente, tinha soffrido muitas avarias e foi preciso reparal-o. Mas os artifices suecos são habéis e André não os abandona um instante. Por isso em 14 de junho procede-se ao desembarque do balão, e para o conduzir para terra, atravez dos gelos que enchem a bahia, é necessaria toda a habilidade do sub tenente Norsélius. A 19 pela manhã começa a encher-se o balão; o apparelho do gaz funciona perfeitamente. Pela meia noite de 22 de junho o aereostato possui 5:000 metros cubicos de hydrogeneo.

Emfim, para não se perder tempo, quando o vento so-



CONDUÇÃO, PARA TERRA, DA CAIXA CONTENDO O BALÃO, EM 14 DE JUNHO DE 1897

pos retiveram-nos até 20 d'agosto na costa da ilha da Dinamarca. André e os seus dois companheiros viram-se obrigados a recolherem á Suecia sem poderem tentar a ascensão, desde 27 de julho, dia em que tudo estava organizado para a partida, o vento soprou obstinadamente do norte e do nordeste.

Não obstante este insuccesso, a campanha de 1896 não foi inteiramente perdida: o hangar, o apparelho para o gaz, quasi todo o material necessario poderam ficar collocados e d'est'arte os preparativos da partida este anno estavam muito simplificados.

A segunda expedição aereonautica polar largou do porto de Gothembourg em 18 de maio ultimo no meio d'um enthusiasmo geral, a bordo do *Svensksund*, navio do estado que tocou em Tromsø em 26 de maio.

Ali juntou-se-lhe o *Virgo*, que trazia o material e os reagentes necessarios para a producção do gaz hydrogeneo.

Fraenkel, engenheiro dos caminhos de ferro scandinavos, substituiu Ekholm, e a expedição foi accrescentada com Machuron, engenheiro das officinas aereostaticas de Vaugirard.

pre favoravel á ascensão, os carpinteiros demolem a parte superior do hangar, do lado norte.

Nos dias que se seguem experimenta-se a impenetrabilidade do aereostato, collocando nas costuras tiras de tela impregnada d'acetato de chumbo, que enegrece ao menor contacto com o gaz hydrogeneo sulfuroso.

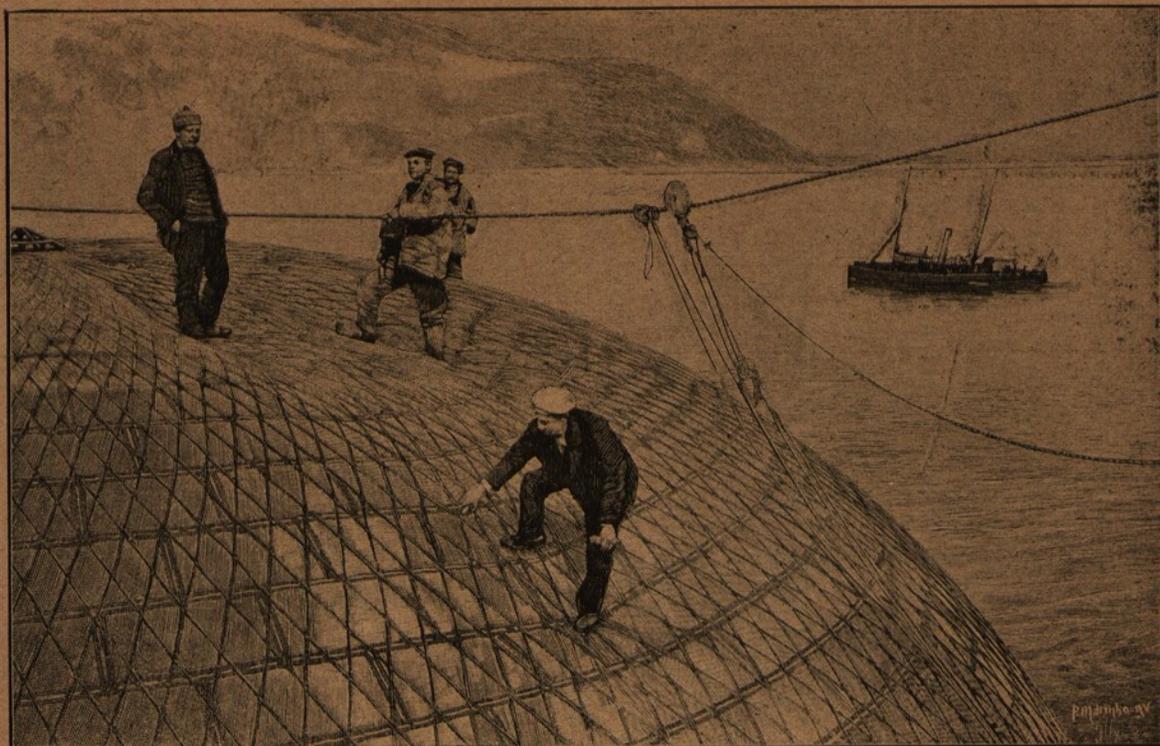
E é um espectaculo sem precedentes na historia da aereostatica o de oito ou dez pessoas trabalharem sobre a cupula de um balão cheio, sem para isso serem obrigados a usar de trucs gymnasticos.

Esta operação dá os melhores resultados: varias aberturas imperceptíveis são cuidadosamente calafetadas.

E em 11 de julho emfim, estando tudo preparado, André, d'accordo com os seus companheiros e achando as condições atmosphericas sufficientemente favoraveis, dá a ordem da partida.

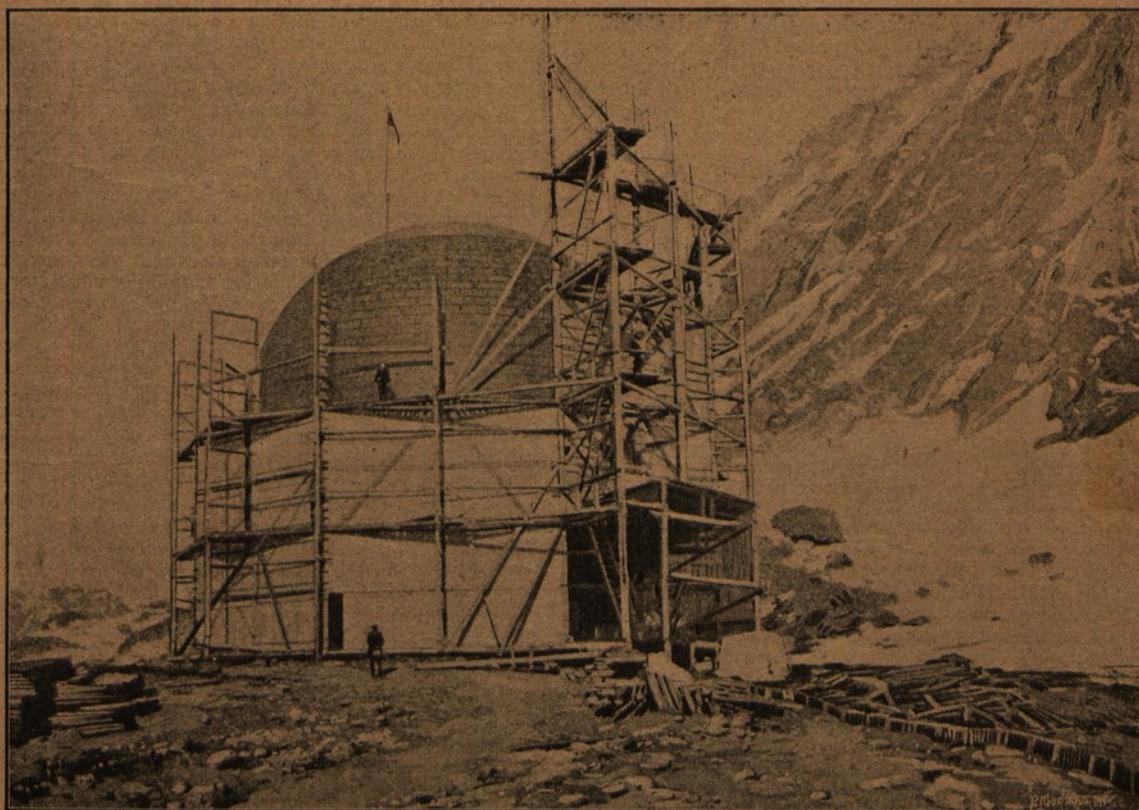
Antes, porém, de abandonar terra, o chefe da expedição dirige dois telegrammas de despedida e saudação, um ao rei da Suecia, outro aos seus compatriotas e aos seus amigos.

A ascensão faz-se nas melhores condições, por enturrahs e aclamações enthusiaslicas, mas na traves-



A INSPECÇÃO DO BALAO, EM 2 DE JULHO DE 1897

sia até Tromsøe corre-lhes um vento muito forte de
 sudeste. Talvez, porém, que, a uma altitude mais septen-
 trional, os aereonautas encontrassem, como esperavam,
 um vento mais favoravel.



(De «L'Illustration»)

O BALAO PROMPTO A PARTIR

LITTERATURA BRAZILEIRA

A CATASTROPHE

SANGUINEAS

E' Ella, sim! é Ella!... mas despida
Do feérico encanto, que a envolvia;
Sem essa mysteriosa luz do dia,
Em que andou sempre, ou cri, andar vestida.

Ella, sim! na penumbra d'outra vida,
Numa mádida névoa doentia:
N'outro tempo invejava-lhe a alegria
O rir, no proprio rir ao ser vencida.

Caudava-a em festa um triumphal alv'roço...
Beijava-a o azul do céo em redemoinho!
Do hymno a rastro aos seus pés já sons não ouço...

Vesgo Silencio entrava-lhe o Caminho...
Não é assim, que o furacão a um fosso
Lança o passaro, e o canto, e o tronco e o ninho?!...

ANJELA SIRENA

CONCHAS E PEROLAS

Tinha doze annos: chego: de repente
Enlaça-me com força: eu vou fugil-a;
Aperta-me inda mais, feroz, tranquilla,
Como uma féra angelica, e innocente.

Quasi achei-me sem mim no attrito quenté:
E ao vêr-lhe o azul da limpida pupilla
Molhar-se todo de um vapor luzente,
E uma inquieta tristeza emfim cobril-a,

Lento e lento arranquei-me d'ella, e a custo,
E sem que d'isso idéa exacta fórme,
Logo um pouco a tremer, n'um vago susto,

Como cançada de um trabalho enorme,
Sobre o meu collo reclinando o busto,
A face em fogo, e soluçando,— dorme.

LUIZ DELFINO.

PROMESSA

(A Albertina Paraiço — minha amiga)

EM frente do fogão a condessa quedava-se meditativa. Ha quanto tempo assim estava nem já o podia dizer, que o dia esmorecendo ia fugindo para a janella, onde a luz esbranquiçada de fóra tinha o seu ultimo combate com o rubro incendio, que flammejava no fogão, pondo tremuras de vida n'aquelle interior silencioso. Camélias murchavam nas jarras e as suas petalas cahiam uma a uma, silenciosas e lentas como lagrimas bem sentidas extravasando d'um coração que não pôde mais conte-las. Errava no ar um não sei quê de vagamente luctuoso, saudades inconfessadas, lagrimas longinquas, risos para sempre perdidos nas primaveras moças... O outomno seguiu o caminho do verão para dar logar ás glaciaes tristezas do inverno, que nos põem lagrimas nos olhos para todas as miserias, compaixão na alma para todas as desgraças.

Alli mesmo entre o luxo requintado da pequena sala Luiz xv havia uma subtilissima athmosphera de soffrimentos occultos, que mais confrangia pela flagrancia do contraste. Vinha talvez da elevada temperatura que murchava mais depressa as flores, das sombras que se iam apertando, da mesma ostentação luxuosa d'esse interior de ricos.

A Condessa, mergulhada em fundo pensar, nem reparara que o livro lhe tinha cahido das mãos, e se ia torcendo de folhas abertas na proximidade do ferro aquecido. Estranha mulher era a Condessa, que ninguem, ao certo, sabia d'onde lhe tinha vindo o loiro claro, sem brilho, quazi cinzento da sua opulenta cabelleira, a alvura marmorea da pelle, o verde liquido dos olhos, os contornos bem lançados do seu corpo d'estatua.

Usava — quando não tinha obrigação de *toilettes* ceremoniosas — uns simples vestidos escuros, sem enfeites, militarmente abotoados até á golla alta, fechada por dois A A enlaçados, em brilhantes e esmeraldas, encimados pela corôa. Nada mais simples! Mas essa mesma simplicidade, achada por um refinamento d'arte, muito mais fazia realçar as linhas harmoniosas do seu bello corpo. N'esse momento, sentada em frente do fogão, as mangas muito justas comprimindo o braço direito fincado no *fauteil* e segurando a cabeça, o vestido de setim preto

um pouco arregaçado, deixando vêr a meia e o sapatinho de seda, a mão esquerda d'uma brancura mate de cera, onde destacava o unico anel, que por habito usava — uma grande esmeralda de brilho intenso, glauco como o dos seus olhos ora fixos — cahida sobre o joelho; a Condessa tinha um tal aspecto de força graciosa, que tentaria o cinzel d'um artista de genio.

Portugueza ou estrangeira, de sangue real ou plebeu, ninguem, ao certo, sabia d'onde tinha vindo essa figura tão rara, de tão suprema distincção! Depois d'uma longa ausencia, em que se dissera que elle viajava pelo Oriente, o Conde apparecera em Lisboa já casado, apresentando a mulher com a maior naturalidade, como se todos devessem acceitar sem commentarios os seus actos. Não deu explicações e ninguem se atreveu a pedir-lh'as, que de muito conheciam a superioridade do seu character impolluto e a coragem fria com que sabia castigar as offensas. Mas a curiosidade ficou latente e todos se julgaram no direito de romantisar á Condessa as mais absurdas proveniencias. Más linguas affirmavam que elle tinha achado o thesouro em casa do jardineiro do seu palacio na provincia; diziam-na outros princeza, filha morgana-tica d'um imperador; historias mais complicadas ainda corriam sobre o assumpto.

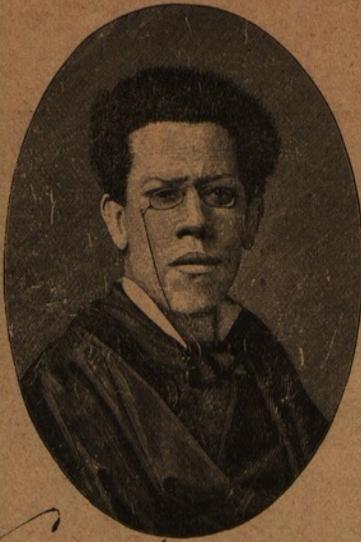
A estranheza d'aquelle casamento fazia ainda correr meia cidade para os ver passar a cavallo ao lado um do outro — elle muito fino, d'uma graça doentia de nobre raça exhausta, ella bem direita na sella, formando com o cavallo apenas um vulto, d'uma distincção de gestos e de fórmas que está unicamente no segredo da natureza.

Assaltada por todas as curiosidades malevolas ou sympathicas, a condessa soubera pôr-se a distancia e tão alta, que ninguem lograra ainda penetrar a intimidade do seu viver. Com o espirito muito lucido e superiormente cultivado, encontrava facilmente a phrase cortez que arreda os importunos. Espionaram-na, seguiram-na por toda a parte e ella — ou só ou aconpanhada pelo marido — era sempre a mesma, grave sem rigidez, simples sem vulgaridade, distincta sem preoccupações.

(Continua.)

ANNA DE CASTRO OSORIO.

Os alumnos do curso jurídico de 1872-1877



Gonçaves Crespo

LEVADOS pela original e sympathica idéa de festejar o 20.º anniversario da sua formatura e de estreitar ainda mais os laços de amizade que os ligava quando estudantes, combinaram encontrar-se em Coimbra os bachareis formados em direito em 1877.

Este curso compunha-se de 67 alumnos, entre os quaes se contava o finissimo poeta das *Miniaturas* e *Nocturnos* o sempre inolvidavel Gonçaves Crespo.

Muitos d'elles conquistaram uma elevada posição social, encontrando-se actualmente um bispo de Angra, outro lente da Universidade, não fallando dos que estão juizes aposentados do Ultramar, directores geraes de alguns ministerios, etc.

O ponto de reunião foi o claustro do mosteiro de Santa Cruz, onde no dia 26 de junho passado, após vinte annos de ausencia, se tornaram a encontrar esses bellos espiritos, povoados n'outros tempos das mais fagueiras esperanças e que surgiam agora com os cabelos grisalhos e as physionomias alteradas pelas canceiras da vida e pela mão impiedosa do Tempo.

Não se pôde descrever a effusiva alegria com que trocaram abraços aquelles 41 saudosos companheiros das lides academicas. Só quem foi estudante e desfolhou pelas ribas do Mondego as flôres d'uma alegre mocidade poderá calcular as fortes commoções por que passaram aquelles corações, cheios de affectos.

Depois dos primeiros abraços dirigiram-se para o *Cemiterio da Conchada*, onde o capellão da Universidade, e tambem seu antigo condiscipulo, dr. Bernardo Botelho, rezou uma missa em suffragio das almas dos seus condiscipulos fallecidos. Pronunciaram-se sentidissimos discursos á beira dos tumulos de dois condiscipulos que alli estão sepultados, cobrindo-os de flôres e collocando n'elles lapides commemorativas d'esta manifestação com os seguintes dizeres :

OS TEUS CONDÍSCIPULOS LEMBRAR-SE-HÃO ETERNAMENTE DE TI
25 de junho de 1897

Ácerca d'estes dois mortos, que elles viram desaparecer a meio da sua carreira litteraria, diremos que á sua memoria dedicaram dois saudosos sonetos os srs. conde de Sabugosa e o dr. José de Castro.

Depois de almoçarem visitaram a Universidade, os seus antigos mestres e os formosos arrabaldes da pittoresca cidade, como o choupal, etc.

No dia 27 realisou-se um intimo jantar na sala do café-restaurant de José Guilherme, á Sé Velha. A sala encontrava-se esplendidamente adornada com flôres, arbustos e damascos, havendo-se encarregado da ornamentação o talentoso lente da Universidade, dr. Julio Henriques; ao fundo da sala, entre flôres, via-se o grupo photographico do curso de 1876-1877, cedido pelo sabio lente, dr. Paes da Silva.

Antes de principiar o jantar o *duetto* do restaurante tocou o *Hymno Academico*, que foi ouvido de pé e saudado com calorosas e freneticas palmas.

Ao jantar (para o qual teve convite especial o filho de Gonçaves Crespo) assistiram os srs. drs. :

Agostinho d'Abranches Teixeira Fazenda Viegas, *Coimbrã*; Alfredo Arthur de Carvalho, *Lisboa*; Antonio Alexandrino Pereira d'Andrade, *Villa do Conde*; Antonio Augusto Gomes d'Almendra, *Villa Flôr*; Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, *Aveiro*; Antonio Ferreira Augusto Junior, *Porto*; Antonio Joaquim Pinto, *Coimbra*; Antonio José de Barros, *Ponte da Barca*; Antonio Julio Pimentel Martins, *Macedo de Cavalleiros*; Antonio Simões de Cervvalho Barbas, *Coimbra*; Arthur Marthiniano d'Oliveira, *Lisboa*; Augusto Victor dos Santos, *Lisboa*; barão do Teixoso, *Teixoso*; Bento Teixeira de Figueiredo Amaral, *Viçeu*; Bernardo Joaquim Cardoso Botelho, *Coimbra*; Diamantino Sequeira Neves, *Foz d'Arouca*; conselheiro Eduardo Rozeiro de Mattos Coelho, *Mação*; Emilio Augusto Ribeiro de Castro, *Vouzella*; Felio Thomaz d'Azevedo, *Paredes de Coura*; Francisco d'Assis Clemente, *Lisboa*; Francisco Fernandes Figueira, *Baião*; Francisco Maria Bordallo d'Andrade e Sá, *Barca d'Alva*; João Gonçaves Medeiros, *Mertola*; João Maria Ribeiro Callixto, *Mira*; João Monteiro Vieira de Castro, *Fafe*; Joaquim Pargana Neves, *Portimão*; José Antonio da Costa de Machado Villela, *S. Thiago*; José Augusto Soares Ribeiro de Castro, *Lisboa*; José Peixoto Pereira de Saldanha, *Marco de Canavezes*; José P. Cirne de C. da S. Bezerra Fagundes, *Vianna do Castello*; José Pinto Dá Mesquita Gouveia (Cons.), *Ervedosa do Louro*; Manuel Augusto Pereira e Cunha, *Lisboa*; Manuel Joaquim Gonçaves, *Vieira do Minho*; Manuel Moreira Feio, *Lisboa*; Manuel Paes de Sande e Castro, *Vianna do Castello*; Pedro Bernardo Soares, *Guarda*; Pedro Metello Côrte Real, *Pinhel*; Roberto Alves de Sousa Ferreira, *Feira*; visconde de S. Sebastião, *Lisboa*; Joaquim Alves da Hora, lente de Theologia na Universidade

Por não poderem tomar parte n'esta manifestação enviaram telegrammas de adhesão e saudação os srs. :

Conde de Sabugosa, bispo d'Angra do Heroismo, drs. Affonso Maria Diniz Sampaio, Aires Guedes Coutinho Garrido, Custodio Franco Barbosa, Domingos de Sousa Moreira Freire, Francisco Soeiro Cerdeira, Manuel Pinheiro Guimarães, Duarte de Andrade e Albuquerque, Guilherme Poças Falcão, José Antonio Forbes de Magalhães, Affonso Accacio Martins Velho, Avelino Augusto Dias, Constantino Ferreira d'Almeida, José Osorio Mesquita d'Oliveira Homem e Manuel Rufino da Graça.

Leram-se bilhetes de felicitação dos lentes drs. Chaves e Castro, Bernardo d'Albuquerque, Emygdio Garcia, etc.

Levantaram-se calorosos e entusiasticos brindes aos lentes da Universidade, ás esposas e filhos dos manifestantes, á viuva de Gonçaves Crespo, a Coimbra, ao secretario da Universidade, ao dr. Alves da Hora, lente da Universidade e seu antigo condiscipulo, etc.

Por occasião dos brindes deram-se algumas interessantes peripecias, que vamos relatar, cingindo-nos á narração de um dos manifestantes :

Quando Gomes d'Almendra brindava por Ferreira Augusto e Pereira e Cunha, como os dois condiscipulos mais prestimosos e amigos do seu curso, foi interrompido com muita graça pelo José Pinto, que pediu para fazer a apresentação do Almendra, recitando por essa occasião umas formosas quadras que lhe dirigira Gonçaves Crespo, em resposta a uma outra que aquelle lhe tinha feito, depois de ter dado um pequeno estenderete em direito ecclesiastico.

Almendra dirigiu ao Crespo a seguinte quadra :



OS ESTUDANTES DO ANNO JURIDICO DE 1872-1877

Photographia tirada em 27-6-97 pelo Centro Photographico-Academico de Coimbra.

Crespo canonista,
Impingindo-nos lição,
Parece um regente d'orchestra
Com a batuta na mão.

A notar que Crespo, quando dava lição, estava munido d'um enorme lapis.

Crespo, desesperado pela epigrammatica quadra, respondeu-lhe pela seguinte fórmula :

Na riba em flôr d'escamandro
Onde a Iliada s'engendra,
Havia um pio malandro
Cujo nome era d'Almendra.

Dizia-lhe o rei Evanдро.
Com ares que o furor accendira :
Malandro, porque és Almendra ;
Almendra, porque és malandro.

Escusado será referir a gargalhada e o enthusiasmo que produziu a recordação d'esta scena academica.

A outra foi a recitação da sextilha que na recita do quinto anno, além de muitas outras, foi dirigida a Ferreira Augusto, a qual, como os demais versos, produziu grande hilaridade. Ahi vae :

Este que aqui vêdes, é o Ferreira Augusto,
Que por signal, em noite de magusto,
Ousou atafulhar nas ro-cas do tripil
O codigo da Austria, da Prussia e do Brazil,
E por cima de todos o codigo hespanhol :
Ao vêr tamanho horror, tapou a cara o sol.

A proposito d'outro brinde levantado com muito espirito pelo José Pinto, foi tambem recordada uma quadra de Gonçalves Crespo, auctora da peça theatral levada a scena pelo curso de 76-77.

E' a seguinte :

Este é... o lendario typo
Que por signal nos polos
Esvasia d'um trago
Um pipo.

O jantar emfim foi uma festa magnifica e devéras entusiastica, como o podem testemunhar as pessoas que passavam á Sé Velha, e a quem parecia que se tractava mais d'uma festa, alegre, de rapazes descuidosos, do que d'uma festa de ecclesiasticos, magistrados, juizes, etc.

*
* *
Como vimos de dizer fez parte d'este curso o insigne poeta Gonçalves Crespo, que foi o auctor da peça de despedida do curso do quinto anno juridico de 77.

A peça epigraphava-se *Phantasias do Bandarra* e começava em Lava-rabos (hoje S. João do Campo) aldeola nos aros de Coimbra e findava em Roma.

Era uma operetta repleta de dictos esfusiantes de graça e pilheria e ornada de musica composta por Forbes de Magalhães e Simões Barbas, actual professor de musica na Universidade e talento musical de primeira grandeza.

Representou-se com grande successo no theatro Academico em beneficio da Sociedade Philantropico-Academica, em 14 de março de 1877, distribuindo se pela sala grande numero de poesias em que diziam adeus á vida coimbrã, salientando-se uma que se tornou celebre pelas referencias que fazia a varios individuos então muito conhecidos. Esta poesia, embora se refira ao delicioso poeta das *Miniaturas*, temos ouvido attribuil-a a Gonçalves Crespo.

Ahi vae :

ADEUS

Adeus, ó mocidade, ó branca flôr da giesta,
Vós que ides largar em breve estas paragens,
E que levaeis talvez as lividas imagens
Do Codigo Civil gravadas sobre a testa ;
Oh ! dae me o vosso adeus, ó branca flôr da giesta.

E como vós ideis tristonhos, solitarios,
Ao deixar para sempre a *cabra*, o Gallião,
A magica sebenta, o Junior Paixão,
E muita cousa boa e tantos casos varios,
Que vós ides deixar tristonhos, solitarios,

Assim largaes Coimbra e a tasca das Camellas,
A vossa capa velha e os sabios verdiaes ;
E em noites de calor não volvereis jamais,
A' luz crepuscular das pallidas estrellas,
A entornar um litro á tasca das Camellas.

E como vós deixaeis á dôr acorrentados
O lirico Ferraz e o mestre Rosalino !...
E creio hão de chorar o Bolson e o Paulino,
O Emigdio sapateiro, a prima e os cunhados,
O prego do Matheus, a lua, o sol e os prados.

Porém tudo isto fica, e vós ides marchar.
Ideia aterradora, ó sorte desgraçada !
Levai ao menos vós o Bolson da Calçada,
Prendei-o por lá bem, não m'o deixeis voltar,
Senão transforma em juro a terra e Deus e o mar.

E tu, ó grande Crespo, ó lirio desbotado,
Tu que és nobre e bom e muito cavalheiro,
Leva o Paulino, leva e prende-o a um coqueiro
Das terras do Brazil... enquanto que eu, coitado !
Cá fico a lamentar-te, ó lirio desbotado.

Março de 1877.

* * *
Os manifestantes offertaram 100.000 á Sociedade Philantropico-Academica, e desejando levar uma recordação d'esta esplendida festa, deliberaram tirar um grupo photographico. Para realisarem esta idéa, escolheram o magnifico *Centro Photographico-Academico*; que produziu um bello cliché, que é mais uma confirmação dos altos creditos de que goza este estabelecimento.

Esse grupo foi tirado na artistica porta da Capella da Universidade, e n'elle entraram os archeiros do tempo dos manifestantes.

E' a reproducção d'essa primorosa photographia que hoje offerecemos aos leitores do *Branco e Negro*.

FOLHA DE MALVA

Quando as folhas eu li ao livro delicado
De doces orações que manda ao Senhor,
Senti que me tocou a sombra de um peccado
Do livro ao se evolar o mais suave olôr,

Se a tua branca mão passou n'aquella folha
De malva que no livro assetinado achei,
No missal que o teu pranto alabastrino molha

Não me digas sem crime, ou com peccado leve
Porquanto eu não peccara assim como pequei,
Se um longo beijo dêsse em teu rosto de neve.

Antes quizera ter ao meu olhar maguado
Estas rimas que faço, estes versos sem dôr,
Cheios do meu viver de pobre condenado
Por sentir n'uma prece o cheiro de uma flor.

ARTHUR MENDES.

OS PARLAMENTOS DO MUNDO

I

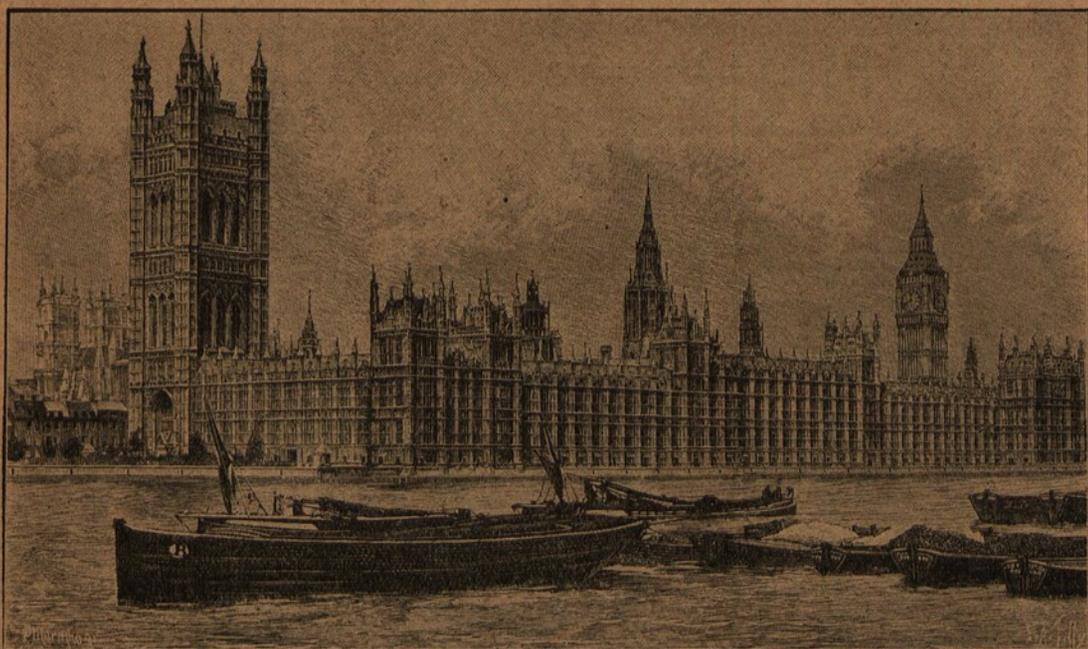
INGLATERRA

A Constituição inglesa é sem duvida a mais antiga, razão esta que nos levou a considerá-la a melhor. Mas quasi poderíamos dizer que não existe Constituição em Inglaterra se por esta palavra se entende um estatuto fundamental, que equilibre os poderes do Estado com os direitos publicos. Em nenhum periodo da sua historia tiveram os ingleses necessidades de semelhante estatuto ; em troca possuem uma serie de cartas

e os restantes 477 duques, marquezes, barões, etc. A cathogoria dos pares é hereditaria.

A camara dos commons compõe-se de 652 individuos, elegidos, por sete annos, pelos contribuintes dos condados e das aldeias e pelos eleitores aggregados ás universidades.

A corôa tem o direito de dissolução. Os deputados, porém não pódem apresentar a sua demissão ; sómente



O PALACIO DO PARLAMENTO EM LONDRES

e de *bills* cujas promulgações se tem desenrolado parallelamente com as necessidades do povo e as ideias de progresso e cujo conjuncto constitue o parlamentarismo inglez.

A fórma do governo do paiz é a monarchia constitucional com um parlamento composto de duas camaras : a dos *lords* e a dos *commons*. O soberano exerce com o parlamento o poder legislativo e tem, em principio, o direito absoluto de véto, que na pratica, porém, se póde considerar como cahido em desuso.

Antigamente os *lords* e os *commons* celebravam as sessões reunidos, mas em 1830, sob o reinado de Henrique I, a separação fez-se. Poder-se-ha afirmar que os *lords* são o producto do systema feudal modernisado. A sua camara compõe-se de 503, distribuidos pela seguinte fúrma : 26 são arcebispps ingleses, 24 bispos anglicanos

quando acceitam um emprego remunerado da corôa e isto dado o caso de não serem reeleitos. Não recebem paga alguma ; o presidente apenas percebe um indemnisação de 6:000 libras esterlinas.

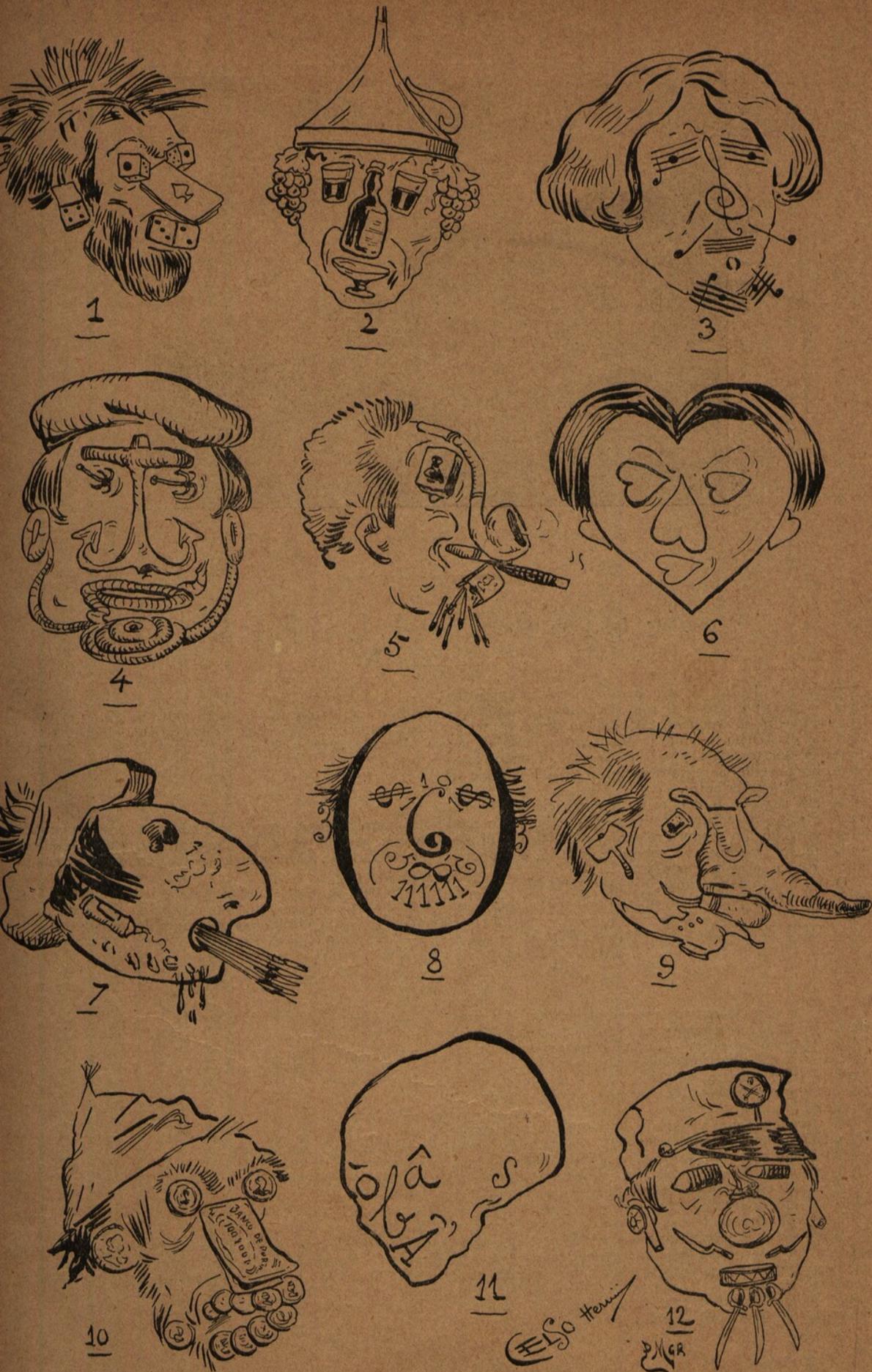
A camara não verifica os poderes dos seus membros e manda a um tribunal especial as representações que teem por objecto invalidar qualquer eleição.

Não ha mesa mas um *speaker* que faz as vezes de presidente ; a camara eleje-o por toda a legislatura e a sua nomeação tem de ser em nome da corôa confirmada pelo lord chancellor.

Em Inglaterra a rainha reina, os ministros governam e o parlamento inspecciona, quer dizer, o poder executivo propõe, d'onde se segue que as camaras não pódem deliberar senão por iniciativa do executivo.

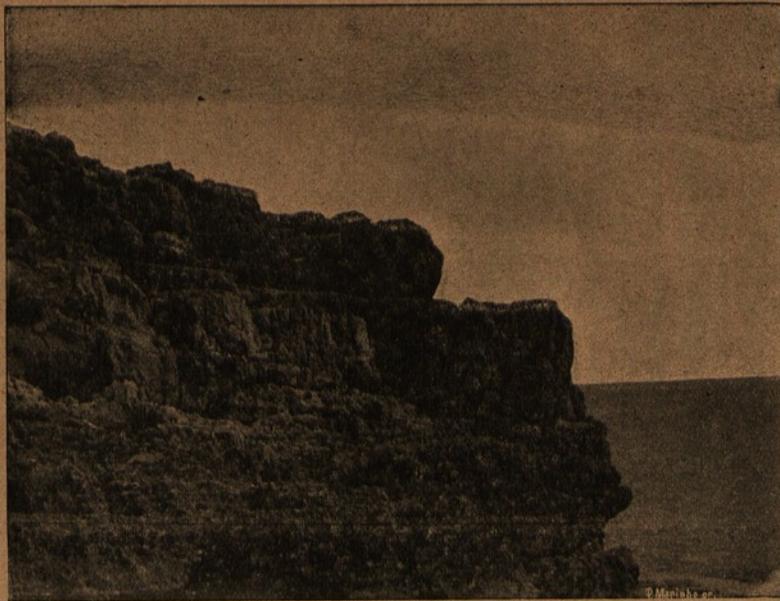


A PHYSIONOMIA É O ESPELHO DA ALMA



1, Jogador — 2, Bebado — 3, Musico — 4, Maritimo — 5, Fumador — 6, Amoroso — 7, Pintor — 8, Guarda-livros — 9, Sapateiro — 10, Usurario — 11, Mestre-escola — 12, Militar.

AS BERLENGAS



PASSOS DE D. LEONOR — (Da lenda D. Leonor e frei Rodrigo)

COISAS ALEGRES

EL-REI D Pedro V teve como seu ultimo ministro d'obras publicas a Thiago Horta, de quem se mostrava muito afeiçoado, e até amigo. Nos derradeiros dias de existencia, quando já prostrado no leito d'onde havia de ser transferido para S. Vicente, Thiago Horta raras horas se lhe ausentava junto do leito. Foi, póde dizer-se, o seu enfermeiro.

D'uma vez que o doente, na impaciencia dos febricitantes, tinha descoberto os pés, mas parecendo então estar gosando um repouso relativo, o ministro, cautelloosamente, surdamente, aproximou-se do leito, e aconchegou a roupa em volta dos pés.

O rei, que mal dormitava, perguntou-lhe com um sorriso que abriu por entre aquella sua tristesa desesperançada :

— Então, isso tambem são obras publicas ?

*
* *

João de Deus contava, que na sua aldeia, Messines, havia um rapaz de pouco mais de 20 annos, trabalhador de carpinteiro na officina do pae, o qual rapaz, por vezes, mostrava-se possesso da monomania de que era o proprio Jesus-Christo.

Elle morava n'uma das ruas da aldeia, n.º 27, 3.º andar.

Nas horas em que a fantasia do pobre louco laborava n'aquelle delicioso sonho celestial, era de vê-lo, divagando pelas estradas, sosinho, o gabão apertado pela cinta tomando ares de tunica, os bellos olhos d'arabe fitos no céu e bipartindo distrahidamente a barba fina e sedosa d'adolescente.

Toda a gente da aldeia respeitava o desarranjo mental do bom rapaz, e deixava-o ir. Com João de Deus, aprazia-lhe conversar, quando se encontravam ; e o poeta ficava-se com o louco a sorrir benevolmente dos seus desconcertos.

Foi n'uma d'estas conversações que João de Deus, teve que lhe perguntar — onde morava.

— Onde móro ! (responde o louco com um gesto de piedade, pela ignorancia que revelava a pergunta) Onde heide morar ? !! A' mão direita do Deus Padre, Todo-Poderoso... n.º 27, 3.º andar.

*
* *

Um amigo nosso, como bom educador pratico, quando sahe a passear com os filhos, aproveita tudo o que se lhe offerece de aproveitavel, para ir dando aos pequenos noções e ideias.

Em um dia d'estes, iam ambos flanando pela baixa, e em nossa companhia um filho d'elle de 10 annos.

Apontando uma taboleta, pergunta lhe o pai :

— O que está alli escripto ?

— Tabacaria.

— E o que quer dizer ?

— Que n'aquelle loja se vende tabaco.

Mais adiante :

— E n'aquelle ?

— Camisaria.

— O que significa ?

— Que alli se vendem camisas.

D'outra vez :

— E acolá ?

— Sapataria.

— Quer dizer...

— Que se vendem sapatos.

N'outra rua :

— E n'aquelle outra ?

— Alfaiaateria.

— Significa que...

— Que alli se vendem alfaiates.

O pae embuchou. Logo a poucos passos viu outra taboleta de *Vaccaria*, mas já não interrogou o filho.

Oh ! O espirito logico e deductivo das creanças ! Adoravel !

Assim fosse o dos alfaiates... e outros.

H.

SECÇÃO RECREATIVA

UMA PULSEIRA E UM PAR DE BRINCOS D'UM BILHETE DE VISITA

VAMOS apresentar aos amadores de pequenos trabalhos manuaes a maneira de se transformar um bocadinho de cartão em dois ou mais aneis continuos.

Desenhe n'um bilhete de visita, um tanto grosso, tres circulos concentricos que tenham 21, 16 e 11 millimetros de circumferencia. Esvazie o circulo interior e recorte o contorno do circulo exterior: tereis assim um anel da largura de cinco millimetros, no qual está desenhada a circumferencia média de 16 millimetros.

Contorne com o canivete a circumferencia media, mas tendo o cuidado de respeitar o pequeno arco de circulo comprehendido entre as linhas obliquas indicadas no desenho junto.

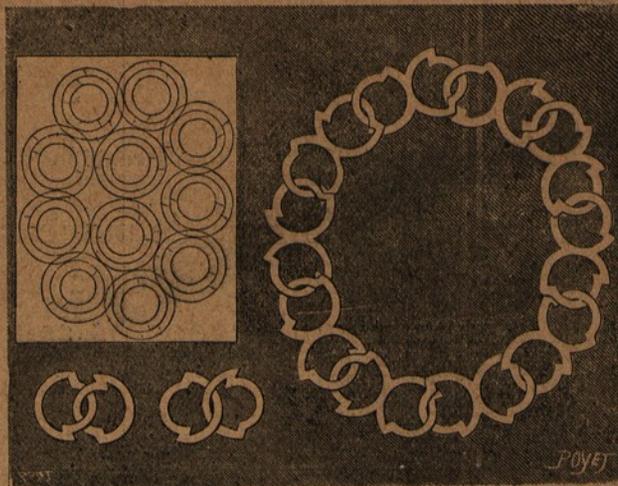
Até aqui nada mais facil, mas eis o mais delicado do trabalho.

Trata-se, com a ponta do canivete, de cortar o cartão, segundo a sua grossura, no espaço comprehendido entre as pequenas linhas obliquas, de modo que a metade do anel interior possa unir-se á metade do anel exterior.

Com algum cuidado chegareis muito facilmente até este ponto, e tereis assim o anel de cartão transformado em dois, mettidos um no outro, e sem solução alguma de continuidade.

Isto constituirá, querendo, um brinco semelhante ao que vêdes na parte inferior do nosso desenho da esquerda

Uma vez familiarisados com o trabalho d'um só anel, desenhareis agora em roda do bilhete de visita uma serie



de circulos concentricos, sendo cada circulo exterior tangente ao circulo medio do anel visinho. Procedereis para cada anel como explicamos acima, mas deixando os aneis pegados dois a dois em forma de ∞ . Obtereis assim a bonita pulseira que vêdes desenhada junto. Os circulos destinados a servir para os brincos estão desenhados no centro da pulseira.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND,,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, Rua Augusta, 95, Lisboa

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruí-lo desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor.

50, 52 — Rua Augusta, 52, 54 — LISBOA

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

Typographia e Stereotypia MODERNA — Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



A PRIMAVERA — (Quadro de Pablo Phusmann)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 71

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerp-
ptos documentaes em prosa e
verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA



Formando além do bello
trabalho critico do auctor, um
delicioso album de poesias e prosas
dos maiores poetas e prosadores brasilei-
ros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por
mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua
portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA
PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 71

LISBOA, 8 DE AGOSTO DE 1897

2.º ANNO

O PEDRO SEM

I

O PEDRO SEM constitue uma lenda, que sendo das que actualmente estão mais em voga em Portugal, é todavia das que se acham menos estudadas debaixo do ponto de vista tradicional e *folklorico*. Quaes são as suas origens? qual a época definitiva da sua formação e do seu apparecimento? qual o facto historico ou social que lhe serviu de base? Taes são os dados do problema até agora insolúvel e ao qual procuraremos dar resposta, senão inteiramente satisfactoria, pelo menos aproximada quanto possível da verdade.

Que saibamos, ou que nos lembre, apenas o sr. dr. Theophilo Braga enumera nas lendas nacionaes o *Pedro Cem (sic)*, pondo-o na extremidade do rol, querendo porventura designar por este modo a propinquidade da sua elaboração. Nada, porém, nos esclarece sobre o caso, limitando-se a dizer em nota que tem preparado um volume em que são colleccionadas estas lendas na sua redacção mais antiga, com estudos sobre a sua formação. (*)

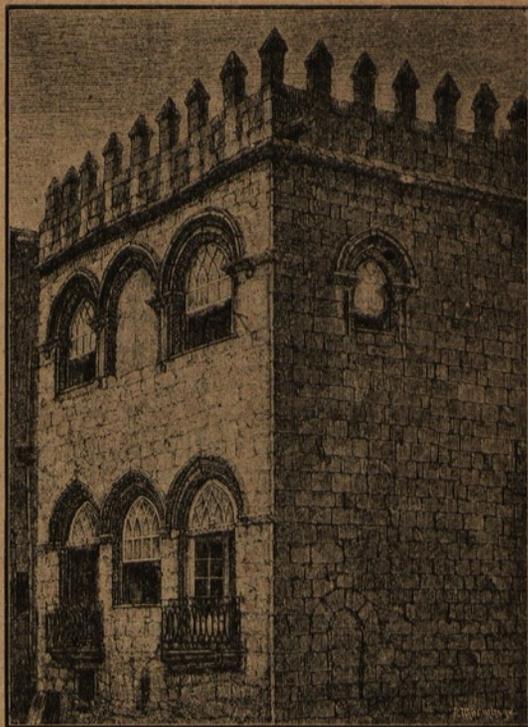
A lenda de Pedro Sem ouvimos-a em creança, é corrente ainda hoje, mas não sabemos se ella nasceu espontanea da tradição popular ou se já foi um producto da influencia litteraria. E a nossa duvida resulta de diversas causas, algumas das quaes pesam bastante sobre o nosso espirito e nol-o deixam perplexo.

Na sua essencia, a historia do Pedro Sem é singelissima. O protagonista era um rico negociante do Porto, a quem a fortuna bafejára de continuo, soprando-lhe ao mesmo tempo o mais desmedido orgulho. As suas transacções mercantis decorreram sempre tão proficuas que elle julgava-se superior a qualquer golpe da adversidade, por mais violento que fosse. Um dia vieram annunciarche o apparecimento da sua frota, que chegava d'além mar, ou das Indias ou do Brazil. No auge do seu contentamento e da sua vaidade, Pedro Sem convidou os amigos para assistirem ao espectáculo do alto d'uma torre d'onde se descobria o mar. Essa torre localisa-a a tradição nas proximidades do sitio onde é hoje o Palacio de Crystal.

Era numeroso o comboyo; os navios vinham abarrotando de preciosas mercadorias. Então Pedro Sem, n'um impeto de entusiasmo, exclamou desvairado:

— «Agora, nem Deus seria capaz de me fazer pobre!»

Era um repto, demasiadamente provocante, atirado á face do destino. Os amigos estremeceram deante d'esta blasphemia e entreolharam-se espantados, mas o sobresalto durou pouco para dar logar a uma sensação mais violenta ainda. O horizonte que até ali se conservára sereno e puro annuviou-se de repente; uma tempestade violentissima soltou os seus furores; as vagas encapellaram-se medonhas, e ao rugido d'aquella symphonia infernal todos os navios deram á costa e despedaçaram-se nos rochedos. Era o castigo da Providencia, que d'esta vez estava d'orelha á escuta e não quiz perder o ensejo favoravel de dar uma severa lição de moralidade a um patife. Ah! se a justiça divina fosse sempre tão previdente e opportuna, o mundo andaria mais direitinho e não veriamos tanta maroteira pavonear-se insolente da sua impunidade. Mas a justiça divina, por nossos peccados, é ás vezes o prototypo dos carabineiros de Offenbach. Não



ANTIGA CASA MEDIEVAL NA RUA DA REBOLEIRA

prescrutemos porém, estes mysterios, que seria imperdoavel temeridade o querer imitar d'algun modo a imigia arrogancia de Pedro Sem.

O que é certo é que o poderoso argentario, o commerciante omnipotente, cahiu de subito, fulminado no seu pedestal de orgulho, como idolo de ouro a quem se partiram os pés de barro, e resvalou nos insondaveis abyssos da miseria. Como era natural, os amigos, que se banquetearam com elle nos dias de regosijo, voltaram-lhe as costas, pensando de si para si que seria tentar a Providencia soccorrer um homem, que tão aleivosamente a offendera. A sabedoria do homem suggere-lhe d'estes sensatos raciocinios, que desculpam e cohonestam commodamente o seu egoismo. Abandonado de todos, arrastando miseravelmente a sua amaldiçoada existencia, Pedro Sem estendia a mão á caridade dos transeuntes, lembrando-lhes n'uma cantilena dolorosa o seu passado de grandezas — *dae esmola a Pedro Sem, que já teve e agora não tem!*

O nome do desgraçado pedinte ajudava lacrimosamente á melopeia. E' de crêr até que a rima concorresse d'algun modo para a formação da lenda, que é muito possível seja uma d'estas narrativas communs a todos os povos, mas que se adequou ao nosso paiz, naturalizando-se portugueza. Diversos elementos historicos contribuem, porém, para lhe dar fóros de nacionalidade. Antes de os apresentar e desenvolver, seja nos permitido

(*) Theophilo Braga, *Tradições do povo portuguez*, tomo II, pag. 448.

expôr as duvidas que acima já apontamos com relação ao caracter popular da lenda.

Temos noticia de tres obras a que ella serviu de thema: dois dramas e uma narrativa. A peça dramatica mais antiga é devida a um Luiz Antonio Burgain, francez residente no Rio de Janeiro, onde era professor particular da sua lingua, occupando-se tambem em escrever para o theatro. Foi publicada n'aquella cidade em 1847 e intitula-se *Pedro Sem que já teve e agora não tem*, drama fundado em factos. Foi approvado pelo conservatorio dramatico do Rio de Janeiro e pelo de Lisboa.

Em Lisboa publicou-se em 1861 outro drama *Pedro Cem*, de Luiz Maria Feijó, o festejado auctor do *Camões do Rocio*.

Qual dos dois tivesse mais acceitação do publico nos theatros de Portugal, é questão a que não nos achamos habilitado a responder.

Nunca vimos o drama de Burgain, e porisso não sabemos como elle desenvolveu o enredo e quaes foram os factos que lhe serviram de base, qual o seu ponto de apoio, qual a maneira como elle recebeu a tradição e esta se communicou ao Brazil. Sem duvida foram os colonos do Porto e das provincias do norte os vehiculos transmissores.

O drama de Feijó não revela nenhuma origem lendaria e popular, bem como a narrativa em prosa, de que temos á vista a 6.^a edição (Porto, 1894), e que é devida ao sr. Raphael Augusto de Sousa, que para avolumar a obra lhe ajuntou o romance de Camillo: *Praga rogada nas escadas da forca*, e outro de Nuno Maria de Sousa Moura: *Alzira ou o genio dos tumulos*. Intitula-se *Vida de Pedro-Sem* e até o preço porque se vende, 120 réis, está trahindo as suas pretensões litterarias.

O *Pedro Sem* já ha muito que não faz o enlevo das nossas plateias, a não ser que ainda accorde os applausos populares em algum barracão de feira. No entanto a lenda continua perpetuando-se de geração em geração até que um dia ache ecco amavel no espirito de algum poeta, que, enamorando-se d'ella, a transforme n'um delicioso romance, como fez Garret á sua *Miragaya*. Isto se o positivismo do tempo que vae decorrendo não cestar com o gelo do seu scepticismo toda a florescencia primaveril da imaginação popular.

Duas são as épocas em que se póde localizar, já pelos monumentos architectonicos, já pelos documentos escriptos, a lenda do *Pedro Sem*. Dois seculos medeiam de uma á outra, e á falta de provas evidentemente demonstrativas, não sabemos qual d'ellas deve ser escolhida de preferencia. E' indubitavel que no seculo xv existia nos suburbios do Porto uma torre denominada de Pedro Sem. Hoje está para assim dizer no coração da cidade, defronte do Palacio de Crystal, adjunta e engravada no palacio Monfalim, salientando-se na parte posterior. Em 1485 a vereação portuense deliberou estabelecer ali um hospital para os enfermos da peste, que então recrudescia no burgo. Sabemos d'este importante episodio pela referencia que lhe faz o sr. dr. Ricardo Jorge no seu erudito e interessante estudo sobre as *Origens e desenvolvimento da população do Porto* (pag. 85.)

E' possivel que a leitura da acta da vereação, a que se refere o illustre professor, nos forneça mais alguns esclarecimentos sobre aquelle personagem do seculo xv, indicando-nos qual a sua prosapia e se ainda viveria n'aquella anno ou se a torre, morto o proprietario, conservaria apenas o nome do seu primitivo fundador. Não deixa todavia de causar estranheza que nos suburbios do Porto existisse um edificio d'aquella natureza, que era por certo o solar d'algum homem de vulto e que tinha todos os caracteres d'uma residencia feudal. Como se sabe, o Porto era orgulhoso dos seus privilegios, que não consentiam que a fidalguia morasse a dentro das suas portas ou no seu termo. D'aquella época, reinado de D. Affonso v, achamos nós, na chancellaria d'este monarca, os vestigios da opposição que a cidade empregou para obstar que Fernão Coutinho podesse residir em Monchique.

Como aquelle velho edificio viesse a ser propriedade da casa Monfalim tambem não o pudemos por emquanto averiguar, sendo muito de crêr que os titulos do seu cartorio possam lançar alguma luz sobre o assumpto, demonstrando como elle foi passando de mão em mão até os actuaes possuidores.

O que é certo é que no tempo do Marquez do Pom-

bal a torre se achava ao abandono, conservando todavia a sua primitiva designação. No *Diccionario Geographico*, manuscripto que existe na Torre do Tombo, colleccionado por aquella época, na descripção da freguezia de Cedofeita, então ainda extra-muros, encontra-se um trecho, que nos fornece um testemunho bastante curioso. Diz esse trecho, em resposta ao quesito 25:

«Ao 25— que nesta freguezia se acha uma torre antiga chamada de *Pedro Sem*, donde se descobre o mar, a qual he toda de esquadria com suas ameias fortalecidas e achase ao prezente sem telha nem madeira e somente a pedraria existe. Tambem a *Torre da Marca*, donde os homens de negocio do Porto vam ver os navios quando entrão e sahem; he de alvenaria serve de valliza aos navios, quando entram na barra do Porto. Ha tambem o *Mirante dos inglezes*, donde estes e o povo da cidade do Porto vão ver o mar, e a mesma entrada e sahida dos navios; acha-se ao prezente sem telha, existe a pedraria».

Esta informação é de 1758. Causa estranheza que sobre a lenda que anda ligada á torre de Pedro Sem não se faça a menor referencia. Estaria já obliterada? Teria vindo depois, ou o informador julgou que não merecia a pena ligar-lhe importancia, como coisa apenas digna de entreter os ocios da gentilha? Responda quem puder que em tudo isto, como é natural, anda o mysterio a envolver-nos na sua nuvem impenetravel, como se dentro d'ella se occultassem os segredos ou os destinos d'um deus.

Como quer que seja, a Torre de Pedro Sem é um edificio caracterisadamente medieval, com as suas portas e seteiras em ogiva; gigante de granito que devia destacar-se isoladamente na sua solidão secular, enigma do passado, formando perfeito contraste não só com o edificio que lhe está annexo, mas com o palacio fronteiro, em cuja nave o órgão canta religiosamente os hymnos do progresso.

Quer a consideremos como um specimen da architectura da sua época, quer a consideremos sob o ponto de vista lendario, a torre de Pedro Sem, como a igreja de Cedofeita, que lhe fica a pequena distancia, é um dos monumentos mais curiosos do Porto, e digna de se lhe ligar mais importancia. Felizmente o camartello do progresso, tantas vezes camartello do vandalismo e da destruição, tem-n'a poupado até agora, e fazemos votos para que continuem a respeitá-la — a respeitá-la ou a esquecê-la, porque não raro o esquecimento é o melhor conservador das coisas velhas.

A Torre de Pedro Sem é um veterano da idade-média. O seu senhor, se não assistiu á batalha de Aljubarrota, talvez ajudasse a salvar a honra nacional na batalha de Toro, e não deixou de escalar as muralhas das praças d'Africa. Não diremos para condecorar honrosamente o veterano: pedimos apenas para que lhe não rasguem a sua farda de pedra!

II

Estudemos agora o segundo fundamento da lenda, o qual sendo mais moderno, d'uma feição mais burgueza, não deixa todavia de coadunar-se perfeitamente com o caracter mercantil do protagonista.

No ultimo quartel do seculo xvii existia no Porto um individuo chamado *Pedro Cem*, conforme vem orthographado no documento official, e que devia ser homem de teres e um dos principaes commerciantes d'aquella praça. Documentos posteriores, como teremos ensejo de vêr, virão confirmar de sobra esta supposição, dando nos largos conhecimentos sobre a sua origem e descendencia.

Conjunctamente com Manuel Bellesá d'Andrade, com Francisco Ferreira e outros moradores de Cima do Muro, desde a Porta Nova aos Guindaes, queixou-se elle a el-rei dos danos que causava nos predios e á propria muralha o atirar continuo dos navios que subiam Douro acima. Algumas casas tinham já ruido e o muro apresentava fendas. A camara prohibira que as embarcações, a partir d'aquelle sitio, disparassem artilheria, mas a postura da municipalidade não se cumpria, apesar das graves penas impostas. El-rei, attendendo á representação dos magnates portuenses, mandou que se não consentissem os tiros, sob pena de 50 cruzados pagos na cadeia para os captivos, da primeira vez, e a multa dobrada das mais vezes que se repetisse a con-

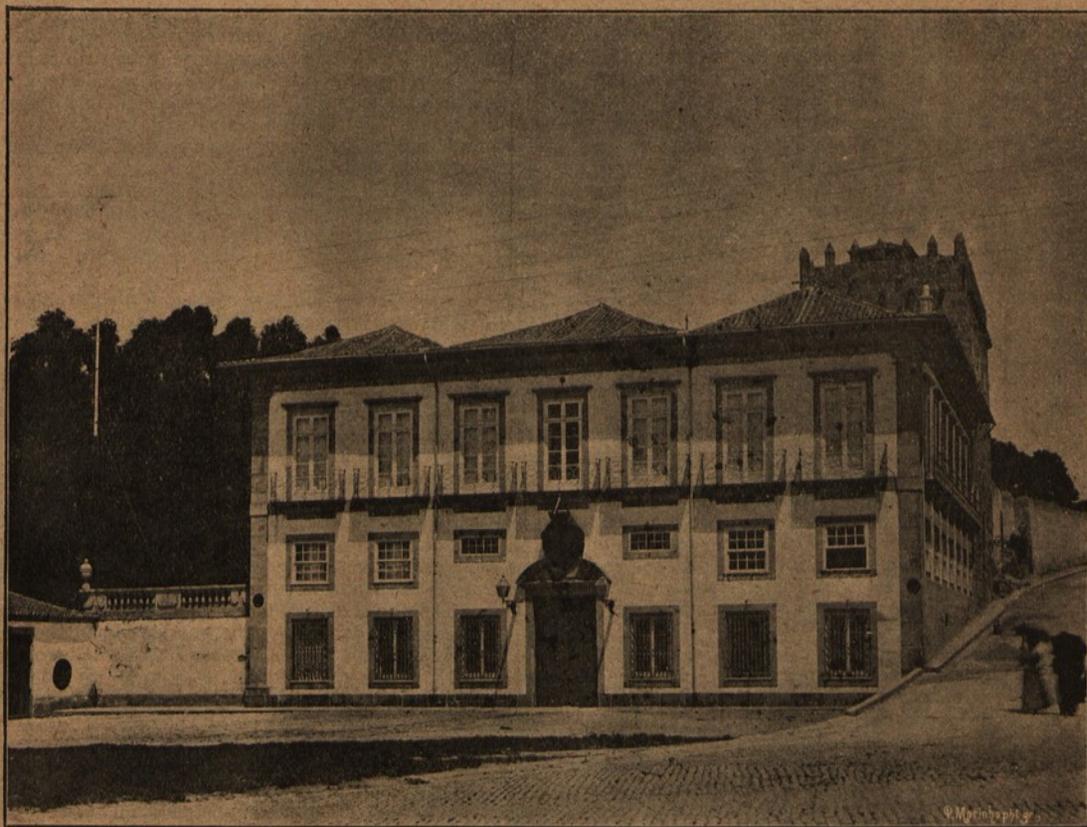
travenção. O respectivo alvará é de 3 de fevereiro de 1677 e aha-se registado na chancellaria de D. Affonso vi.

A Porta Nova, com o respectivo baluarte e o muro até á Reboleira, já não existem. Deitou tudo abaixo o camartello civilizador para a feitura da larga arteria, que se prolonga da rua dos Inglezes até Miragaya e d'ahi, pela margem do rio, até á Foz e Mattosinhos. A archeologia perdeu alguma coisa, mas a hygiene, a elegancia e o conforto ganharam muito.

O nosso amigo e brilhante escriptor Ramalho Ortigão, no seu recente livro *O culto da arte em Portugal*, lá assignala o attentado, mas quer-nos parecer que este é dos mais veniaes. A Porta Nova era apenas uma antighalha, que as exigencias modernas estavam condem-

a rua dos Banhos, uma das mais sordidas do Porto, apesar de haver outras mais estreitas e tortuosas. Quasi todos os invernos, com a enchente do Douro, transformava-se n'um canal de Veneza. Se ha quem tenha saudades d'esse spectaculo, console-se que ainda o póde gosar similhante na rua da Fonte d'Ourina, em condições identicas á desaparecida rua dos Banhos. Durante o verão era escorregadia, limosa; como que se sentia o bafio da humidade, de que se impregnára durante o inverno. Era ali que estadeavam os depositos de fructas de exportação, de modo que o solo estava constantemente juncado de detricτος vegetaes.

A nova rua da Alfandega fez desaparecer na sua quasi totalidade um dos bairros mais asquerosos da ci-



PORTO — PALACIO MONFALIM (Cliché da Photographia União)

nando. O que foi vandalismo imperdoavel foi o derrubar-se uma casa á entrada da rua da Reboleira, que era um dos mais raros e curiosos specimens da construcção civil e da habitação particular: do seculo xv, em estylo gothico. Não perturbava o transito, e se prejudicava alguma coisa a estúpida symetria ou o alinhamento rectilíneo, era em compensação um delicioso enfeite panoramico.

Demolissem-n'a muito embora, mas reconstruissem-n'a integralmente em outra parte, em sitio pittoresco, a que ella daria realce. A edilidade portuense parece que nunca teve uma falsa de senso artistico. O sentimento do bello, a paixão pela belleza esthetica, não são flores nativas d'aquelle solo, aliás uberrimo, tão opulentamente bafejado da natureza. Felizmente que um estrangeiro curioso e illustrado, o sr. Crawford, consul inglez no Porto, a salvou da perda total, perpetuando-a pela estampa no seu livro *Portugal old and new*, considerando-a contemporanea de D. Affonso Henriques. E' levar, crêmos nós, demasiadamente longe a sua antiguidade. Juigamos prestar um serviço reproduzindo esse desenho, não só para que os leitores apreciem este interessante monumento, mas para que determinem por seus proprios olhos a sua classificação chronologica e artistica.

A Porta Nova punha em communicação Miragaya com

dade da Virgem, o bairro de S. Francisco e do Forno Velho. Era uma especie de cortiço nauseabundo, onde sussurravam as abelhas da crapula em torno da marinhagem dos navios mercantes ancorados no Douro. O botequim do Pepino, que chegou a gosar fama nas nossas discussões politicas por causa d'um dos nossos mais notaveis jornalistas, era um dos mais luxuosos d'esses centros de prazeres bordalengos. Reinou muitos annos em Cima do Muro, depois, com a demolição, passou para o Forno Velho.

O nome de *Pedro Cem*, conforme o documento que acima citamos, ou está mal orthographado por incuria de quem o registou, ou traduz a fórma porque já se renunciava na corrupção popular. O seu verdadeiro nome é Pedro Pedrossen, segundo o demonstram e confirmam sem discrepancia todos os documentos.

Nós possuímos um manuscrito importante, que por mais de um motivo nos interessa particularmente. Pertenceu ao dr. Manuel da Assumpção e adquirimol-o no seu espolio. E' um volume in-folio, encadernado em veludo carmezim, conservando ainda bem impressos os signaes das floreadas chaparias metallicas, talvez de prata, que primitivamente o adornavam, aos cantos e ao centro das pastas. O escudo da pasta anterior representaria, ao que parece, a imagem de N. Senhora, e o da

posterior umas armas. E' de crêr que tivesse frontespicio illuminado que lhe seria arrancado.

O manuscrito, de bella calligraphia, com a primeira inicial ornamentada, é um Compromisso ou Estatuto da Confraria de Nossa Senhora das Neves, instituida pelos mareantes e gente de negocio da cidade do Porto, no convento de S. Domingos. A festa celebrava-se a 5 de agosto, sempre no altar da Senhora, prégando se o sermão no pateo, á porta da escada da Senhora das Neves.

O Compromisso ou Estatuto, a que nos vimos referindo, foi ordenado na casa e ermida da mesma Senhora, sobre os arcos do alpendre de S. Domingos, a 2 de janeiro de 1627, mas a confraria datava já de uma época anterior, havendo conhecimento de um compromisso de 1516.

Esta confraria, além do seu caracter religioso, tinha tambem um proposito mercantil: como que era uma companhia de seguros, e para este effeito possuia duas embarcações, especie de barcos salva-vidas, os quaes estavam em Massarellas, a cuidado de Manuel André, e serviam de auxilio ás embarcações que entravam e saham a barra.

E' curiosa a descripção d'estes barcos, que passamos a transcrever pelos dados que offerece para a terminologia da época: «... dous fermozos bateis dalemagem com doze remos de freixo desturrias qada hum e tres pesas de gindaresas de fio da torre de mencorvo que servem para tocar os navios que entrão he (e) saem desta barra que tem doze quintaes e doze libras e hum cabre grande com oito quintais e duas arrobas e mea, e duas ancoras de forma e hã meãa, e duas fateixas, a que estão amarrados os ditos bateis.»

O Compromisso traz as assignaturas de muitos negociantes, de modo que se pôde considerar o livro de ouro do commercio portuense na primeira metade do seculo xvii.

Seguem se depois termos de eleições, e outro feito aos 24 de setembro de 1692. Este ultimo é uma especie de additamento ao compromisso de 1627 e por elle se vê que os negocios da irmandade corriam muito descuidados e que a devoção á Santa padroeira tinha perdido muito do seu fervor inicial. Para incitar o renovamento do culto, reacendendo o esplendor das festas religiosas, os negociantes do Porto comprometteram-se a contribuir com um vintem por caixa de assucar importado do Brazil.

Um dos primeiros a assignar este compromisso é Pedro Pedrossen. O seu nome, porém, encontra-se já anteriormente em outros assentos, a partir de 1670. Manoel Bellesa de Andrade apparece subscrevendo nos termos do derradeiro de junho de 1678.

O *Pedro Cem* do alvará de 1677 é sem duvida o *Pedro Pedrossen* do Compromisso. Por este se vê que elle era commerciante, e sem duvida um dos mais conceituados, assim como o seu collega Manuel Bellesa, a que se refere tambem o alvará. Unia-os provavelmente o laço da amizade, além das relações mercantis e de visinhança.

Não nos parece que seja no Pedro Pedrossen da segunda metade do seculo xvii que se baseie a lenda do *Pedro Sem*, que já teve e agora não tem. A sua familia e a sua dynastia commercial perpetuaram-se. Quando estivemos no Porto, em 1896, proporcionou-se nos occasião de vêr, na respectiva secretaria, o *Livro dos Estatutos e Regra da Ordem Terceira do Seraphim humano o glorioso Patriarcha S. Francisco*, e ahi nos apparece um Pedro Pedrossen exercendo as funcções de ministro. Em 1765 e 1769 ha termos escriptos por João Pedrossen da Silva e Pedro Pedrossen da Silva, o que nos prova que a familia, por alianças matrimoniaes, tinha accrescentado o nome com outro appellido.

Nos mesmos assentos tambem se nos depararam nomes de representantes da familia Bellesa: em 1753, Joseph Vicente de Andrade Bellesa; em 1754, Luis Bellesa d'Andrade. Segundo nos disseram, esta familia dos Andrades Bellesas ou Bellesas d'Andrade ainda existe em Mathosinhos ou Leça.

A' fundação da Companhia dos Vinhos do Alto Douro não foi estranho um Pedrossen.

III

Se os documentos que até agora nos serviram de guia nos prestaram subsidios valiosos, outros mais importan-

tes se offerecem ao nosso exame e perante elles talvez, sem muita irreverencia, se podessem repetir os versos do poeta:

Cesse tudo o que a musa antiga canta
Que outro valor mais alto se alevanta.

Esses documentos, conservados na Torre do Tombo, são dois processos de habilitação: um para exercer o cargo de familiar do Santo Officio, outro para receber o habito de Christo.

Tanto um como outro processo se referem a Pedro Pedrossen, natural da cidade do Porto, e neto do seu homonymo, de quem temos vindo até agora falando. Nas habilitações para entrar na Ordem de Christo, o requerente allega que seu avô era natural de Hamburgo, onde se não podiam fazer as diligencias, e por isso pede para se valer das inquirições de seus dois primos co-irmãos, Carlos da Costa de Almeida e Pedro da Costa de Almeida, filhos do desembargador Jeronymo da Costa de Almeida, os quaes eram igualmente netos do primeiro Pedro Pedrossen, porisso que eram filhos de uma irmã do pae do supplicante. A Meza da Consciencia e Ordem informou favoravelmente a petição. (1)

El rei concedeu-lhe com o habito de Christo a tença de 30 mil rs., dos quaes lograria 12:000 rs. a titulo d'aquella mercê, que lhe foi feita em attenção aos serviços de Manuel Correia da Silva, seu tio, cuja irmã D. Brígida Maria da Silva era casada com o pae de Pedro Pedrossen. O respectivo padrão é do 1.º d'agosto de 1733. (2)

Rico, considerado na sua classe, Pedro Pedrossen, como todos os burguezes endinheirados, não se contentava com as opulencias mercantis e fazia dos seus bens de fortuna os degraus da escada por onde podesse subir a maiores grandezas sociaes. A alliança com familias, senão fidalgas, pelo menos d'uma certa importancia, dava lhe ensejo a realisar as suas aspirações. Effectivamente, no mesmo anno em que pendurava do peito as insignias da Ordem de Christo, tractava da habilitação para familiar do Santo Officio. Era de toda a conveniencia estar em cheiro de santidade com os senhores inquisidores, sobretudo quando se era descendente de um homem que viera das terras do norte, onde poucos eram os que não tinham medrado á sombra da arvore da heresia.

O requerimento de Pedro Pedrossen não tem data, mas o despacho exaado n'elle, mandando informar os inquisidores da cidade de Coimbra é de 20 de novembro de 1733. N'elle diz que é natural e morador na cidade do Porto, filho legitimo de Vicente Pedro e D. Brisida Maria da Silva.

Foram 12 as testemunhas inqueridas no Porto sobre os costumes e antepassados de Pedro Pedrossen. Era gente da visinhança, na sua maior parte já de idade avançada, todos portuguezes, com excepção de Pedro Henquel. Na sua maioria eram ourives, o que não admira, sendo ali proximo, na rua da Ourivesaria e immedições, o centro principal da sua industria. Daremos d'elles uma breve resenha:

Manuel Vieira da Silva. — Ourives de ouro, natural da freguezia de S. Salvador de Magrellos, concelho de Bemviver, morador na rua da Reboleira. Disse que conhecia pessoalmente Pedro Pedrossen, natural e morador na rua da Reboleira o qual vivia na companhia paterna sem officio algum, e só lhe parece que fazia algum negocio, em que seu pae o admittia. Conhecia igualmente os paes, que viviam de grandes negocios e grossos contractos alem do rendimento de boas propriedades que possuiam. Alcançara igualmente os avós, de que se lembrara.

Antonio Mendes. — Ourives da prata, natural da freguezia de Santa Marinha de Villa Nova de Gaya, morador na rua da Olivizaria, freguezia de S. Nicolau. Declarou que chegara a conhecer os paes de Luiza Piper, que se chamavam Arnaldo Piper e Maria Henriques, moradores na rua da Reboleira.

Françes Ribeiro d'Azevedo. — Ourives do ouro, natural da freguezia de S. Nicolau e n'ella morador. Edade: 79 annos. Disse que os paes do habilitado eram muito abastados, calculando a sua fortuna em mais de citema mil cruzados, em varias moradas de casas e negocio, e que o rendimento annual seria de mais de cinco mil.

(1) Torre do Tombo — *Habilitações da Ordem de Christo*, maço 11.
(2) Idem — *Chancellaria de D. João V*, L.º 24, fol. 355.

Pedro Henquel. — Negociante, natural de Hamburgo, assistente ha 38 annos no Porto. Alem do habilitando e de seus antepassados, disse conhecer tambem Joanna Wanzeller, neta de Pedro Pedrossen o velho, casada com Jorge Luiz Teixeira, familiar do Santo Officio. Segundo o seu testemunho, Catharina Piper, avô materna de Pedro Pedrossen, era irmã inteira de Luiza Piper.

Anna Moreira. — Viuva de João Domingues, natural e moradora na rua da Reboleira, de 60 annos.

Gaspar Vieira. — Negociante e familiar do Santo Officio, natural de Santa Maria da Sande, concelho do Bem Viver, morador na rua da Olivizeria.

quenas excepções, é quasi uniforme. Sobre a abastança do habilitando não ha que duvidar. Do que ellas disse-ram e das declarações do interessado, pode-se facilmente desenhar a sua arvore genealogica. Sabe-se tambem que sendo o avô hereje abjurara d'essa crença e se deduzira ao catholicismo em Portugal.

Pedro Pedrossen, o tronco primitivo, era natural da cidade de Hamburgo, veio para o Porto, e aqui casou com Luiza Piper, filha de Arnau ou Arnaldo Piper e de Maria Henriques. Luiza nasceu a 1 de junho de 1651 e foi baptisada na freguezia de S. Nicolau a 8 do mesmo mez e anno.



A TORRE DE PEDRO SEM (Cliché da Photographia União)

Anna Maria Henquel. — Casada com Pedro Henquel, natural e moradora na freguezia de S. Nicolau.

Antonio Vieira Veigão. — Natural e morador na freguezia de S. Nicolau.

João Alves de Sousa. — Ourives do ouro, natural e morador na rua da Reboleira, de 73 annos de idade.

Maria de São Paio. — Viuva de João Alves Aranha, natural da rua das Flores, freguezia da Sé, moradora na rua da Olivisaria, freguezia de S. Nicolau.

Paschoa de Oliveira. — Casada com Domingos da Rocha, natural de Miragaia, moradora junto da Reboleira.

Feliciano Michaella. — Viuva de Theodora de Amorim, familiar do Santo Officio, natural e moradora da freguezia de S. Nicolau.

O depoimento de todas estas testemunhas, com pe-

Teve uma irmã D. Catharina Piper Henriques, que contrahiu matrimonio com Francisco Correia da Silva, morador na freguezia de N. Senhora do Alecrim em Lisboa. O casamento effectuou-se por procuração na igreja de S. Nicolau do Porto.

Pedro Pedrossen houve um filho por nome Vicente Pedrossen, o qual nasceu a 15, e foi baptisado a 26 de janeiro de 1676. Casou a 21 de dezembro de 1705 com sua prima D. Brigida Maria da Silva, que tendo nascido em Lisboa, veio de 6 mezes para a cidade do Porto. Era filha de Francisco Correia da Silva e de D. Catharina, de quem tratamos no antecedente paragra-pho.

Do consorcio de Vicente Pedrossen com sua prima veio ao mundo o habilitando Pedro Pedrossen, que nas-

ceu a 31 de março de 1707, sendo baptisado a 7 de abril. Foram padrinhos seu pae e D. Glara Piper.

Ao tempo em que Pedro Pedrossen começou a habilitar-se para familiar do Santo Officio era casado com D. Antonia Barboza Joaquina de França Palhares, filha de João Netto Palhares e de Anna Maria Pacheco de França, da freguezia da Sé do Porto, neta paterna de João Netto Palhares e de Maria Carneira, naturaes de Penna Maior, e neta materna de Balthesar Ferreira de Mello e de Maria Pacheco Marinho, da freguezia de Santo Estevão de Barrosa, termo de Villa Boim.

D. Antonia tinha uma irmã casada com Pedro Netto Palhares, familiar do Santo Officio, assistente no Porto, freguezia da Sé.

A carta de familiar de Santo Officio foi passada em 27 de setembro de 1755. Pedro Pedrossen enviuvou e em 1746 requeria para lhe darem licença para casar com D. Anna Maria Michaela e Fraga, filha legitima do familiar Domingos Gonçalves Fraga, já defunto, e de sua segunda mulher Angela Michaela, natural e assistente em Miragaia. Precedeu-se então ás devidas diligencias por parte do Santo Officio.

Pedro Pedrossen tinha um irmão, que se ordenou do clero, mas do qual se não declara o nome.

Vicente Pedrossen, seu pae, possuia uma das tres quintas de Villar, que mereceram especial menção a Agostinho Rebello da Costa, que as enumera por esta forma a paginas 38 da sua *Descrição do Porto*, publicada em 1788: «Seguem-se as tres quintas de Villar, pertencentes, uma a Vicente Pedrossen, outra a Manuel Francisco Guimarães e a outra a Nicolau Kopke, cavalleiro da Ordem de Christo.» Quem será o seu actual possuidor?

A familia do velho negociante da Reboleira parece ter-se extinguido, ou pelo menos ter mudado de appellido. O exame dos cartorios parochiaes de S. Nicolau, Miragaia, e por ventura de Cedofeita poderá sem duvida

fornecer mais alguns esclarecimentos. Existe comtudo no Porto uma familia, os Vanzeller, á qual como vimos, se ligou a dos Pedrossen, e essa deverá possuir alguns papeis ou tradições, que nos digam qual foi o destino da lendaria personalidade.

A familia dos Pedrossen teve o seu solar quasi no coração do velho burgo portuense. A freguezia de S. Nicolau é uma das mais vetustas, embora já ficasse áquem do rio da villa, que alguns pretendem, com pouco fundamento, que fosse um dos limites da antiga cidade da Virgem. A igreja parochial não é a primitiva, é talvez do seculo passado, e nada tem de notavel sob o ponto de vista artistico ou architectonico, embora o barão de Forrester desenhasse o seu interior n'uma colleção de vistas lithographicas do Porto, que mandou imprimir em Inglaterra. Para nós o templosinho tem comtudo o frescor das mais gratas recordações. Não longe do seu perimetro derivou a nossa meninice e é com orgulho que podemos dizer que na mesma pia em que Pedrossen recebeu as aguas lustraes do baptismo foi purificado o nosso infantil corpinho da lepra do peccado original.

Sendo Pedro Pedrossen uma personagem tão moderna, quasi nosso contemporaneo, custa a crêr que fosse elle a victima da grande fatalidade que o perseguiu e de que reza a lenda. Tamanha desgraça, posto que individual, deveria deixar um rasto, não menos vivo e ainda mais impressionativo, que o que deixou o desastre da ponte das barcas no tempo dos francezes, ou mais tarde, em 1852, o naufragio do vapor *Porto*.

Como é que a musa popular, como é que a musa dos eruditos, ficaram silenciosas; como é que os Monterroyos da epoca deixaram de botar folheto deante d'um acontecimento, unico por certo na historia portugueza?

Que outros mais bem iniciados na religião do mysterio, suggestionem mais habilmente a esphinge e a obriguem a revelar o segredo!

10—6—97.

Sousa VITERBO.

AUGUSTO DE CASTILHO



NOVO GOVERNADOR CIVIL DO PORTO

A MORTE

N'aquelle dia estive prestes a morrer.

Sentara-se a meu lado uma figura
— Feições de bronze n'um sorriso adusto,
Erguendo para mim com certo custo
A mão pesada e fria mas segura...

E o olhar, como o olhar que conjectura
Pela mudez da noite o crime injusto,
Fltava-me indeciso como um susto
— Nos tragicos esgares da loucura...

E eu perguntei-lhe: — Quem és tu, visão
— Estrella má, talvez, da minha sorte,
Quero dizer aos homens o teu nome?

— Gemea da Treva, irmã da Escuridão
Vago desde o principio... sou a Morte...
Mas não te quero ainda. — E abandonou-me!

A expedição aérea ao Polo do Norte

A expedição aérea ao Polo do Norte, a região cheia de mysterios e lenda que ninguém inda lobrigou, e que no extremo d'este seculo de materialismo rude tenta as almas aventureiras e inquietas como no seculo xv o incognito e maravilhoso imperio de Prestes João, continua a ser o assumpto do dia.

O *Branco e Negro* accrescenta hoje ás gravuras que,

pairam nos arredores sobre antros insondaveis e cavernas horrorosas!

De repente descem. Um d'elles tem uma leve contusão nas costas. Quando põem o pé em terra muda a decoraçào

A vidente admira bosques de esplendida e luxuriante vegetação... Os viajantes acham-se afastados uns dos



A PARTIDA DO «ORNEN»

sobre a expedição deu no seu ultimo numero, a da partida do balão *Ornen*. E por nos parecer curioso, vamos informar os nossos leitores das prophcias que sob o exito da viagem de Andrée, os olhares *espirituaes*, das videntes Mesdemoiselles Couédon e Montgruel, nos dão.

Mademoiselle Couédon, na sua confortavel sala de Paris, viu no dia 11 do corrente subir aos ares o globo *Aguila*, em direcção ao Polo Norte.

O aereostato, impulsionado pelo vento, corria vertiginosamente no dia 17 sobre grandes precipícios. A's vezes operava-se n'elle um movimento de retrocesso para o Meio Dia, seguindo, porém, depois o caminho primitivamente traçado.

Os viajantes não poderão alcançar o Polo, limitando-se a fazer explorações scientificas nas immediações. Os exploradores, impossibilitados de passar sobre o Polo,

outros... O terreno, ligeiramente ondulado, tem por limite uma collina toda vestida de verdura... O globo jaz cahido no chão... Os exploradores tratam de orientar-se.

Depois caminham por um deserto e desaparecem... Só um d'elles continúa sendo visto pela vidente. Está fatigadissimo, nú e corre pela margem de um rio. De subito apresenta-se-lhe um homem... E' um inglez... Sem duvida, algum dos personagens dos *Inglezes no Polo Norte*.

Em seguida a vidente encontra os aereonautas na America. N'uma cidade importante de Texas obsequiam-n'os com grandes festas. Depois a evocadora diz que só vê, outra vez, um dos exploradores, e profere as palavras: Philadelphia... outomno... inverno... Paris...

Os francezes discutem, com grandes formalidades, as revelações das videntes.

As novas victorias em Africa

MOUSINHO DE ALBUQUERQUE



A pouco mais de tres annos o seu nome apagava-se ainda na semi-obscuridade da vida dos regimentos, ou na penumbra de alguma commissão em terras de Africa. E subito eis que a lances de audacia elle se impõe á nossa admiração, e que o clarão ardente da polvora o illumina n'um destaque de vertigem, aureolando-o como um heroe. São os seus brilhantes feitos d'armas de Marracuene, de Magul, de Coeilella. Mas é sobretudo essa épica marcha de Chaimite, sobre pantanos, com as guelas seccas de devoradora sede, em febre, que firma o seu mais alto, o seu mais bello renome.

Não sei se a nossa epopeia antiga de combatentes e de guerreiros, pelejando na India e na Africa, será tamanha como a de hoje. E' cedo bastante para o avaliar. Mas o que se vê é que o portuguez é ainda e será sempre o mesmo—menos cruel, que não é em vão que a civilisação caminha e o humanitarismo progride—mas por egual sobrio, soffredor, audaz na arremetida, correndo para a morte a rir, embriagando-se na acção e d'ella vivendo n'uma sublime loucura.

Doido tambem chamam a este bravo soldado. Sim, talvez. Doidos teem sido todos os heroes, todos os santos, todos os grandes poetas, todos os martyres por uma idéa ou por uma creença: a mil e oitocentos annos de distancia, Christo, á beira do nosso tempo esse puro Henri, de alma limpiada e doce caminhando sereno para a guilhotina.

O Branco e Negro saúda o heroe das novas campanhas da Zambezia, e com elles os seus obscuros e não menos bravos companheiros.

A proposito do novo e arrojado feito de Mousinho d'Albuquerque archivamos aqui, fazendo nossas, as palavras que, n'um bello artigo, o

nosso presado collega das *Novidades* lhe consagrou:

«Está plenamente confirmada, por telegrammas de origem official e particular, a victoria que as tropas portuguezas ganharam sobre os cafres rebeldes.

«A benção de Deus, que paira por sobre a fronte do valoroso caudillo como a servir de egide á sua indomavel coragem, não se apartou d'elle no arriscado transe. Cerca de 280 europeus, debilitados pelo clima, fatigados pela ultima campanha dos namarras, passando, sem transição, de se bater no meio das emaranhadas florestas do norte para ir procurar, em campo aberto, ao sul, a muitas centenas de leguas, um inimigo dezeseite vezes maior em numero, arrastando a custo dois pequenos canhões, operando n'uma região em que se dizia estarem os indigenas levantados em massa, tem alguma coisa de épico e de heroico. E', e deve ser, o brilliantissimo epilogo de Marracuene, Magul, Coeilella e Chaimite.

«Que olhar penetrante descobriria aquelle pequeno quadrado, formado ás 8 horas da manhã por um punhado de brancos, atacado e envolvido pelos vatuas e shanganas de estatura colossal, instigados e dirigidos por Maguigwana, o ousado e feroz representante das tradições guerreiras dos zulus? Quem não sentiria o coração alanceado de angustia ao contemplar esse imperceptivel grupo, refulgente pelas descargas, aureolado pelo fumo, que adejava por sobre aquellas cabeças afoguedas e soberbas no calor da peleja, tão arriscadas então a cairem como a messe sob a foce do ceifeiro?

«Pois esse imperceptivel grupo foi o vencedor.

«Quem, pensando n'este e em tantos outros factos semelhantes, que orgulham o paiz, tornando-o celebre na historia e respeitado pelos demais povos, terá o inaudito valor de amesquinhar a pericia, o sangue frio, a abnegação de quem conduz os soldados aos combates, de quem os ensina a vencer, de quem os torna temidos dos contrarios e admirados dos amigos? Quem?

«Que portuguez poderá tomar por desculpa a exaltação dos partidos, o desvario da paixão politica, o calor do facciosissimo, para tentar apagar, seja qual fór o ensejo ou a causa, o bem estar, a familia, abandonando a terra natal para só cumprir um dever, dever que constitue uma gloria para Portugal e motivo de ufania para todos nós?

«Fazer todos os esforços quantos humanamente se podem fazer, trabalhar sem descanso, converter a intelligencia n'uma alavanca poderosa para a implantação de melhoramentos materiaes, esbaratar a robustez nas vigílias do gabinete ou nas intemperies do bivaque, expor constantemente a vida a ser cortada por uma bala ou por uma azagaia, dedicar-se com o mais acrisolado zelo a tudo que seja o bem, o progresso, o bom nome da nação a que se pertence, e ser amesquinhado, ser origem de censuras, ponto de partida de discussões apaixonadas, deve ser bem mais terrivel do que a morte com o seu mais horroroso cortejo.

«Certo é que Mousinho de Albuquerque não pôde ser excepção n'um paiz onde tanto mal se disse e diz dos seus homens mais eminentes. Desde Afonso de Albuquerque, e com certeza antes, apesar da omissão dos chronistas, tem sido uso em Portugal depreciar as



MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, segundo um croquis

qualidades d'aquelles que, pelo seu talento ou pelo seu valor, se teem posto em evidencia ou teem subido ás culminancias do poder. Tristissima reflexão, que tem abatido muita energia e afastado dos cargos publicos estadistas de altissima envergadura.

«Mousinho de Albuquerque ainda não sentiu o desalento invadir-lhe a alma; vontade de ferro, prosegue no caminho que a sua persistencia delineou; coração repleto de magnanidade, não quer ouvir os chascos com que lhe recompensam o labor; caracter de rara intrepidez, esquece os doestos, reaccendendo no espirito dos seus compatriotas a memoria das passadas façanhas, e apregõa bem de lá de dentro do sertão africano, que o soldado portuguez conserva hoje as suas qualidades de outr'ora.

«Quando a malevolencia parece crear adeptos, quasi na esperança d'um desastre, vingae-se elle, vingando os seus subordinados, que se batem como sempre, a honra do exercito e os interesses da patria, destroçando os rebeldes, obrando prodígios de audacia, juncando de cadaveres de inimigos essas languas, onde o seu nome, por si só, vale um aguerrido exercito.»

O capitão Joaquim Mousinho d'Albuquerque sentou praça aos 16 annos de idade, em 23 de novembro de 1871, na arma de cavallaria, que seu pae honrara tambem.

Concluiu na Escola do Exercito o curso da sua arma, em 1876, foi no mesmo anno promovido a alferes, indo mais tarde frequentar a faculdade de mathematica.

Em 31 de outubro de 1884 foi promovido a tenente, e em 12 de setembro de 1890 a capitão.

Neste posto, foi nomeado secretario geral do governo da India, cargo que pouco tempo desempenhou, por ter sido nomeado governador do districto de Lourenço Marques, onde durante dois annos prestou excellentes serviços.

Estavamos então no periodo agudo do conflicto com a Inglaterra, e Mousinho tinha a colonia preparada para todas as eventualidades.

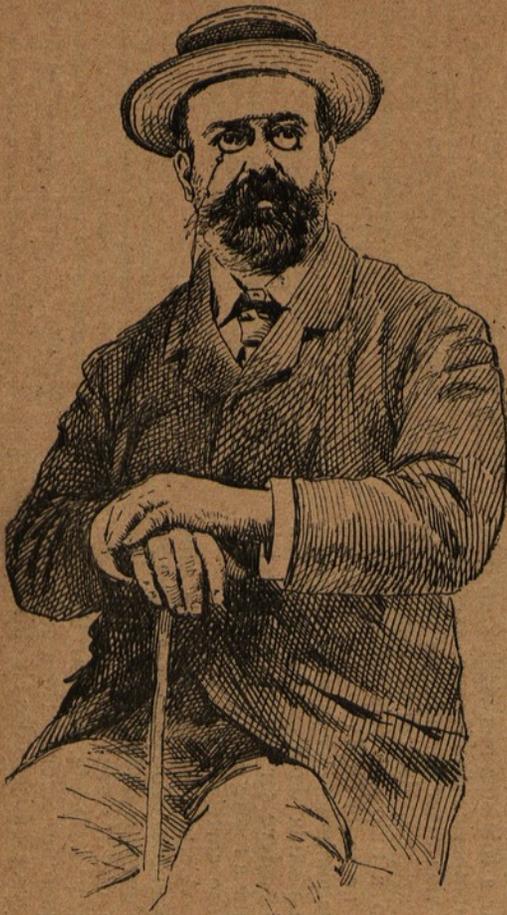
Mousinho, porém, tinha vista e aprendido muito; já então, com o capitão Gerald, quizera ir prender o Gunghana, no que fôra impedido pelo governo; mas nem por isso perdeu aquelle desejo, e, quando a revolta nos obrigou a enviar uma expedição de soldados da metropole a Lourenço Marques, Mousinho pediu para a acompanhar.

Negaram-lhe a licença, e elle abriu na imprensa uma campanha patriótica advogando a idéa de mandar cavallaria a Lourenço Marques, sendo finalmente attendido, e elle nomeado commandante do esquadrão.

A sua biographia na campanha é a propria historia d'ella; encontrou-se em todos os combates importantes, desde Magul e Coeilella, realisoa a temeraria empresa de Chaimite, batoe os namarras e coroua a sua epopea com a victoria de Gaza.



“LISBOA EM CAMISA,”



O apparecimento da 2.^a edição da *Lisboa em Camisa*, de que a seguir damos um capitulo, colhido ao acaso, veio relembrar-nos saudosamente esse bom e querido Gervasio, cujo retrato publicamos, e que pela sua morte deixou nas letras portuguezas um lugar que ainda não foi preenchido.

A meza de jantar tinha um aspecto festivo, mas de festividade barata, louça da fabrica de Sacavem com cavalleiros azues a fazerem habilidades nos seus cavallos grandes ao pé de portas pequenas, que parecem mais terem saído dos cavallos do que os cavallos d'ellas; copos de vidro ordinario com grinaldas de rosas e amores-perfeitos muito mal gravadas, tendo no fundo em vez das scintillações das facetas de crystal, o assombreado fosco, baço, do sarro do vidro mal limpo e muito tempo guardado; talheres de cabo d'osso, gretado, cheio de malhas negras; guardanapos de barras escarlates dobrados desastradamente em cima dos pratos, com uma intenção de feito elegante, escondendo meios quartos de pão de meio kilo, porque o padeiro faltára á ultima hora com os pãesinhos pequenos; no meio da meza jarras d'oratorio burguez, com ramos de flôres ordinarias, pedidos; aqui e alli, a pessoas que tinham quintaes, entre as jarras, a espaços, uns copos de champagne, antigos, d'aquelles muito compridos e esguios, tendo em cima umas pequenas bandejas de metal branco amarellado pelos annos, carregadas de nozes meio abertas e amendoas descascadas, fingindo *porte-desserts*, aos cantos; em symetria, umas garrafas antigas de grande bojo, com vinho muito escuro, termo tinto, e duas com vinho do Porto, com a sua côr d'ouro torrado, e por fim, formando em procissão pelo meio da meza acima, travessas com

sopa doirada, arroz doce, leite crême, polvilhados de canella, em desenhos caprichosos, tendo a do meio, a travessa grande de leite crême feito pela D. Josephina, umas nuvens de clara d'ovo, e entre as nuvens a data celebre do baptisado de Moysés, e um M e um A, muito tremidos, escriptos a canella n'uma calligraphia muito redonda, muito cuidada, pela mão burocrata do pae do neophyto, e que queriam dizer — MOYSÉS ANTUNES.

Quando todos se tinham já sentado á meza e desdobrado alegremente os guardanapos, com o estomago a palpitar de jubilo, o dr. Fromigal, a quem a delicadeza do dono da casa collocára á direita de Angelica e á esquerda da menina Carmo Torres, olhou para todos os convidados com uns olhos investigadores, sorriu resignado á menina Sabina, que ficára muito longe, e disse, como quem faz uma grande descoberta:

— Esperem ahí... Somos treze!...

De todos os lados se elevou um grito de susto e de protesto, e só o conselheiro, sentado á direita de Justino, não fez caso do numero fatidico, e continuou muito serenamente a pôr o talher, o pão e os pratos em ordem de combate, murmurando risonho, e com o desdem d'um espirito superior:

— Isso são tolices, quando ha treze pessoas só para quem é mau é para o dono da casa, que ganhava mais em que fossem doze.

— Não, sr. conselheiro, observou D. Palmira, em casa da minha tia condessa de Mira-Além, em Leiria, jantámos uma vez treze pessoas, e d'alli a dois mezes morria o tio conde...

— E' porque tinha que morrer, respondeu o conselheiro...

— D'ahi em deante, eu que não acreditava n'essas coisas que se dizem, fiquei com um enguiço, que prefiro não jantar, a jantar á meza de treze.

— Eu tambem não gosto, disse o dr. Fromigal, não acredito em crendices... mas não gosto.

De todos os lados da meza surgiam opiniões e historias a proposito do numero treze.

Entretanto Angelica, que estava callada, ouvindo aquellas historias, contava os convidados.

— Mas nós não somos treze, somos doze, disse ella por fim.

— Perdão, somos treze, insistiu o dr. Fromigal.

— Nada, doze.

E todos se pizeram a contar. Eram doze.

O Fromigal emendou logo com uma amabilidade.

— E' verdade, somos doze, tinha contado duas vezes a sr.^a D. Sabina.

Sabina fez-se vermelha e sorriu.

Gil esperava ha muito tempo, com os pratos de sopa na mão, que acabasse o incidente.

— Serve a sopa, ordenou Justino.

E Gil começou a collocar os pratos de sopa deante dos convivas.

N'isto bateram uma grande campainhada á porta.

— Quem será? perguntou D. Angelica.

É mais algum massador, disse com a sua pronuncia gallega o Gil, servindo a sopa.

A campainha tornou a tocar.

— Bate com a cabexa, caramba, disse enfasiado o Gil.

Justino fez-se muito vermelho, e começou a fazer por trás do conselheiro eloquentes signaes com os olhos a Gil, para que se calasse.

— Vae lá abrir, disse Angelica, pôde ser alguma visita...

— Mau, rusingou Gil, ou se hade servir á meza ou se hade ser guarda *porton*.

Os olhos de Justino revolviavam-se na sua orbita.

— Eu lá vou, mana, offereceu amavel D. Josephina, querendo pôr-se de pé.

Mas Philippe Martim, que estava ao seu lado, puxou-lhe pelo vestido e deu-lhe uma pisada, envergonhado do *fiasco* que a familia estava fazendo diante do conselheiro.

— Para que me está o senhor a dar pisadellas, disse D. Josephina, entre colerica e risonha, se me quer dizer alguma coisa, diga, mas não me estrague os sapatos.

O Filipe, muito córado, poz-se a comer a sopa. Gil serviu o ultimo prato, atarantado, á pressa, á menina Eduarda, e entornou-lhe por cima todo o caldo.

— Ai! gritou a Eduarda, com o seu vestido de seda azul claro todo cheio de macarrão.

— Estragaste o vestido? disse o conselheiro irritado, eu bem t'o dizia que o tirasses.

— Não é nada, não é nada, disse a menina Eduarda, limpando-se com o guardanapo.

— Isso tira-se com cal, aconselhou logo D. Josephina. Filipe Martim poz-se logo em pé e correu para Eduarda, a sua predilecta, com um copo d'agua na mão, e dizendo.

— Lavando já não põe nodoa...
— Não sabia que eras benzina, disse-lhe D. Palmira, zelosa.

Entretanto o Gil, corrido, safára-se a pretexto de abrir a porta e a Leonarda da Purificação assomou á porta toda ofegante de ter subido a escada a correr com medo de não chegar a tempo de jantar.

— Então, venho a horas, ou passo por debaixo da meza, disse ella, quasi sem poder falar.

— A parteira! murmurou o conselheiro enfiado, á idéa de ter de lhe dar dois mil réis.

— O que? vem jantar, comadre? disse lhe Angelica enfatiada.

— O compadre não lhe tinha dito nada? perguntou Leonarda olhando para Justino.

— É verdade, disse Justino corrido.

— Aqui tem um lugar, minha senhora, offereceu Fromigal pondo-se de pé, aproveitando o pretexto para se safar d'alli e ver se arranjava lugar ao lado da Sabina.

— Agora é que somos treze, lembrou o conselheiro.

— É verdade! murmuraram todos aterrados.

— E eu com treze é que não janto, declarou logo o conselheiro pondo-se de pé.

— Mas v. ex.^a ainda agora disse que não acreditava n'estas tolices, ponderou Justino.

— Não acreditava... mas depois do que disse a sr.^a D. Palmira...

— Tem muita razão, approvou Palmira Martim.

E o conselheiro procurava esse medo supersticioso, na esperança de encontrar qualquer meio de se safar á esportula da parteira.

— Ai! que reboliço que eu venho cá fazer! disse muito descançadamente Leonarda, sentando-se no lugar de Fromigal.

— Não tem duvida, lembrou Angelica, o Arnesto vae jantar lá para dentro...

— É verdade! é verdade! approvaram varias vozes, emquanto o dr. Fromigal se encaixava ao pé da Sabina.

— Não quero ir lá para dentro! choramingou com muito má criação o Arnestosinho, não quero ir!

— Então, menino! reprehendeu D. Palmira.

— Elle tem razão, coitadinho, defendeu logo embespinhada D. Josephina, elle não é creado de servir para jantar fóra da meza.

— Não vou! Não vou! chorou Arnestosinho.

E o conselheiro em pé, com o prato na mão, comendo a sua sopa, esperava a resolução do problema.

N'isto bateram outra vez á porta. O Gil, que andava agora arredio da casa de jantar onde o seu caldo entornado fizera grande balburdia, foi logo abrir.

Era um sujeito muito cumprimenteiro, muito risonho, muito amavel, que vinha receber o premio do seguro.

O Gil não se atreveu a voltar á casa de jantar, estava amuado com o seu desastre da sopa e obrigou a cosinheira, a Alexandrina, que é uma fera para toda a gente e para o aguadeiro era uma pomba, a ir annunciar o recebedor do seguro ao patrão.

A Alexandrina, muito afogueada, de mangas arregaçadas, muito gordurenta, constellada de nodoa, chegou á porta, e gritou:

— O' sr. Justino, esta lá fóra um sujeito que procura por vocemecê.

O Justino fez-se de côres, debaixo dos olhares irritados de seu sogro, de sua sogra, de sua mulher, e dos sorrisos disfarçados das meninas Torres e do dr. Fromigal, que fazia agora sucia com ellas.

Poz-se em pé, e com o guardanapo preso entre o collarinho e o pescoço e a indignação nos labios veiu á cozinha e ralhou:

— Eu não quero que você vá n'esse estado á casa de jantar.

— Ora essa! n'este estado? Então o que tem o meu estado? Se eu em vez de estar aqui a fazer o jantar, a trabalhar como uma negra, o estivesse a comer, decerto estava mais limpa. Ora que toleimas! que feducias!...

— Mas o Gil está ahí para servir á meza: porque não foi elle annunciar...

— Elle não quer lá ir mais...

— Não quer lá ir... ora essa! porque?... Então quem ha de servir á meza?...

— Saiba vocemecê patron, disse o gallego, revirando nas mãos um guardanapo, que eu não sirvo, não estou acostumado a esta historia, e lá as meninas do sr. conselheiro estão a fazer troça, e eu para troças não estou...



— Leve já d'aqui a vitella!

— Oh! homem! estás doido? disse o Justino já muito manso. Então, aquillo succede a todos, entornar o caldo... Quem é que na sua vida nunca entornou o caldo... Não sejas tolo... Vae servir, anda, vae servir que não perdes nada com isso.

— Então vou, mas é por ser seu amigo... fique sabendo... é por o patron me pedir.

Mais contente, por ter resolvido a crise domestica, Justino foi falar ao homem que o procurava. Era um homem muito apresentavel, muito decente, com o seu fraque preto muito limpo, muito escovado. Era muito aceiado, em summa, o recebedor do seguro! Deu excellencia ao Justino, e antes de lhe pedir o dinheiro, pediu-lhe desculpa de o ter vindo incommodar ao jantar. Pelo cerebro de Justino passou uma idéa salvadora.

— E o senhor já jantou? perguntou elle ao recebedor.

— Ainda não, senhor, ainda tenho que ir primeiro á companhia.

— Pois meu caro amigo jante conosco.

— Ora essa! disse o homem muito penhorado, então hei de vir dar-lhe esse incommodo... sem o senhor me conhecer...

— Ora! conheço-o ha muito tempo de nome e tenho immenso prazer em estreitar relações com v. ex.^a

O homem estava deslumbrado.

— Ah! conhece-me já de nome... Então tem lido os meus versos...

— Sei-os de cór, affirmou heroico Justino. Então, está dito, janta conosco?

— Hoje não posso, que tenho de ir á companhia, mas agradeço-lhe immenso; outro dia será... depois d'ama-nhã, por exemplo.

— Outro dia não, protestou aterrado Justino, ha de ser hoje...

— Bem... visto que tanto insta, respondeu o recebedor, accetto com muito gosto, e muito penhorado... mas, se me dá licença, vou n'um pulo á companhia...

— Nada, nada, vamos já para a meza, disse Justino, e tirando-lhe o chapéu da mão, empurrando-o quasi á força pelo corredor fóra, apresentou com elle na casa de jantar.

Houve espanto geral; ninguém conhecia aquelle homem.

Justino quiz apresental-o.

— Meus senhores, sr. conselheiro, apresento-lhe o meu amigo, o sr...

E esbarrou. Como demonio se chamaria o homem? Tossiu para saltar a difficuldade, de apresentar o recebedor, que sorria muito compromettido á familia e aos convidados, e fez-lhe logar ao lado de D. Josephina.

A idéa de Justino foi comprehendida e louvada por toda a gente, menos pelo conselheiro, a quem a chegada do recebedor, desmanchando o numero treze, desmanchava todas as esperanças de se ver livre da parteira.

— Gil, traz o jantar, ordenou Justino. E chamando-o disse lhe ao ouvido :

— Pela ordem que está na papeleta, que eu dei á Alexandrina.

E todos silenciosos, menos o dr. Fromigal, que cochichava com a menina Sabina, esperavam a continuação do jantar.

Houve um grande momento de espera e de impaciencia. No fim de dois minutos appareceu o Gil á porta. Todos preparavam os pratos á espera do que vinha.

O Gil não trazia nada, e disse lá da porta :

— O' patron! patron! perdeu se a listra!

Justino fez-se de côres, o recebedor olhou muito espantado para o gallego, e o dr. Fromigal riu com a menina Torres.

— E o mesmo; traz o jantar, ordenou Justino, muito vermelho, fazendo signaes com os olhos.

— Xim xenhor! disse o gallego.

E d'ali a momentos appareceu com a travessa com o assado.

O Justino, quando viu a vitella assomar ao limiar da porta, fez um violento signal *que não* com a cabeça.

O Gil retirou a vitella. Seguiu-se uma longa pausa. E como não viesse mais nada, o Justino teve que chamar :

— O' Gil! Gil! Traz o jantar.

A vitella tornou a apparecer á porta.

Justino, que d'esta vez não a esperava, só reparou n'ella quando Gil a apresentava ao recebedor do seguro, que ficára ao pé da porta, e que já lhe tinha fincado o garfo para cortar.

Justino, então, olhou severamente para Gil, e repetiu-lhe o signal com a cabeça.

O gallego, atarantado, fugiu com a vitella, levando espetado o garfo do recebedor, attonito.

— O meu garfo! o meu garfo! murmurou elle, estupefacto.

Nova pausa no jantar.

— Gil! gritou pela terceira vez Justino apopletico, no meio dos rumores irados de seus sogros, e do sussurro de troça das meninas Torres.

O gallego tornou a apparecer com a vitella, com uma cara muito admirada

Justino ia desmaiando, e sua sogra, erguendo-se furiosa, bramiu, com toda a nobre indignação que comportava uma Martim:

— Leve já d'aqui a vitella!

Gil, atarantado, voltou-se, e pespegou com a vitella e a travessa no meio do chão.

Houve muitas gargalhadas, e o dr. Fromigal disse em voz alta :

— Ainda bem! agora ficamos livres d'ella.

O recebedor olhava para aquillo tudo muito sério : e, emquanto o Gil ia buscar um panno da casa para apanhar o molho do assado, disse para Justino :

— Se v. ex.^a me dá licença, parece-me que tenho tempo de ir á companhia emquanto não vem outra coisa.

Justino pediu-lhe com um olhar supplicante, que ficasse, que o jantar já se ia servir.

Effectivamente, d'ali a momentos Gil appareceu com um prato que começou a servir.

Justino estava mais descançado. Já não podia ser a vitella. Mas, ao olhar para o prato, teve um gesto de terror. Era a salada.

As gargalhadas rebentaram de todos os lados.

— Um jantar de grillo, ouviu-se o dr. Fromigal dizer a Sabina.

Justino deitou-lhe um olhar envergonhado, e disse vexado ao Gil :

— Não é isso, homem, isso é mais tarde. A Alexandrina que te dê outra coisa.

O Gil já muito aborrecido, muito seccado retirou com a salada, e appareceu logo com outra coisa.

Era uma lampreia d'ovos, que a D. Josephina comprára para o Arnestinho offerecer ao seu primo Moysés, e que reservára para a sobremeza como surpresa.

D'esta vez foi D. Josephina, que aterrada abanou a cabeça ao gallego.

Gil então, fóra de si, exgotando se-lhe a paciencia, declarou terminantemente :

— O que? tambem não lhes serve isto? Então, com licença, sirva á meza quem quizer, que eu não estou para estas massadas.

O escândalo rebentou medonho, Filippe, Palmira, Justino e Angelica pozeram se em pé. As visitas olhavam-se espantadas, D. Josephina dizia a seu irmão :

— Então, mano, não se deite a perder.

D. Palmira berrava fula.

— Ponha fóra esse gallego...

Filippe gritava :

— Nunca se viu isso na familia dos Martim.

E o conselheiro muito conciliador, aconselhava :

— Então, nada de questões, não faça caso do homem, coitado... Vamos jantar, que isto assim faz mal ao estomago,

— Eu é que não sirvo mais, dizia entretanto Gil.

E pondo-se em mangas de camisa, atirou a casaca para o chão.

— Ahi tem a casaca, quem quizer que sirva...

Filippe quiz-se atirar a elle; segou-o o recebedor, murmurando :

— Eu bem dizia que tinha tempo de ir á companhia.

Angelica como prudente dona de casa, gritava no corredor :

— O ama! O Moysés dorme?

— Sim, minha senhora... respondia a voz aflautada da ama.

— Então, venha você servir á meza...

— Eu! oh! minha senhora... eu não fui justa para isso...

Mas D. Angelica convenceu-a com cinco tostões, e emquanto o gallego saia furioso, atirando com as portas, e a Alexandrina fula na cosinha atirava com os tachos, por terem despedido o Gil, a familia sentava-se á meza cheia de esperanças de por fim jantar.

A ama começou a servir á meza, com a sua touca de rendas e o seu avental branco.

E fez a sua primeira entrada na casa de jantar, com um prato que começou a servir. Mas, oh! fatalidade! esse prato trazia... a vitella. Era a implacavel vitella, mas d'esta vez sem molho, porque o Gil o apanhára no panno da casa!



O SERUM MINISTERIAL, POR L. HENRIOT



Confesso que fui posto fóra do ministerio como um meliante.



E todavia levava um remédio unico: o sérum contra a raiva das interpeilações.



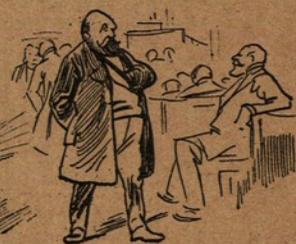
Não tendo podido vendel-o, dou de graça a receita: tomae a vaccina de cinco em cinco minutos e injectae-a



n'uma velha carpa, que é o animal mais mudo da criação.



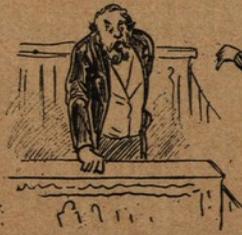
O figado d'este peixe dá, seis mezes depois, um residuo cujo cheiro jembra o oleo de figado de bacalhau.



Cada ministro vae para a camara muido de um frasco d'esta substancia e de uma seringa Pravaz.



Emquanto o interpellante sobe á tribuna o ministro pica-o ligeiramente nas costas.



O interpellante não consegue dizer mais do que: «Ha... picade-las...»



E o ministro está salvo pelo menos durante quinze dias.



Este sérum pôde, além d'isto, applicar-se aos faladores ou ás testemunhas compromettedoras da Boa Hora.



Consegue-se que as testemunhas perigosas se assentem sobre um alfinete embebido no sérum. Depois do que não lhes será possível mais do que indicar por gestos que nada viram, nada sabem.



(De L'Illustration.)

HISTORIAS PARA CRIANÇAS

O BORDÃO DE S. JOSÉ

(CONTO BRETÃO)

SENTANDO-SE junto da sua dobadoira, disse-nos a boa velha YVONNE:
— Na verdade, meus filhos, S. José é o maior santo do Paraizo. Escutae bem o que nos transmittiram os nossos antepassados, e depois dir-me-heis se vos não digo a verdade.

Rodeámos impacientes a tia Yvonne que começou d'esta maneira a sua historia:

— Ninguém via com bons olhos José Mahec, que em Kéroéh vivia solitario e retirado n'uma pobre e arruinada cabana. Dizia-se até que o mesmo sol tinha tal aversão a José Mahec, que nunca projectava os seus alegres raios sobre a sua casinha ennegrecida pelo fumo.

Estava-se no mez de março. Uma tarde voltando da cidade visinha onde se tinha demorado, entrou na aldeia com as primeiras estrellas. Da igreja, ao redor da qual se amontoavam as casinhas de Kéroéh, dimanavam torrentes de luz e vozes frescas, ás vezes um pouco agudas, que entoavam alegres canticos. N'esse concerto mais ou menos harmonioso, mas fervente notou Mahec que o seu nome, de José, era repetido immensas vezes pelas religiosas.

Tornou-se um pouco suave a sombria e rude physionomia de José e os seus labios esboçaram um pequeno sorriso; parou; applicou o ouvido, e deu alguns passos para diante com tenção de penetrar no santo logar.

Bem depressa, porém, como que admirado da sua acção voltou para traz precipitadamente murmurando:

«— Eu, entrar lá dentro! Ah! isso seria novo para mim!»

Soltou uma gargalhada sarcastica e continuou o seu caminho.

Ao entrar sentiu que alguém lhe puxava pela aba do casaco.

Voltou-se admirado, quasi colerico. Não estava acostumado áquelles modos. Todos fugiam d'elle ninguem se atrevia a tocar-lhe. Detraz d'elle estava um velho, acabrunhado pelos annos e pela necessidade. Inspirava uma profunda sympathia este velho de cabellos cõr de neve, barba comprida e feições veneraveis, que se apresentava vestido pobremente. Mas o peito de José Mahec não abrigada a piedade; nunca protegera um semelhante. Apenas viu este estrangeiro de cuja fronte irradiava uma doce serenidade, derivada sem duvida da resignação da sua alma perguntou bruscamente.

— Que pretendeis?

— Dai-me alguma cousa», disse o pobre velho.

José desatou a rir.

— Auxilio eu alguém, eu?... Não sabeis que me denominam o Mocho? A minha caridade resume-se em fazer todo mal que me é possível e em não favorecer ninguem. Fóra d'aqui velho! Vae bater a outra porta. A abbadia não está longe ajuntou elle rindo como costumava, «os sotainas receber-vos-hão.»

E com um gesto despediu o ancião que não se desviou um passo.

«— Meu bom senhor, por piedade!» disse elle juntando as mãos tremulas. A's vezes uma obra boa pode dar nos a salvação eterna.»

— Julgas que José Mahec se fia u'essas historias? Vamos amigo, tomae outro caminho. Estaes perdendo inutilmente o vosso tempo e fazeis-me perder o meu.

— Supplico-vos!... insistiu o velho.

E ao dizer isto copiosas lagrimas lhe banharam as faces descoradas, ao passo que os seus olhos contemplavam o ceu recamado de estrellas que pareciam enviar-lhe sorrisos.

— Peço-vos tornou elle, uma esmolinha, a mais pequena que vos aprouver. Par todos os Santos do Paraizo não me digaes que não.

Mas o coração a quem o pobre ancião se dirigia era um coração impio; um coração tão endurecido como o granito a que se encostava a cabanasinha.

«— N'uma palavra, deixae-me em paz! gritou Mahec. Sahi d'aqui, quando não...» E levantou o bordão como que para bater no velhinho.

— Meu amigo, por amor de S. José! diz ainda o pobre velho segurando docemente o braço de Mahec.

— Isso agora é muito differente, diz Mahec; S. José é meu patrono, no dizer dos devotos. Amo esse Santo, porque se ha um Paraizo, não o alcançou de mãos cruzadas.

José Mahec apresentou ao desconhecido o seu grosso bordão, cheio de nós:

— Tomae, diz elle, tomae este bordão; as vossas pernas vacillam já muito e elle amparar-vos-ha. Se encontrades algum malfeitor defender-vos-heis com elle.

O velhinho recebeu o bordão; o olhar illuminou-se-lhe d'um brilho immenso e veio-lhe aos labios um radioso sorriso.

«— José Mahec, diz-lhe elle, Deus não deixa sem recompensa uma gotta d'agua dada em seu nome. Até breve e obrigado!»

O pobre desapareceu; Mahec entrou na sua cabana e retomou o methodo da vida que lhe era habitual.

Passaram muitos annos. José Mahec morreu. Morreu como tinha vivido.

Regressava á cabana, cheio de vida... De repente as pernas dobravam sob elle; quiz gritar por soccorro mas a voz expirou-lhe nos labios. Difficilmente exhalou um cavernoso grito e os labios articularam estas tres palavras: «Oh! S. José!» Deixára de existir.

José Mahec foi transportado para as regiões da eternidade. Duas portas se offerecem ás suas vistas: uma é sombria e guarnecida d'objectos hediondos; a outra brilha com fogos de mil pedrarias.

O recém-vindo vae bater á porta luminosa que se abre. No limiar apparece S. Pedro, coroado da triplice corôa dos Apostolos, dos Pontifices e dos Martyres e tendo na mão as chaves que lhe foram confiadas pelo seu Divino Mestre.

— Quem és? perguntou-lhe o glorioso Pescador.

«— José Mahec.» respondeu timidamente o recém-chegado.

«— Não vos conheço! diz S. Pedro. Ide bater alli de frente; deveis lá encontrar amigos.»

E o porteiro do Paraizo fechou, sem mais cerimonia, a portá de brilhantes pedrarias, como outr'ora Mahec costumava fazer á da sua cabana quando os pobresinhos ou os attribulados lhe iam pedir soccorro. Expulso tão terminantemente do Paraizo, Mahec viu-se obrigado a bater á porta sombria. Não podia conformar-se. Comprehendia, agora, que essa terrivel porta conduzia ao abysmo de que em vida tantas vezes negára a existencia e parecia-lhe sentir já os ardores d'esse fogo eterno que tantas vezes escarecera. Ah! se pudesse voltar para a terra! Ai! pezares inuteis e superfluos!... Via já a medonha figura de Satanaz, que fazendo caretas, lhe fazia signal para se approximar. Se Mahec não obedecesse ás suas instancias, obrigar-o-hia...

Ai! ai! se pensassemos bem no que nos espera para além do tumulo!...

Ora, no dia 10 de março, em dia de S. José é que Mahec tinha passado d'este para o outro mundo.

No momento em que a ignea mão do anjo rebelde ia empolgar a sua victima, ouviu-se uma voz que bradou: «— Fóra d'aqui maldito!»

E José Mahec deparou com a doce e placida figura d'um velho que tinha a fronte cingida d'um resplendor de ouro d'um brilho sem igual.

Satanaz soltou uma horrivel imprecação e precipitou-se na porta sombria, deixando após de si um rasto de enxofre e de fogo.

«— Que fazeis aqui, meu amigo?» perguntou o Santo a Mahec.

«— S. Pedro não me quiz abrir a porta do Paraizo e eu vou para o inferno!»

O Santo apresentou ao infeliz peccador um bordão que trazia na mão.

«— Reconheces este bordão?» perguntou-lhe.

«— E' o meu. Poderá ser! o meu bordão no Paraizo!» gritou Mahec.

«— Uma boa acção nunca fica esquecida. Bate com esse bordão á porta do Paraizo e S. Pedro receber-te-ha.»

E dizendo isto, o Santo, que tinha deixado a celeste habitação para ir praticar algumas obras de caridade, talvez para receber o ultimo suspiro de um moribundo que o chamava á sna cabeceira, desapareceu.

José Mahec bateu de novo á porta do Paraizo, mas d'esta vez com o seu bordão. Apareceu S. Pedro.

«— Outra vez, vós?» diz o Apostolo; não vos disse já que, aqui não tinheis amigos?»

«— Tenho S. José, meu patrono» retorquiu timidamente Mahec, porque sabia que tinha honrado pou-

co, quando vivo, aquelle de quem invocava protecção.

«— S. José, sahiu e...»

Mas o Pescador não disse mais. A sua vista cahiu no bordão que o recém-vindo conservava na mão.

O bordão acabava de florescer e um ramo de açucena d'uma alvura deslumbrante apresentou-se a seus olhos.

«— O bordão de S. José!» exclamou S. Pedro.

E o apostolo que tinha a seu cargo tantas insignias gloriosas, inclinou-se respeitosamente perante o simples bordão do carpinteiro José.

«— Entra, entra, meu amigo. disse elle; os Apostolos, os Martyres, os Doutores, as Virgens, todos obedecem a S. José. N'este mundo todos estão sob o seu poder. Entra e gosa a felicidade dos eleitos.»

José Mahec transpoz a porta brilhante, e a sua voz que na sua hora derradeira, tinha dito esta palavra: José! confundiu-se com a dos côros gloriosos que, por toda a eternidade repetirão no céu os louvores do amantissimo pae adoptivo de Jesus.

«— Então, meus filhos, dizei-me ajuntou a velha Yvonne fazendo parar a dobadoira, quem toma S. José por protector, está ou não certo de ir para o Paraizo?»

(Trad.)

MARIA ISABEL VALLE E SOUSA.

TOURADAS



O BOI PARA CURIOSOS — (Photographia de Carlos Relvas)

LISBOA EM CAMISA

LISBOA em CAMISA

POR

GERVASIO LOBATO

1 volume, 2.^a edição, illustrado por

CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

LISBOA

LISBOA EM CAMISA

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercito e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52 - Rua Augusta, 52, 54 - LISBOA

Typographia e Stereotypia MODERNA - Apostolos, 11, 1.º, LISBOA

Branco e Negro



DEZOITO PRIMAVERAS — (Quadro de J. de Beers)

PREÇO 40 RÉIS

N.º 72

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerp-
ptos documentaes em prosa e
verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello
trabalho critico do auctor, um
delicioso album de poesias e prosas
dos maiores poetas e prosadores brazilei-
ros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

A Estação de Paris

REDACTORA

D. GUIOMAR TORREZÃO

Publica-se **pontualissimamente** duas vezes por
mez.

E' este o melhor jornal de modas que se publica em lingua
portugueza, e o unico dirigido e redigido por uma senhora.

Assigna-se e vende-se na Livraria de ANTONIO MARIA
PEREIRA — Rua Augusta, 50, 54 — LISBOA.

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 72

LISBOA, 15 DE AGOSTO DE 1897

2.º ANNO

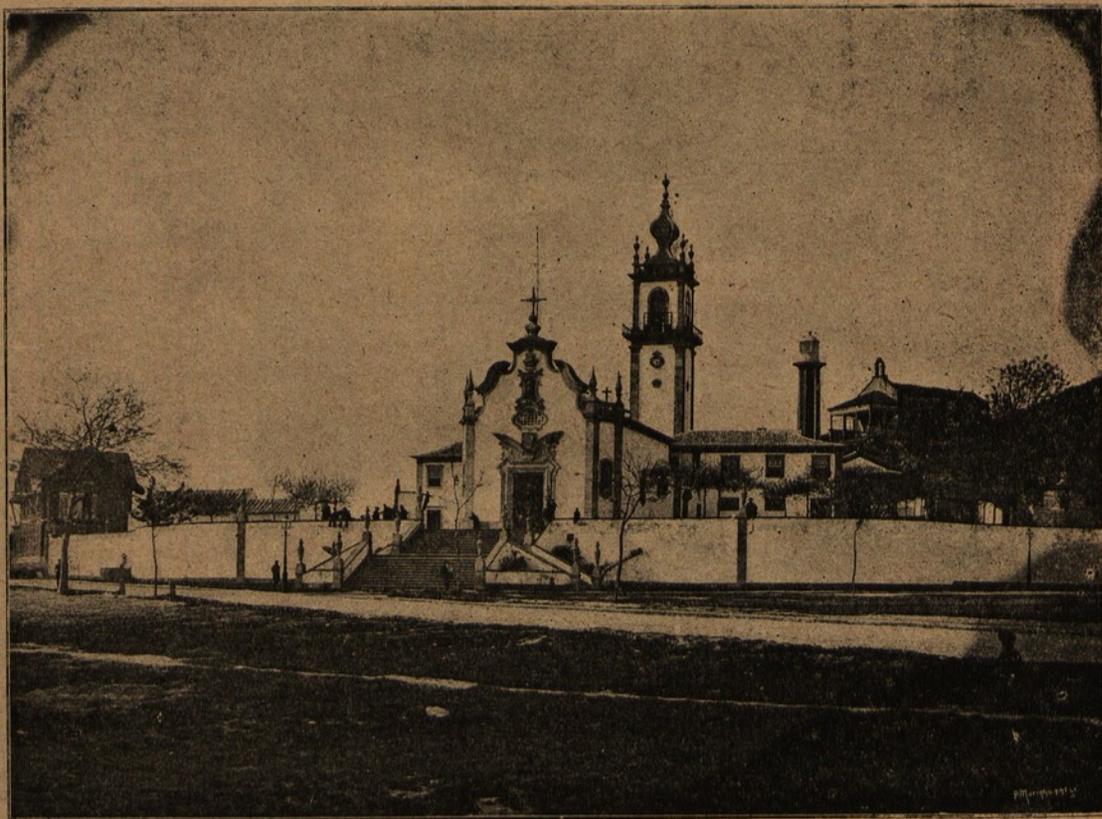
VIAGENS NO PAIZ

(XXIV)

PELAS MARGENS DO LIMA—SAUDADES DO MINHO

SAUDADES do Minho! Todos as sentem, os que por lá passaram, e mais ainda os que lá viveram. Como ellas me surgem d'envolta com as recordações dos annos que passei junto ás margens do formoso Lima, annos tão velozes que, ao lembrar-me d'elles, a noção do tempo se apaga e parece-me foram uns dias

Creio mesmo não possa haver imaginação que resista á fadiga do seccante desdobramento de panoramas que se confundem, acabando por uma uniformidade em que a custo se distingue alguma povoação mais pittoresca, algum raro perfil de montanha, a nesga azul d'um rio.



VIANNA DO CASTELLO—Sanctuario de Nossa Senhora da Agonia

que se esbatem na penumbra do passado, tenue e docemente.

Havia muito tempo que sentia desejos de visitar essa provincia tão celebrada por artistas e poetas, quando os acasos da minha existencia me levaram a Vianna.

Apezar do seu relativo conforto, são bem enfadonhas as viagens em caminho de ferro. Ninguem me pergunte o que vi ou senti ao fim de repetidas horas d'encerro n'essa prisão cellular do wagon.

Quando cheguei a Vianna, ao atravessar a ponte, por um luminoso meio dia, senti um deslumbramento, mas, com o espirito embotado por dezeseis horas de jornada, mal pude apreciar as bellezas que subito se desenrolaram á minha vista.

A' porta da estação esperava-me a carruagem, que rapidamente me conduziu para o interior d'uma velha cidade, de casas altas e ruas estreitas, pavimentadas de largos lagedos. Entrevi nas paredes d'antigos edificios a

esphera manuelina, passei por uma igreja d'aspecto venerando, e, em frente a uma esquina, mostraram me certa casa que pertencera ao historico Miguel de Vasconcellos. A verdade, porém, é que a tão festiva e alegre Vianna me causou, n'esse primeiro encontro, uma profunda tristeza.

Effectivamente o interior da cidade tem ruas tristes, mas d'uma tristeza attrahente como a das antigas casas d'avós, que os velhos moveis e as pesadas cortinas enchem de severa melancolia. Por todas essas ruas as casas armoriadas da velha nobreza de Portugal recordam grandezas do passado, e quando se começam a conhecer tra-

Subindo para o monte de Santa Luzia, futuro rival do Bom Jesus, ao chegar a S. João d'Agra, como a cidade nos parece bella, acompanhando o Lima até ao mar, n'um extremo as velhas torres do Carmo e das Carmelitas, e no outro as do santuario da Senhora da Agonia, cada anno festivamente animado por uma d'essas romarias de que só o Minho possui o alegre segredo. Do cimo da montanha o delicioso espectáculo d'esses campos, d'um mimo incomparavel, jardins seguindo uns aos outros, feitos para recrearem os olhos que se não cançam de vel-os!

Cá em baixo, as estradas, tão lindas! Pela d'Areosa, que encantador passeio por uma tarde serena, tendo á

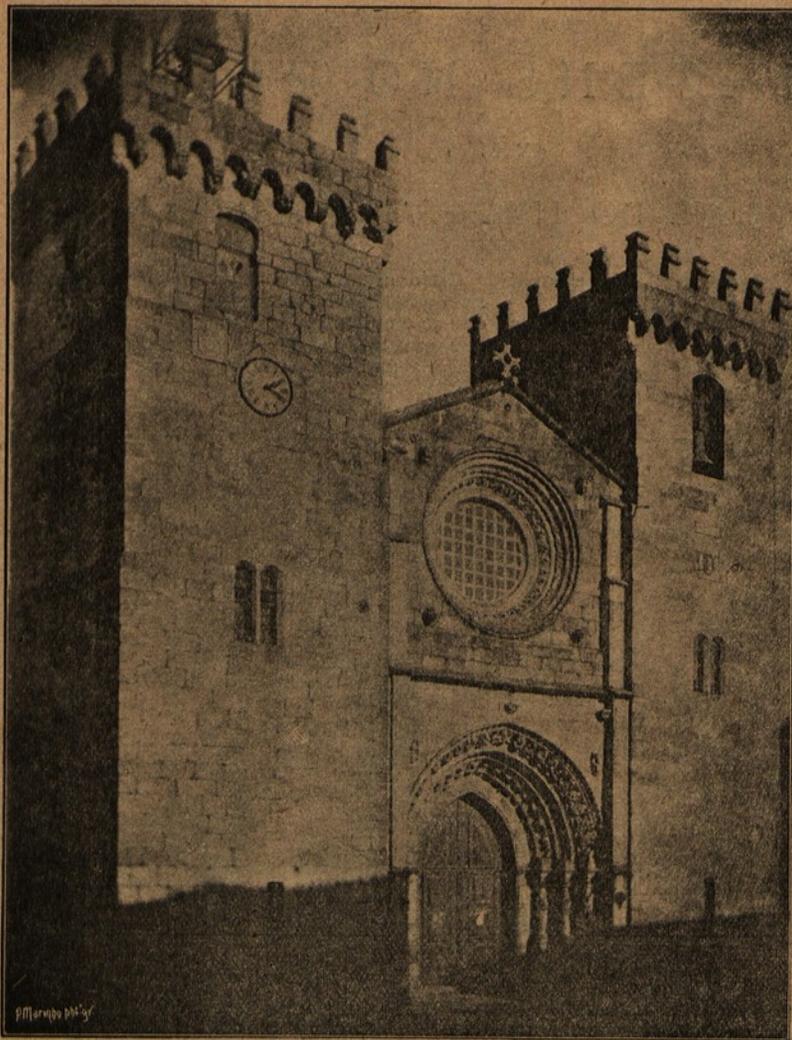
direita os taludes do monte, por onde se desdobram coberturas verdes, e á esquerda, álem, o mar, a que o sol envia os ardentos raios da despedida, e que se espreguiça na sua altivez leonina deixando ouvir surdamente a voz sonora.

Em direcção opposta outra estrada leva nos a logarejos rusticos, que se vão revendo no rio, bello de prender corações, e orgulhoso das flores gentis a que banha as hastes.

Meadella, Portuzello, Santa Martha, Serreleis, como tudo aquillo por ali é bem o campo com que se sonha quando a poeira das cidades nos suffoca, e o ceo nos parece pequeno visto pelo córte das ruas! Um banho fresco e perfumado de verdura onde mergulhamos voluptuosamente. Que d'altas arvores, tão frondosas, e por sob as mattas de pinheiral e carvalheiras como é opulento o tapete de fetos! As vinhas trepam e dão sombra, e por todo o campo que vegetação, rica de verdes, tão fresca sempre e mimosa, e que regorgitar de ninhos...

Verdadeiros labyrinthos de verdura, estas aldeias minhotas, onde as habitações se escondem nos seus escriptorios vicejantes, cerradas de tal modo que é preciso subir a uma eminencia, ás horas em que as chaminés se accendem, para se comprehender como aquelles campos são povoados.

Por acaso n'alguma parte se encontra um nucleo de povoação a descoberto, a igreja, os restos d'algum velho solar, a casa do brasileiro, ostentando o brilhantismo dos seus azulejos polychromos, alguma venda, meia duzia d'habitações, o resto perde-se por entre as ceareas de milho, os parreirae, os soutos, os pequenos pomares, que uma sebe verde, ou um murosito bai-



VIANNA DO CASTELLO — Igreja matriz

dições e lendas que ellas encerram, um sopro romanesco vem agitar-nos a phantasia, e o ar triste da antiga cidade prende-nos com singular encanto.

Mas que rumorosa alegria pelo extenso cáes, vendo o Lima desenrolar a sua facha de setim e entrelaçal a no oceano! Bordam-na embarcações variadas, os barcos de cabotagem carregando e descarregando nos ancoradouros, os que singram, rio acima, movidos á vara, as lanchas de pesca, que vão affoutar-se ao largo, e por vezes as jangadas d'Anha e de Castello de Neiva, os tripulantes pittorescamente vestidos com o saio de burel branco, tirando com gesto largo, ao sair a barra, o chapéu, á imagem da Virgem que de lá parece guardal-os. A' direita os jardins, a casaria, no seu ar fresco a denunciar a vida feliz dos habitantes d'uma terra fertil, e á esquerda, para lá da margem, as franças do pinheiral que estende as raizes até á areia molhada do rio.

xo e um cancello fecham.

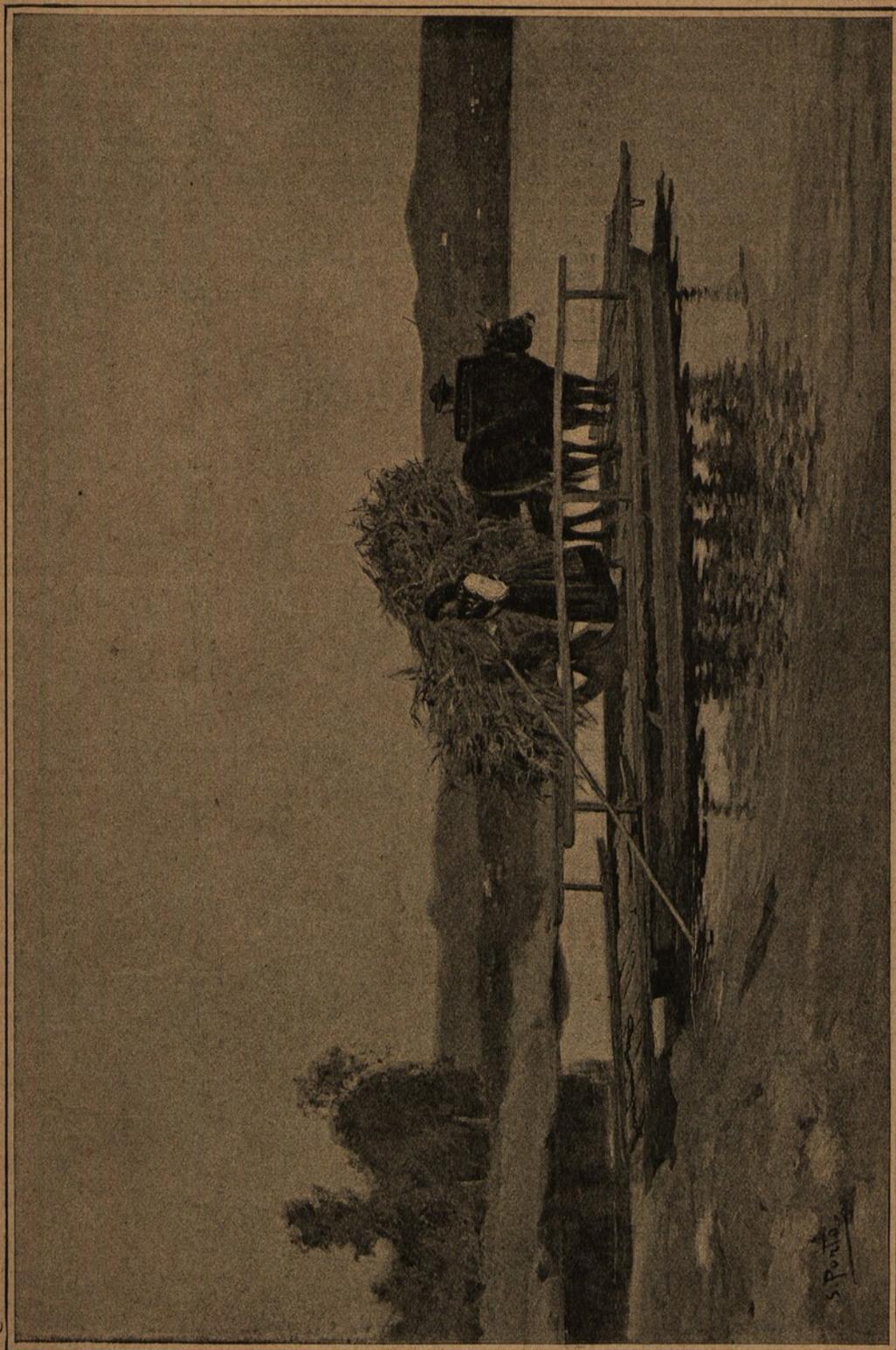
Se a gente se desvia das estradas e se interna pelos caminhos mais escusos, tem deliciosas surpresas d'imprevisto pittoresco. Scenas de naiades entre as ramarias das arvores, junto ao rio... Casas abrigadas por idosos carvalhos, abrindo para clareiras silenciosas e cheias de mysterio. Cidades de ninhos, tão cheias de vida e ruidosas como captaes

Em Portuzello um atalho offerece-nos a surpresa do *manoir* acastellado de Sebastião Pereira da Cunha. E passa a gente pela estrada sem ver a esplendida habitação, que abrigou a phantasia de dois poetas primorosos, para quem esse soberbo paço se ergueu tão de molde, que só de olhal o se comprehende a feição cavalleirosa, a alma crente, a fidalguia ativa e a tradicional firmesa dos Pereiras da Cunha. Só ali podiam compôr-se as estrophes do *Alcaide do Castello de Faria* e os bellos ver-

tos da *Cidade Vermelha*, com essa *allure* d'epopeia de que os poetas modernos desconhecem o molde.

Por uma triste coincidência, quando escrevendo estas linhas e a imaginação me esboçava no parquê de Portu-

tello, de que a ponte levadiça se erguia para que n'aquella morada de senhores não entrassem amaneirados burguezismos. A velha educação levantara tambem em volta da sua alma uma rija barbacam de nobres tra-



BARCA DE PASSAGEM, EM SERRELEIS (Vianna do Castello) - quadro de Silva Porto

zello a figura do author do *São de minha*, traziam-me os jornaes a noticia da sua morte.

Era bem moço ainda, mas pertencia a outro tempo, como a outra epoca pertenciam as torres do seu cas-

dições e altivos preconceitos, que a defendiam dos assaltos do bandalhismo moderno

Tinha ainda por lemma: Deus, Patria e o seu Rei, que em terras d'exilio conserva um throno só assente n'uma

rara meia duzia de corações como o d'elle. Nunca encontrava Sebastião Pereira da Cunha, em Lisboa, abotoado na sua negra sobrecasaca, com o chapéu alto um pouco ao lado, que não tivesse vontade de sorrir, lembrando-me do mal que devia sentir-se aquelle homem em tal traje. Por certo, ao collocar na cabeça o ridiculo tubo de seda, era o imaginal-o emplumado gorro que o fazia dar-lhe assim aquelle geito.

Mas deixa-me ir seguindo até Santa Martha e Serreleis, onde encontro sempre viva a lembrança d'um outro morto, que tanto amou aquelles campos, onde a sua imaginação d'artista se inspirava divinamente. Silva Porto... As suas paizagens mais bellas, mais sentidas, mais emocionantes, são minhotas. Que de vezes tenho descançado á sombra d'árvores que vivem nas suas telas; e de bellas aldeãs conheço que lhe pousaram para modelol

Como me recordo do dia azul e ouro em que elle começou a pintar a *Barca de passagem*. Abelhas fulvas zumbiam pelo caminho que da *Quinta de Santa Theresza*, descia para o rio; o carro passava das lages do pequeno ancoradouro para a barca, onde a Rosa empunhava a vara, e os melros voavam em assobios trocistas pelo pinhal. Eram por toda a parte risos, nas floritas

que se abriam ao sol, nas aguas azues que iam espraiairse pelas areias de Villa Franca, nas bocas vermelhas dos garotos acabado o pasmo em que os lançavam os estranhos preparativos de trabalho, e nos corações de nós todos, que a expansibilidade jovial da terra e do ceu punha em festa,

Alguns dias passei, bem saudosos, n'esse verde logar de Serreleis, na socegada *Quinta de S. Miguel*, que o seu proprietario tão gentilmente offerencia ao prazer dos seus amigos. Os passeios até Barco do Porto, as tardes passadas na sombra do pinhal, a vista pairando sobre os caseas, refulgentes ao pôr do sol como perolas e immergendo d'um mar de esmeralda. De noite a escuridão desdobrava-se solemne e religiosa sobre os campos em silencio. Que divagar sonhando pelos macissos de vegetação, pesados de sombra e como sobre esta negrura brilhava o fogo d'artificio do ceo! Parecia tudo morto em volta, e as arvores espectros velando. Ao ruído de passos, algum cão de guarda acordava em ladridos coletricos, ouviam-se raros pios d'aves nocturnas, e a corrente do rio ia, mansinho, gemendo em surdina uma saudade

(Continua).

MARIA RIBEIRO ARTHUR.

CANOVAS DEL CASTILLO

A morte brusca e dramatica do grande estadista hespanhol, assassinado a tiros de revolver pelo italiano Miguel Angelo Golli como Carnot o fôra pelo italiano Caserio, attinge em pleno coração a cavalheiresca e fidalga nação irmã, pois Canovas era, fôra de toda a duvida, um espirito de estadista de amplas faculdades, homem de energia e de acção como Bismarck e o representante tenaz e dedicado dos principios conservadores e reaccionarios por amor dos quaes morreu.

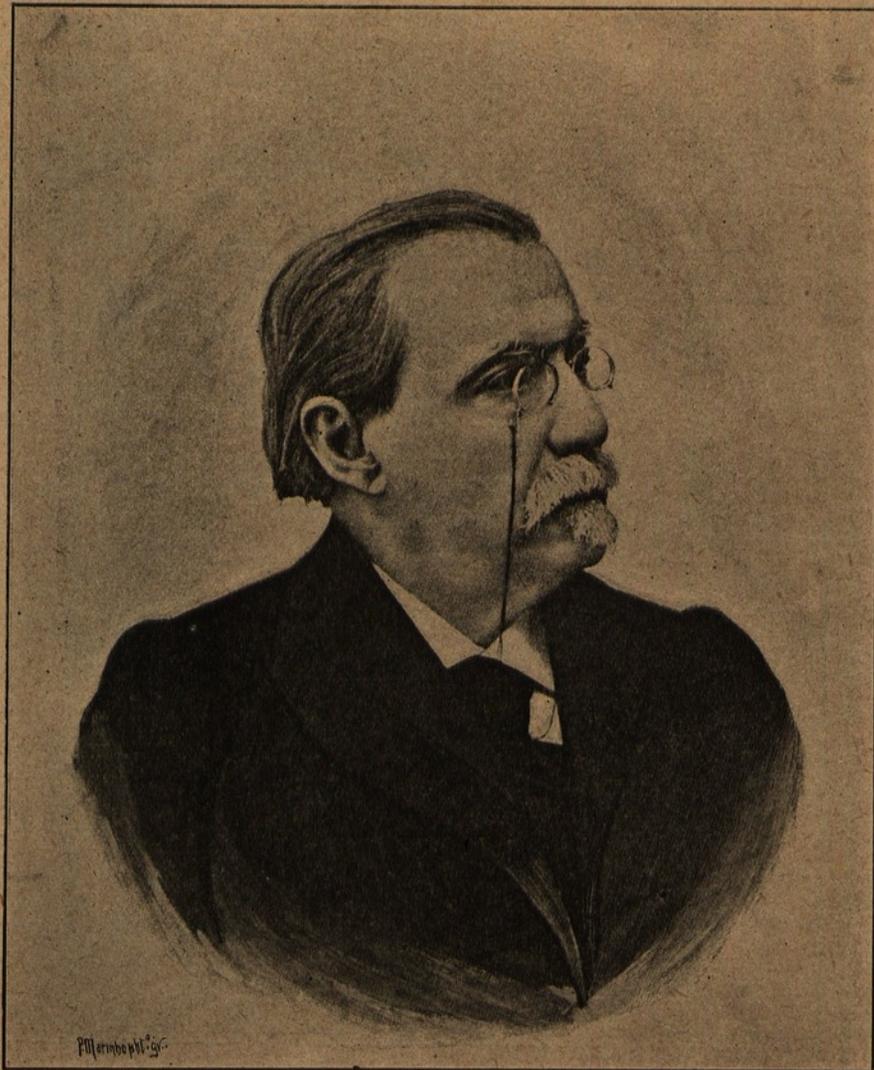
Canovas — mais conhecido entre os seus conterraneos por Don Antonio — nasceu em Madrid a 5 de junho de 1828 tendo portanto completado ha pouco 68 annos de idade.

De nascimento humilde, filho de um professor do Collegio Naval, Canovas teve para poder fazer o seu curso de direito de empregar-se n'um escriptorio commercial.

Começou pelo jornalismo e pela diplomacia, até attingir na politica o papel mais proeminente e dominador.

A Canovas deveu Affonso XII o throno de Hespanha. Foi elle que fez a Restauração monarchica, que deu o golpe mortal nos carlistas e que fez abafar as duas primeiras insurreições de Cuba.

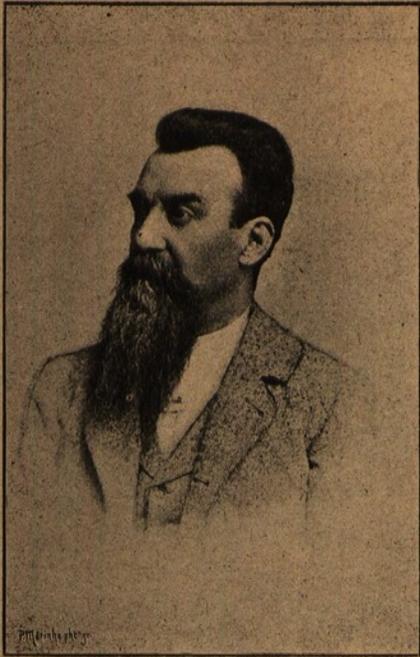
O que caracteriza mais a sua energia é a attitude que tomou na actual insurreição de Cuba, optando



pela guerra a todo o

Ultimamente modificara a sua politica a este respeito n'um sentido mais conciliador.

CLAUDINO DIAS



O *Branco e Negro* presta a sua homenagem a um modesto e intelligente obreiro da causa da civilização que, até á morte e atravez uma longa e illustre vida, foi sempre um incansavel estudioso.

O sr. Claudino Dias, que fazia parte do nosso exercito onde chegou a alcançar o posto de coronel, era principalmente um espirito a quem as questões pedagogicas e o magisterio interessavam sobremodo. Entre o professorado de Lisboa, que conta tão nobres representantes, o seu nome destacava n'um vivo esplendor de saber. O eminente professor procurava constantemente renovar os seus conhecimentos pedagogicos, e estava ao facto dos ultimos progressos que, n'este complexo ramo de sciencia, se teem realizado lá fóra. E os seus compendios se são a prova clara d'isso, documentam tambem as excellentes qualidades pedagogicas do seu espirito, o seu methodo, a pureza e simplicidade da sua expressão, e o amor enternecido que votava ás creanças, procurando dar-lhes livros que servissem não só para lhes educarem o espirito, mas que ainda falassem á sua imaginação.

AS PEQUENAS HEROINAS — FORTUNATA ROQUE

Nos tempos que vamos atravessando, em que por ahi campeia infrene o mais grosseiro egoismo, o homem não se nobilita com os titulos que hoje guindam os merceeiros a viscondes, e cuja duração é ephemera; a pratica das boas accções, a abnegação pelas mais nobres causas e o amor por tudo quanto é grande é que constitue a verdadeira nobreza, cuja existencia é perduravel, ficando perpetuada no grande livro da Humanidade.

E' por isso que a nossa alma palpita de admiração ao contemplar o heroismo do individuo que, levado por uma abnegação sem limites, lucha corajosamente, com risco da propria vida, para arrancar das ondas embravecidas o pobre naufrago que alli se precipitou, ou se lança atravez das chammas para livrar o seu semelhante dos horrores do incendio.

Quando, porém, taes actos são praticados, não pelo homem, mas pelo sexo fragil e sobretudo quando este ser se evidencia assim em tenrissima idade, a mulher, perante a nossa alma, parece ultrapassar os conhecidos limites naturais, tomando as proporções d'um ente sobrenatural.

O facto que ha dias succedeu em S. Martinho do Bispo, nos aros de Coimbra, é uma prova do que vimos de dizer; que nobres instinctos não mostrou essa rapariguita, cuja rudeza campesina faz um perfeito contraste com a sua alta comprehensão do dever!

E' ella que com o seu corajoso acto vem protestar, como o valoroso Mousinho, contra a decadencia da raça lusitana, que por ahi tanto se apregoa no momento em que todos se deviam compenetrar do muito que ainda vale a nossa querida patria, libertando-a d'esse marasmo que a vae minando pouco a pouco.

Vejamos, porém, como se deu o acontecimento, reunindo as notas que nos forneceu a imprensa.



Fortunata Roque e as quatro irmãs por ella salvas

Em S. Martinho do Bispo, junto de Coimbra, deu-se ha perto de 15 dias um incendio, que deixou completamente arazada a habitação de Salvador Arede, ficando este sem meios para se manter a si e á sua familia, composta de 7 criancinhas.

Ora quatro d'essas creanças, d'idade de 19 mezes a 3 annos e meio, devem hoje a vida á coragem d'uma rapariguita de 13 annos, Fortunata Roque, que ao ter noticia do incendio, conseguiu entrar no prédio incendiado, tirando d'elle os quatro innocentes que alli se encontravam.

Este acto, praticado por uma pobre rapariguita fez com que convergissem sobre Fortunata Roque as atenções da população de Coimbra, tributando-lhe a maior sympathia. E' assim que a corporação dos bombeiros voluntarios d'aquella cidade foi a S. Martinho, com a sua fanfarrá, manifestar tambem á rapariguita o seu testemunho de admiração, e o administrador do concelho impetrou ao governo o galardão com que se costumam premiar os heroes d'esta ordem.

Urge, pois, que o governo, sem demora, salde uma divida para com essa adoravel rapariguita, que deu uma manifestação dos nobres instinctos que possui a raça portugueza.

Não deve, comtudo, esquecer tambem o alumno do 1.º anno da Escola Agricola, sr. Manuel Pereira Gonçalves, de S. Thiago de Cacem, que egualmente arrancou ás chammás Maria Liguria, a mãe das criancinhas, ficando com o fato queimado, como se póde verificar pelo retrato que acompanha este artigo.

Accedendo do melhor grado ao convite que o nosso illustre amigo e esclarecido editor do *Branco e Negro*, sr. Antonio Maria Pereira, nos fez de consagrar em meia duzia de linhas a acção da pequenita Fortunata Roque, não podemos deixar de agradecer ao distincto photographo sr. Adriano Tinoco a offerta das bellas provas photographicas que representam o sr. Pereira Gonçalves e o



Manuel Pereira Gonçalves

gracioso grupo E' com o maior orgulho que assignamos esta pagina dedicada aos dois heroes.

Figueira da Foz, 5 de agosto 97.

A. J. VALLE E SOUSA.

S O M B R A S

Falam-me Sombras — dizem-me: que esperas
d'esse desejo eterno d'Infinito?
Has de ouvir sempre e em tudo este maldito
uivar d'hyenas, de chacaes, de feras!

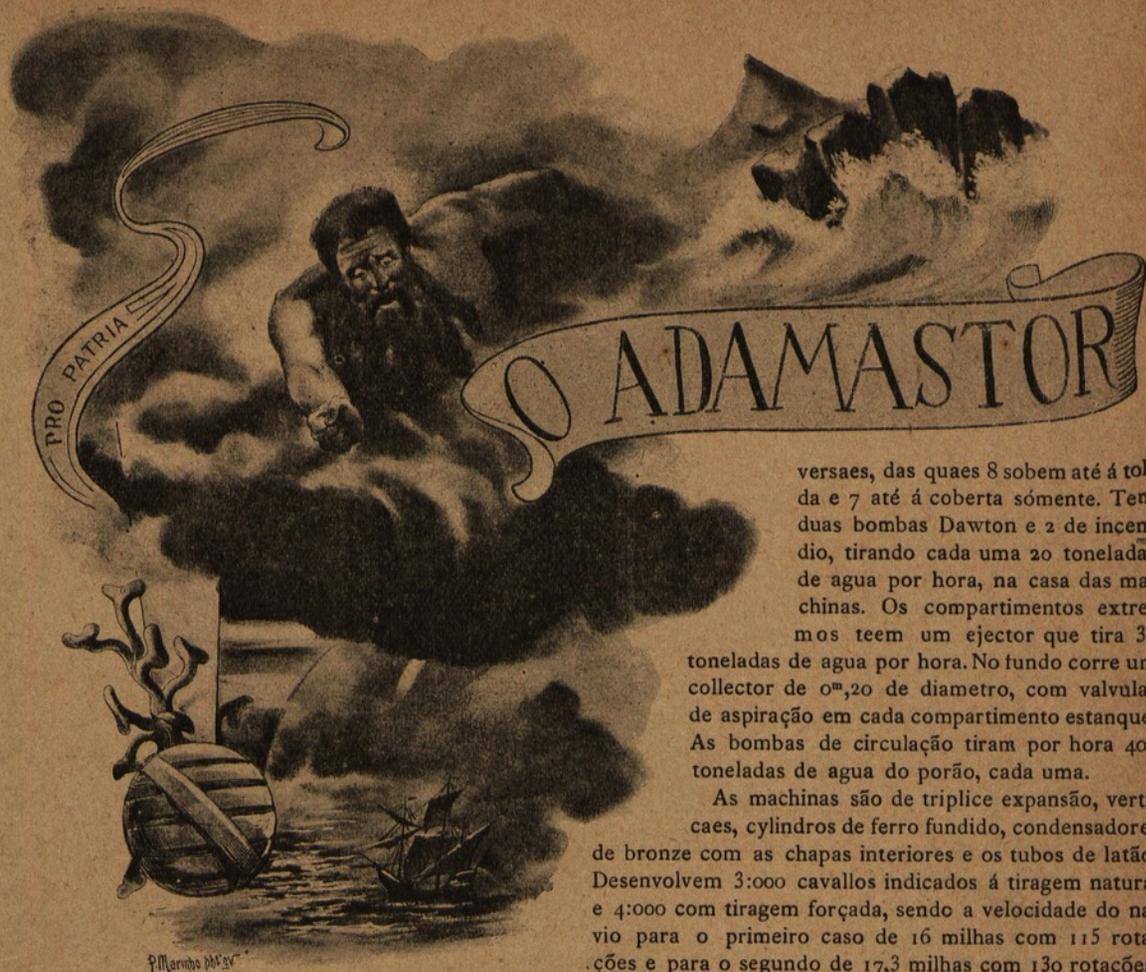
Louco! inda revestido de chimeras
do grande Sonho ideal — Sonho bemdito — ...
A voz do amor de balde, grito a grito,
vem percorrendo as gerações e as eras!

Heroes e Deuses — martyres da Idéa —
passam, nas azas brancas da Epopéa,
sob esplendores magicos de gloria...

Porém, no fundo, ha dôres e lamentos,
e no sopé dos altos monumentos
inda é com sangue que se escreve a Historia!

Dos *Luares* — a publicar.

José AUGUSTO DE CASTRO.



O CRUZADOR «ADAMASTOR»

DE fôrmas delgadas e elegantes, no conjunto apresenta um magnifico aspecto. Com os seus dois mastros militares e as duas chaminés tem a apparencia dos cruzadores inglezes de 2:000 toneladas que fazem serviço na Africa do sul.

O casco é de aço Siemens Martin, formado de nove carreiras de chapas ligadas por sobreposição com dupla cravação, exceptuando a 8.^a e 9.^a carreiras, onde as chapas ligam topo a topo. Cada uma das chapas tem 4^m,88 de comprimento e 1^m,20 de largura, variando as espessuras entre 14 e 10,25 m/m.

O navio tem 75^m,20 de comprimento, entre perpendiculares, 10^m,73 de bocca maxima e 6^m,6 de pontal, deslocando normalmente 1:750 toneladas e podendo chegar ao deslocamento maximo de 1:993 toneladas. Demanda 4^m,75 de agua, tendo uma quilha horisontal de 14 m/m de espessura em 3/5 do comprimento do navio e 11 m/m nas extremidades e 1^m,10 de largura. O cadaste e o esporão são de aço fundido.

O navio tem 123 balisas, distantes umas das outras de 0^m,61. O duplo fundo tem de comprimento total 31^m,55, formando compartimentos estanques nos intervallos de 6 cavernas com alturas variaveis entre 0^m,90 e 1^m,20.

Uma anteparas estanque longitudinal, subindo a 1^m,10 acima da linha d'agua normal, separa as machinas e as caldeiras. Outras anteparas longitudinaes lateraes estanques formam os paioes de carvão, n'uma extensão de 23^m,20, divididos por anteparas transversaes estanques de 6 em 6 balisas.

O navio é dividido por 15 anteparas estanques trans-

versaes, das quaes 8 sobem até á tolda e 7 até á coberta sómente. Tem duas bombas Dawton e 2 de incendio, tirando cada uma 20 toneladas de agua por hora, na casa das machinas. Os compartimentos extremos teem um ejector que tira 30 toneladas de agua por hora. No fundo corre um collector de 0^m,20 de diametro, com valvulas de aspiração em cada compartimento estanque. As bombas de circulação tiram por hora 400 toneladas de agua do porão, cada uma.

As machinas são de triplice expansão, verticaes, cylindros de ferro fundido, condensadores de bronze com as chapas interiores e os tubos de latão. Desenvolvem 3:000 cavallos indicados á tiragem natural e 4:000 com tiragem forçada, sendo a velocidade do navio para o primeiro caso de 16 milhas com 115 rotações e para o segundo de 17,3 milhas com 130 rotações.

As ultimas experiencias deram, porém, melhores resultados, pois que o navio andou 18 milhas com tiragem forçada. Os diametros dos cylindros são de 590 m/m, 950 m/m e 1^m,5, respectivamente para os cylindros de alta, média e baixa pressão e o passeio dos embolos é de 0^m,80. Os helices teem esphera de bronze e tres abas, cada um de bronze manganez, sendo o passo de 4,75 com a possibilidade de variar entre 4,430 e 5,030. A tiragem forçada é dada por 4 ventoinhas de 1,50 de diametro. O peso das machinas e caldeiras, comprehendendo 68 toneladas de agua, é de 420 toneladas.

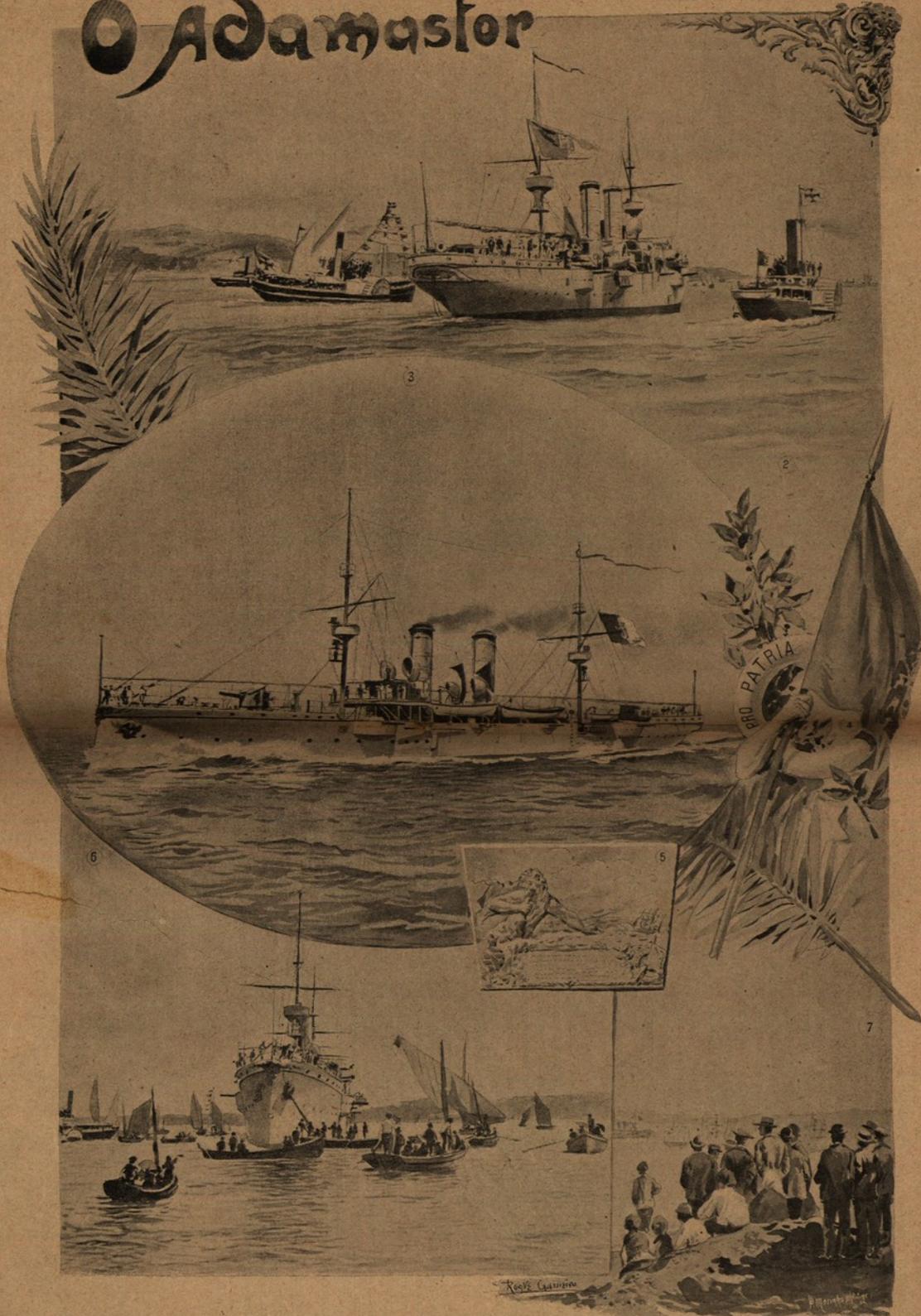
As caldeiras são de aço, de 4^m,10 de diametro exterior e 3^m,10 de comprimento, trabalhando á pressão de 160 libras por pollegada quadrada. São quatro e cada uma tem tres fornalhas systema Fox, de 1^m,03 de diametro com uma superficie total de grelha de 24 metros quadrados. Cada caldeira tem 334 tubos de aço macio com 70 m/m de diametro exterior. A superficie de aquecimento é de 790 metros quadrados.

As chaminés tem 1^m,80 de diametro.

O navio tem um raio de acção de 5500 milhas, a 10 por hora, e comporta 393 toneladas de carvão. Tem combustivel para 22 dias de navegação.

Não era assim o primitivo contracto. Segundo este, o navio teria 513 toneladas de carvão e um raio de acção de 7200 milhas, a 10 milhas por hora, e isto constituia uma das magnificas qualidades do navio, a principal talvez. Com, o fim, porém de alargar um pouco a coberta, o que não era absolutamente indispensavel, pois que esse alargamento foi desde logo inutilisado pela collocação de umas armações de ferro para arrumação de macas e sacos das praças, foi cortado um paiol transversal, cuja

O Adamastor



CHEGADA DO "ADAMASTOR," AO TEJO

1, Carranca de proa. — 2, Paragem do Adamastor em Paço d'Arcos para receber os cumprimentos da Sociedade de Geographia e Associação Commercial. — 3, O Adamastor desenvolvendo a maxima velocidade. — 5, Placa em bronze, modelada pelo eximio artista Raphael Bordallo Pinheiro. — 6, No acto da amarração. — 7, No Aterro.

capacidade era para 120 toneladas de carvão aproximadamente, para no lugar d'elle se fazerem os alojamentos dos officiaes inferiores, que no projecto primitivo eram collocados um pouco mais ávante, encostados á amurada d'um e outro bordo. Deve-se dizer que não foi a casa Orlando, mas sim o delegado da commissão executiva da subscrição, quem impoz tal modificação.

No que diz respeito a alojamentos para officiaes e officiaes inferiores nada de melhor se pôde exigir. São espaçosos e confortaveis, luxuosos mesmo.

O commandante tem uma camara formosissima, toda forrada de mogno artisticamente trabalhado, e o pavimento forrado d'um *parquet* graciosissimo. Além da camara, tem ainda o commandante uma sala de ttabalho, o camarote e uma casa de banho. O immediato tem um camarote e uma casa de banho espaçosos. Os alojamentos d'um e outro são debaixo do tombadilho, onde se encontram tambem a dispensa do commandante, a secretaria e a casa dos chronometros.

Esta ultima foi aqui collocada em resultado d'uma modificação no primitivo projecto.

Segundo este, os chronometros deveriam ficar em baixo, na camara dos officiaes, na linha média do navio, posição evidentemente mais apropriada á extrema delicadeza d'aquelles instrumentos; e debaixo do tombadilho, onde actualmente se encontram os chronometros, deveriam fazer-se dois pequenos gabinetes, dos quaes um era destinado a arrecadação de bandeiras e o outro a arrecadação da roupa dos officiaes que sahisses de quarto molhados.

Não se vê a razão por que isto foi modificado.

A camara dos officiaes vae d'um bordo a outro com tres vigias por bordo, e tem um aspecto alegrissimo com o seu forro de madeira clara, magnificamente trabalhada.

Os camarotes são espaçosos e mobilados com um luxo que não estamos habituados a vêr nos nossos pobres navios de guerra. Ao projecto primitivo foi cortado um camarote sem se vêr bem com que fim.

A camara dos guardas marinhas e aspirantes é tambem confortavel. N'ella se vêem dois camarotes com quatro beliches cada um, uma dispensa e uma casa de banho. No primitivo projecto havia lugar para 10 individuos nos dois camarotes.

Os alojamentos dos officiaes inferiores nada deixam a desejar e a guarnição dispõe de muito espaço.

O armamento do navio consta de duas peças de 0^m,15 Krupp collocadas no tombadilho e castello, de quatro

peças Krupp de tiro rapido de 10^o,5, duas á proa no convez e duas á popa na tolda, assentes em embonos bastantes salientes, de quatro peças de tiro rapido Hotchkiss de 0^m,065, collocadas duas por bordo, entre as peças de 10^o,5, de duas peças de tiro rapido Kotchkiss de 0^m,036 collocadas na ponte e de duas metralhadoras nas gaweas militares. As peças de 0^m,15 e de 10^o,5 são servidas por dois montacargas, um á proa, outro á popa, de manejo simples. Falta por completo o material de artilheria de desembarque. No primitivo projecto havia na ponte, em lugar de duas peças que ali se vêem, duas metralhadoras assentes em cônes montaveis nos escaleres e com viatuvas para desembarque. Os campos de tiro são largos, podendo operar-se um cruzamento de fogos effcaz. Completam o armamento tres tubos lança-torpedos, um fixo á proa, acima da linha d'agua, e dois volantes, na tolda, visinhos aos portalós.

Os porões e paiões são espaçosos. O navio pôde levar mantimentos para 200 homens para 45 dias de viagem e tem 20 toneladas de agua.

A iluminação electrica é profusa, fornecida por dois dynamos de 12.000 *volts* cada um, com motor proprio. Nos mastros militares vêem-se dois projectores systema *Mangin* de 12.000 vélas cada um, um dos quaes, o de proa, é manobrel da ponte do commandante.

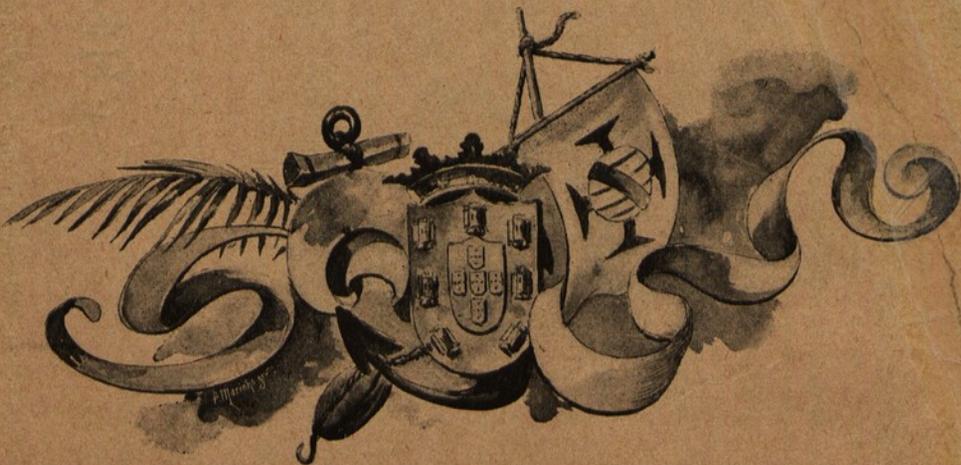
O leme é de patente, de aço fundido, de 240^m de diametro e chapas de 9^m; fica acima da quilha e é servido por um aparelho a vapor, com duas rodas, uma na casa de navegação e outra na casa couraçada, e por uma roda a braços, sendo extremamente facil a mudança do movimento a vapor para o de braços e vice-versa.

Dois aparelhos electricos de ventilação tornam as condições de habitabilidade do navio extremamente favoraveis.

Tal é o *Adamastor*. Se não é um navio propriamente de combate, com qualquer valor militar, será todavia uma boa escola de preparação, dos officiaes e praças, para o serviço do material moderno. Dentro do preço era impossivel fazer melhor. A construcção é conscienciosissima.

Não é um navio *reclamo*, como para ahi se quiz dizer; é um navio construido segundo os processos usuaes da casa constructora, pois que esta applica os mesmos cuidados e escrupulos á construcção do argentino *General S. Martin*, que está em via de acabamento, e ás do *Varese*, para o governo italiano.

AVELINO MONTEIRO.



JARDIM ENCANTADO

(PEQUENA ALLEGORIA)

La muito longe dos Homens, nas verdes margens do Lago Azul, existe um bello Jardim Encantado, onde jámais fenecem as flores, os luctos do Inverno são ignorados e as viuvezes da Sombra, — pois eternamente a Lua alli espargue a sua eucharistia d'alvuras.

Os horisontes, flavas claridades, distribuem-se na Via-Lactea...

E sob o ceu que ineffaveis nuances espiritalizam — effluvios de luz, vaporisações d'opalas e de espumas — sob o ceu como uma gruta do mar, a edenica pay-sagem, abstracta e fluida, parece suspensa no luar.

A luz edifica chymericos castellos d'Ar-mida, dourados dômos, orientaes architecturas de palacios que habitam as Fadas: Desmaiam no ar tenues balsamos, aromas inéditos que dão vertigens de sonho, espasmos de felicidade: A luminosa vibração das borboletas é no espaço como uma deslumbrante geada de tulipas aladas: Choram as estrellas no lago, lagrimas de luz, de divina alegria. Azulados ribeiros, sob a nebulosa dança das naiades, vão correndo e entoando as suas vagas balladas pelos echos das encostas verdejantes, para mysteriosas grutas como cathedraes, onde a sombra tem recessos de sacrário. E uma brisa espirital, harmonia fluctuante feita de esparsas musicas d'almas, faz murmurar á beira do Lago-Azul, os prados sideraes de lyrios, de lotus e de assucenas, como alvos turybulos para o Alto, de evangelicos incenscs.

E murmuram as Flores, á beira da agua deitadas, como amorosas rezas, vagos segredos de virgens namoradas...

Nas feéricas brumas dos longes, que são translucidos fumos de côres, incoerciveis Visões desfilam, em tunicas palidas de legenda: — Ophelia, a linda noiva dos salgueiros, esfolhando a sua grinalda — (o espaço, á volta d'ella, é uma argentea chuva de beijos!) — Beatriz, diaphana e angelica, uma verde palma na mão — (os seus sorrisos fazem brotar lyrios, por onde ella passa!) — Desdemonna, sonhando, de cabellos ao vento — (sangue que d'ella corre, é bemdito orvalho de violetas, no chão!) — Julietta e Romeu, enlaçados (seus olhos absortos irradiam luar!) — e toda radiosa theoria dos Amântes que no seu vôo sobre o mundo passaram, sem parar e sem o vêr.

Todo o Jardim sorri para o Ceu, pela bocca das suas Flores...

Uma divina serenidade, — candura, amor, claridade! — envolve a natureza calma, como n'um sonho. As mesmas pedras musgosas e as arvores abraçadas e noivando em flor, tem estaticas attitudes, pois em tudo vibra a mesma harmonia de sentimento.

E o clarão dos sonhos, sobe a fundir-se nas caricias brancas, nos hymnos brancos do luar...

Esse é o jardim Encantado onde floresce o lotus azul do amor! Lá a lua é eterna, e nunca a sombra desce. Nem os lentos venenos do ciume, nem os corrosivos cardos do abandono: ali, nem decepção, nem tedio!

Para obter a felicidade inextinguível na sagrada communhão do Amor Absoluto — esse transporte da Vida na Eternidade! ide colher a flor eterna a esse Jardim Encantado.

O real ideal do Amor, só lá existe!

— N'estas ou n'outras propicias e chymericas palavras é que se resume o velho Poema sempre inedito e immortal. —

*

E as duas creanças puzeram-se a caminho. Atravez do Mundo, foram andando. Pizaram pedras gastas de ruas (que são corações endurecidos, petrificados). Pizaramervas d'ermas verêdas campestres (que são cabellos verdes de Fadas, cahidos).

Noite e dia, foram andando sempre, os olhos fitos no horisonte: e a sombra do seu par alongava-se nos poen-



tes. Uma estrellinha as guiava, na tréva dos montes, como aos Magos a caminho de Bethelém.

Que lindas eram suas figuras!... Elle tem os cabellos louros como um Astro, a radiosa adolescencia d'um amoroso Antino, forte e agil. Os cabellos d'ella, nubil e svelta, são um fluctuante e vaporoso manto de azulinos brillos como as da pequena santa Agnés: o sorriso lunar dos anjos tristes adeja á flor dos seus labios entreabertos: e como os lodões azues que fluctuam nos lagos são seus olhos limpidos; e os seus pés nus, são lyrios andantes. Nos cabellos leva uma corôa de flores de amendoeira...

Vão abraçados; e a alma d'um é a alma do outro, simples e castas, como a agua que reflecte as estrellas — e que não conhece outro beijo senão o da bocca das flores. A sua vida não vive senão d'este luminoso fim — amar, unica vida! divino, absorvente, como o dos mysticos espiritos que mais visinhos moram do ceu.

E aos olhos d'ambos, a mesma deslumbrada ancia de Infinito illumina, extasiadas nos luminosos longes do seu sonho nupcial.

Os aldeãos paravam de cantar, á volta das vindimas, para os verem passar, n'um enlevo. E offereciam-lhe abadas de cachos brancos, esfolhavam rosas de toucar pelo caminho. Mas os dois adolescentes passavam sem parar, cegos para o Mundo, tão longe d'elle! no unico anejo desse paiz de Luar onde floresce o lotus azul — o Amor Supremo. E para não se beijarem, não se olhavam, — porque o seu primeiro beijo, para fertilisar a propicia colheita das venturas proximas, só deviam inicial-o, para o perpetuar, lá n'essa Ophir das almas.

E os aldeãos ficavam a si mesmo perguntando, suspensos, se não eram dois anjos resuscitados da ermida da Serra, que tinham partido, com a nostalgia do ceu-natal.

As pombas arrulhavam, e elles não se beijavam. Iam andando, iam passando.

— Ah! o estranho Reino de maravilhas, para onde fica?...

— Sempre em frente, sempre lá ao fundo dos vossos olhares!... dizia-lhes a Estrella d'Alva, cada dia nascendo — repetia-lhes o Sol, cada poente, morrendo.

(Continua.)

JUSTINO DE MONTALVÃO.

POETAS MORTOS

ANTONIO FOGAÇA

VAE para nove annos que, na terra querida dos poetas, a sempre vaporosa Coimbra, fechou os olhos á luz, por um frio e tristonho dia de novembro, este bello rapaz e notabilissimo poeta, tão adorado dos seus contemporaneos que se extasiavam perante a sublimidade da sua alma, feita de raios de sol, e a scintillante originalidade do seu talento que legou á litteratura patria um adoravel bouquet de perfumadas poesias, onde esvoaça audazmente a aguia do genio, n'um rijo bater de azas, tão rijo como brilhante.

Nunca nos foi dado o prazer de conhecer Antonio Fogaça; quando elle abalou d'esta vida acabavamos de transpôr o limiar do Lyceu de Coimbra.

Lembramo-nos, porém, com nitidez, da enormissima dôr que envolveu as tricanas mondeguinas e a academia de Coimbra, ao verem nas tabuas d'um estreito esquite o cadaver livido e enregelado do seu pobre e querido cantor, que illuminára tão intensamente as letras coimbrãs com os clarões vivissimos do seu espirito, trahindo um uberrimo veio de poesia, e uma alta organização artistica.

Do seu nome conserva-se ainda hoje na cidade de Ataces uma penne e saudosa lembrança, e os seus versos bailam entre os rumorosos sineiraes do Mondego em tardes de oiro, cheias de sol...

Antonio Fogaça, que cursou na Universidade a Faculdade de Direito, falleceu em Coimbra n'uma casa da Couraça de Lisboa, a 28 de novembro de 1888.

Aparte as poesias que deixou disseminadas por alguns jornaes e revistas, deu á publicidade um encantador e peregrino volume, *Versos da Mocidade*, em que ha poesias deliciosas, reveladoras d'uma intelligencia de primeira agua, brilhantes scintillações do sentimento, que são um eloquente documento do seu enormissimo talento e lhe marcam um logar distincto entre os nossos mais inspirados poetas.

Escrevendo estas singelas palavras não somos levados pela louca pretensão de esmerilhar as formosissimas qualidades que exornavam o luminoso poeta; visamos unicamente a relembrar o saudoso nome de Antonio Fogaça, consagrando-lhe n'um humilde desenho a sua physionomia sympathica e assellada de bondade.

Esta evocação do seu vulto, esta modestissima homenagem que hoje prestamos á memoria do grande poeta, será uma pequenina e singella flôr, que, pelo perfume da sua sinceridade, merecerá talvez ser atada ao ramilhete constituido das saudades dos seus innumerados amigos e admiradores, entre os quaes vemos figurar o eximio poeta Joaquim de Araujo, que prestou ao illustre morto o seu tributo de saudade na poesia que aqui vamos deixar publicada:

NA MORTE DE ANTONIO FOGAÇA

Chovam as lagrimas do céo
Na triste cova que te encerra!
Entraste gélido na terra,
Em que o teu corpo se esconden.

Além, por entre os pinheiraes,
Passa um murmúrio de piedade:
As pombas voltam aos pombaes,
Cortando o azul da immensidade.

Poetas! vinde ao vosso irmão
Dar-lhe a suprema despedida;
Soltae a prece mais sentida
Do vosso augusto coração!



Rosas de luz, rosas de abril!
Que lhe surgieis pela estrada,
Cubri a cova abandonada
D'aquelle espirito gentil!

Noiva adorada e pura flôr!
Se uma catastrophe t'o leva,
Como contraste aquella treva
Lança-lhe a luz do teu amor!

Aves de canto virginal!
Velae aquella sepultura,
Da ramaria verde escura
Do religioso ciprestal.

Alh, ó trémulas visões,
Branços phantasmas doloridos!
Roçae a hímbrria dos vestidos
Da Lua aos pallidos clarões!

Lirio não ha, que se não tisne
Da Morte á luz crepuscular...
Mas tu morreste como o cisne,
Que fica exanime a cantar!

Dezembro, 88.

O livro de Antonio Fogaça, *Versos da Mocidade*, acha-se exgotado ou prestes a exgotar-se; por isso os seus amigos e admiradores levantariam um bello monumento á sua memoria se mandassem reimprimir aquella obra, additada com as composições, que por ahi andam quasi ignoradas em jornaes e revistas.

E' uma d'essas poesias, hoje talvez rara, que vamos offerrecer aos nossos leitores. Foi recitada pelo grande e saudoso poeta nos concertos que a academia de Coimbra promoveu em honra da Tuna de Compostella, em fevereiro de 1888. Fechará com chave de oiro este pequeno mas sentido artigo á memoria do primoroso auctor dos *Versos da Mocidade*.

Figueira da Fóz, 1 de agosto de 1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.



A' Tuna Compostellana

Os nossos corações pertencem-vos, artistas,
Mocidades d'Abril, esplendidos bohemios,
Que empunhaes nobremente o facho das conquistas!
— Vós haveis de sentir gravada na memoria —
Vós, amigos, que sois os nossos irmãos gêmeos,
De tanta alma ruidosa as notas imprevisitas
E estes cantos de festa e estes brilhos de gloria.

Convulsiona-se agora o nosso pensamento,
E eu julgo vêr descendo em fôrma de visão,
Sobre a vossa cabeça, á flôr d'este momento,
A gratidão e o ardor dos nossos corações,
Um rasgo de bondade
Entre as canções mais bellas,
Como se um Deus descesse a rir do firmamento
E n'um delirio bom, cheio de magestade
Vos coroasse de estrellas.

Accorda-me o clamor d'essa harmonia extranha
Que sabeis desferir, algum éden occulto,
Onde habita em segredo um mysterioso vulto,
Que se anima aos clarões do céu azul da Hespanha.

Ouço as fadas cantar valsando entre as ruinas. . .
Sonho balcões em flôr ; e aparições graciosas
— N'um poente franjado á renda das neblinas —
Rescendendo á violeta, aos lyrios e á baunilha
Passam junto de mim, de subito, nervosas,
Com seus rostos gentis envoltos na mantilha.

Outras vezes, então, perdida na vertigem
Allucinadamente a phantasia enreda
Um throno singular, um throno d'oiro e seda
Colorido, vibrante, esplendido, sereno,
Que no throno de Deus tivera a sua origem
E d'elle se affastou só pelo achar pequeno.

O throno é collossal e immerso todo em soes,
A Alegria é quem traja o manto de rainha.
Por toda a parte se ouve a voz dos rouxinões ;
E os bons aventureiros,
Dignatarios febris e fúlgidos guerreiros,
N'um prazer quasi eterno,
Tem em signal de paz a espada na bainha
E na dextra pujante a taça do phalerno.

A Alegria vae dar a altiva recepção.
Todo o sangue reflue ao nosso coração
Tomado de surpresa, do fulgor dos diamantes ;
E nos mesmos instantes
Em que ella surge avara, simples e formosa,
E as mil scintillações redobram nos espelhos
Caem junto a seus pés — que são hastes de rosa, —
Os Artistas de joelhos.

Amigos, perdoai. Tudo isto me recorda
Quando vós descobris as notas diamantinas
Que se occultam talvez n'uma pequena corda
Ou se escondem melhor n'essas almas divinas,

Em nós encontrareis os braços e o carinho,
Operarios no afan d'um tecto hospitaleiro,
Não temos mais ; porém, amigos, descansae,
Descansae

Como as aguias que vão ao longe fazer ninho
A um paiz estrangeiro.

Se ha peito que só tenha um pequenino affecto,
Se ha coração que pulse apenas n'um *alegro*,
Se o sonho é para alguém nas formas incompleto,
Se ha ainda algum fervor sob este traje negro,
Se a virgem da Belleza, a doida sacrosanta,
Nos faz seguir no azul a sua aerea cohorte,
Se algum hymno guerreiro ainda nos supplanta,
Enthusiasta e febril, como as canções do Norte,
Se um desejo sequer suavissimo e veloz
Só para vos saudar tem cantos idealistas,
Sinceramente, agora é tudo para vós,
E tudo para vós n'este momento, Artistas !

Por isso, no prazer magnetico de vêr-vos,
O' bohemios do Amor, nós, ebrriamente escravos,
Sentimos a expansão vibrando-nos os nervos,
Em febre, a rebenotar, n'uma explosão de bravos !

ANTONIO FOGAÇA.

VIAGENS NO ESTRANGEIRO

CADIZ

CONTAM-SE maravilhas do que os inglezes fizeram nas ilhas de Santa Helena e de Hong Kong. Sobre os estereis rochedos da primeira fundaram uma importante cidade, com seus passeios e arvoredos, e plantaram hortas e pomares; transportando através do oceano

podem o genio e a força do homem. Onde hoje existe esta bella cidade, com elegantes edificios, extensas ruas, um jardim botanico, a formosa alameda de Apodaca e a praça ajardinada de Minar, não havia outr'ora mais do que um rochedo esteril e desigual, isolado no meio do

mar. O proprio isthmo que a liga a S. Fernando, foi na maior parte obra dos homens, que o construíram por meio de grandes atterros lançados sobre o parcel.

Graças a tantos esforços, começados muitos seculos antes da nossa era, quando os inglezes ainda eram uns pobres selvagens esquecidos no meio das brumas do seu paiz, estes logares offerecem um dos mais bellos espectaculos que meus olhos teem contemplado. Do seio do mar parecem emergir as grossas muralhas, batidas aqui e ali pelas vagas. Ellas teem o aspecto de um grande e robusto vaso, moldado sobre os rochedos desde épocas seculares, e a que os vendavaes teem alterado as côres e roído a pregadura. Dentro abriga-se tudo o que póde constituir uma grande povoação. São edificios, ruas, praças e arvoredos, no meio da superficie unida e immensa do oceano; os ruidos diversos de uma população consideravel no meio do barulho unisono das vagas; a agitação da vida com todas as suas alegrias, miserias e soffrimentos no meio da serenidade magestosa do infinito. E' a vida humana, sob todas as suas phases, e em pleno mar, no seio d'esse mysterioso e terrivel elemento que participa da unidade e grandeza de Deus.

Eu subia, para melhor abraçar este espectaculo, ao alto da Torre de Vigia.

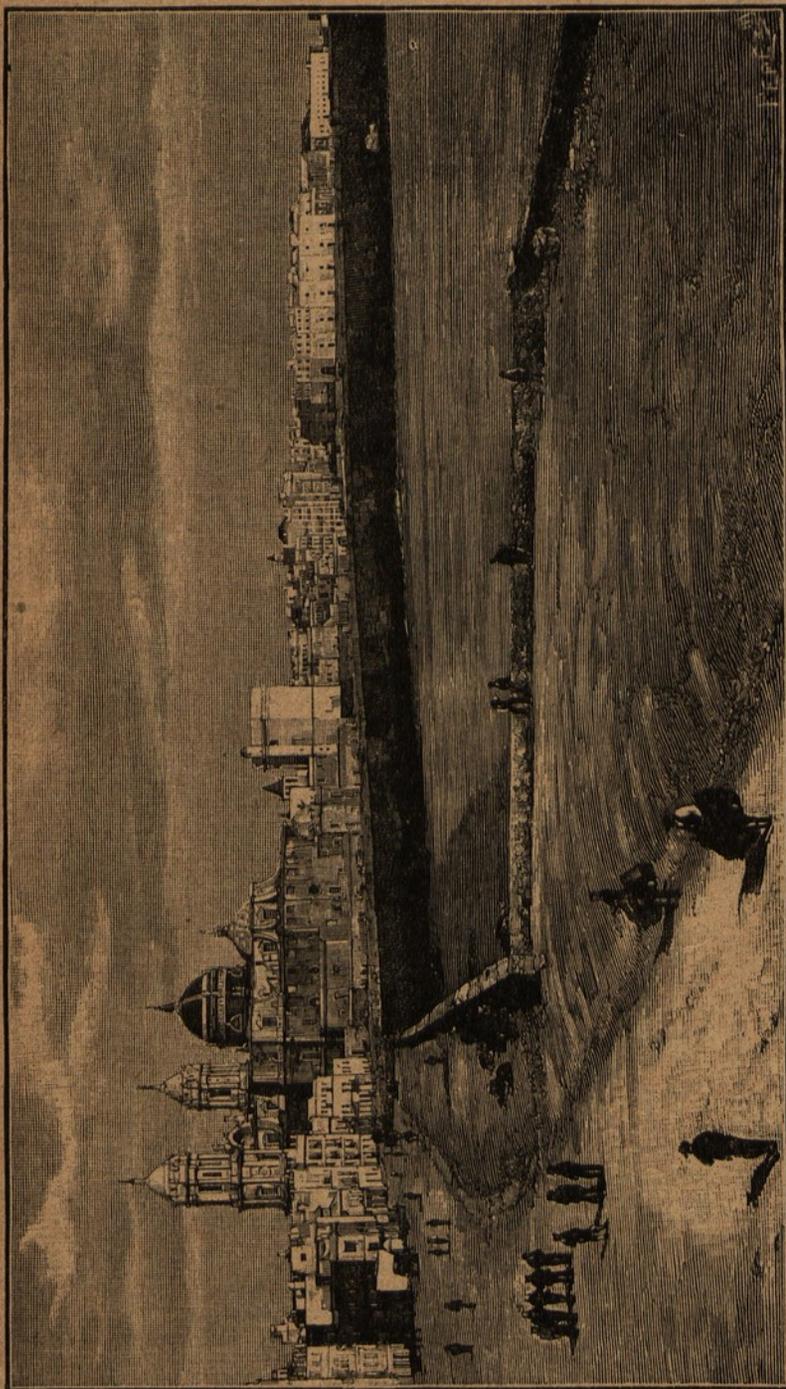
O sol dardejava raios de fogo que faziam empallidecer o azul do firmamento: a atmosphaera parecia abrazada como o ambiente d'uma fornalha.

Sob este sol e este ceu brilhavam os terrados de uma cidade mourisca, os muros brancos, as cornijas dos mais altos edificios, os campanarios, e as côres alternadas de milhares de telhados.

Para o lado do oeste o mar sem limites; mas um mar fundido de esmeraldas, que se temperava ao longe no mais bello azul. Na extremidade do horizonte uma faixa cinzenta de vapores, onde se confundiam o ceu e o mar; e algumas velas brancas, como azas de aves marinhas.

Do outro lado as aguas da bahia, repousando como um lago, no leito que lhes traçam as terras longinquoas e o isthmo. Nenhum movimento de grandes embarcações n'esta grande superficie: viam-se apenas algumas fundeadas a sueste com a mastreação nua, como grupos de arvores desfolhadas.

Ao longe, entre o noroeste, leste e sul, alvejavam no



VISTA GERAL DE CADIZ

no os materiaes de construcção, as terras, os animaes e as plantas. Na segunda romperam as massas de granito, nivelaram n'as em grande extensão, edificaram sobre ellas a cidade Victoria, e abriram um vasto porto á navegação do mar da China.

Cadiz offerece um exemplo semelhante do muito que

escuro da terra os edificios de algumas povoações; eram Rota, Porto de Santa Maria, Porto Real, Carraca e S. Fernando, que formam a côrte d'esta velha rainha dos mares.

Do lado do sul estendia-se o istmo, em alguns pontos tão estreito que parecia não ter vinte passos. Por fóra, junto á praia, uma faixa branca, que se elevava aqui e alli em dobras sobrepostas como os degraus de um immenso amphitheatro. De quando em quando as vagas, encontrando-se, formavam momentaneamente no centro da ressaca pequenas pyramides que rebentavam pelo vertice em flocos de espuma. Ao fundo, a costa estendia-se

tão longe quanto a vista podia abranger. Como é sabido, ella vac a algumas milhas d'esta cidade unir-se ao cabo Trafalgar, tão tristemente celebre na historia da França e d'este paiz.

Creio que nunca poderei esquecer este magnifico panorama. A vastidão do horisonte, as bellezas da perspectiva, a variedade das côres, o movimento, e sobretudo os sentimentos que o seu magestoso conjunto desperta, ficarão para sempre gravadas na minha alma.

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA.

ACTORES PORTUGUEZES

LUCINDA DO CARMO



LEMBRAM-SE d'aquella adoravel e desventurada Princeza de Lamballe, a amiga intima de Maria Antonieta? que na côrte gracil de Versailles, passava por ser uma das mais bellas mulheres da França n'esse requintado seculo desoito, tão prodigo em irresistiveis typos de belleza. Lembra-se? Pois digam-me se acaso a physionomia tão espirital e tão expressiva de Lucinda não recorda com a mesma expressão de modesta graça a que as azas do nariz palpitantes mais accentuam de traço ironico, o mesmo olhar apaixonado e negro em que se lê o fatalismo amoroso da nossa raça, as nossas sedes infinitas de aventuras e de sonho, e aquelles labios carnudos e vermelhos que na face pallida abrem um laivôr de relampago desabrochando na carnação nevada d'uma nuvem.

Lucinda é uma das nossas organizações artisticas mais fogosas, mais vibrantes, mais larga e bellamente dotada. Quanto a mim é mesmo, entre todas as actrizes portuguezas novas e velhas, o talento mais complexo e mais vasto. E', em mulher, a equivalente de Joaquim de Almeida, sem que a amplitude magnifica da sua organização, sem que as suas faculdades de apprehensão, em nada amesquinhem ou apouquem o poder creador do seu espirito.

E' vel-a original sempre, sempre brilhante na operetta como no vaudeville, na *pochade* como na comedia de costumes, na farça como no drama; é ouvil-a cantar com aquella voz cheia de *charme*, macia e quente como um velludo, os *couplets* do *Burro do sr. Alcaide*, ou sublinhar com um espirito faiscante as situações picaras e hilares da *Nitouche*, da *Cossaca*, ou ainda observa-a transfigurada toda paixão, toda arrebatamento, no *Intimo*, toda meiguice, toda ingenuidade, casta e elysial

como Ophelia, no *Alfageme*, a murmurar, n'um lamento agudo de *chrystal* que se quebra, o *rimance* de Garrett.

O *Branco e Negro*, prestando homenagem aos formosos dotes artisticos da talentosa actriz, inscreve na sua galeria de retratos esta physionomia tão viva e luminosa que requeria ser traçada com a graça voluptuosa e terna de Greuze n'um dos seus immortaes medalhões, em tintas macias de pastel perola e espuma, oiro e amarantho, e emmoldurado n'um festão de rosas chá e de cravos côr de sangue.

JOSÉ RICARDO

ENTRE OS actores portuguezes de comedia destaca-se n'um primeiro plano este artista tão querido das plateias portuguezas.

Ah! n'aquella arena aonde tem colhido os seus melhores triumphos, é José Ricardo amado não só pelas suas extraordinarias qualidades de comediante como pelo seu character lidimo e honesto.

Em todas as peças que tem representado — genero comico — a sua apparição no palco é seguida immediatamente de gargalhadas que a sua figura provoca.

A par d'elle, só Joaquim d'Almeida pôde ser collocado. E' um interprete consumado da comedia grotesca; incarna todos os personagens ridiculos com uma facilidade que só ao seu talento se pôde attribuir. Ainda em pleno vigor, de José Ricardo tem ainda a arte scenica muito a esperar, porque, dia para dia, se vae definindo cada vez mais o seu real talento de comediante.



Publicando hoje o retrato do eximio artista que o Porto tanto estima, o *Branco e Negro* presta-lhe a sua homenagem espontanea e sem vislumbres de lisonja porque José Ricardo d'ella não precisa.

COVEIRO

SOMNAMBULO

Sonho que sou coveiro e sinto os braços frageis,
Quando pego na enxada a rasgar um coval;
Ou quando tomo um craneo e analyso o frontal
D'esse carcere estreito onde houve sonhos ageis...

Entro no cemiterio a horas doloridas...
E á indecisa luz das claridades frouxas
Arrasto o meu olhar pelas gangrenas rôxas
D'um corpo de Mulher a desfazer-se em vidas...

Um corpo escultural — imagem d'astro inerme
Entregue á seducção phantastica do Verme
Que o desfigura a rir n'uma vertigem louca...

Um corpo que exhumei, allucinadamente...
Em ancias de remorso, em raivas de demente,
Para poder beijar-lhe a apodrecida bocca!..

Portalegre, maio de 97

José DURO.

«CROQUIS» DA AVENIDA



50 ANNOS DEPOIS

COISAS ALEGRES

No momento de embarcar um individuo que ia passear, a esposa disse-lhe:

— Como és muito infeliz, receio que te aconteça alguma fatalidade.

— Não fiques com cuidado diz o marido.

— Pois bem, mas para o que der e vier, deixa ficar a carteira, o alfinete da gravata e o relógio!...

N'um baile.

— Quem é esta morena tão formosa?

— Uma viuva.

— Não lhe parece caricato uma viuva dançar?

— Que me importa comtanto que não seja a sua *nom* a minha!

Morrendo o sr. F... que importunava todos os ministros com petições para empregos, os amigos do finado mandaram erigir-lhe um epitaphio com a seguinte inscripção:

Aqui jaz F..., n'este lugar, o unico que elle não sollicitou.

Um doente a um medico:

Doutor, trabalho como um boi, como mais que um lobo e durmo como um animal...

O medico interrompe o seu cliente e diz: Não posso receitar-lhe nada!... Vá consultar um veterinario...

SECÇÃO RECREATIVA

SIPHÃO REPUXO

EMPREGAM-SE algumas vezes, os canudinhos de palha para se fazerem tubos destinados a varias experiencias; effectivamente a palha é facil de manusear, sobretudo tendo-se a precaução de a molhar em agua, antes de a cortar. Com todos estes requisitos póde cortar-se facilmente sem [que] se fenda.

Não temos que entrar em grandes detalhes para indicar a maneira de se construir o *siphão repuxo* representado na gravura junta.

Um ou mais canudos de palha grossa de centeio, mettidos uns nos outros e sem nós, compõem um canudo vertical. Mette-se cada uma das extremidades n'um buraquinho aberto com o auxilio de um punção ou uma verruma, n'um caroço de damasco, do qual se tira a amendoa com um alfinete. Póde adelgaçar-se o caroço esfregando-o n'uma pedra molhada, afim de se furar mais facilmente. Cada caroço leva um segundo furo mais pequeno no qual entra obliquamente um bocadinho de palha. Enchei d'agua o tubo central, mergulhando a palhinha do caroço superior n'um copo d'agua; aspire com a bocca pela palhinha de baixo e eis o siphão prompto. Vêdes então um bonito jacto d'agua resaltar do vosso siphão. Podeis dar côr á agua com auxilio do carmim ou d'outra qualquer côr, ou finalmente fazer tra-



balhar o apparelho na escuridão, illuminando-o com uma lampada deante da qual colloqueis vidros de diversas côres. Tendes assim os surprehendentes effectos das fontes luminosas.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND., (alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

Acaba de se publicar este livro do insigne jornalista, livro onde se descreve admiravelmente a vida no Brazil, e principalmente no Rio de Janeiro, e o que é a actual civilização brasileira.

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, rua Augusta, 95 — Lisboa

LISBOA EM CAMISA

LISBOA em CAMISA

POR

GERVASIO LOBATO

1 volume, 2.^a edição, illustrado por

CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

LISBOA

LISBOA EM CAMISA

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52—Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

Branco e Negro



A TOILETTE DA BONECA

PREÇO 40 RÉIS

N.º 73

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de excerp-
ptos documentaes em prosa e
verso.



A LITTERATURA BRAZILEIRA



Formando além do bello
trabalho critico do auctor, um
delicioso album de poesias e prosas
dos maiores poetas e prosadores brasilei-
ros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

COLLECÇÃO DE PARÓNYMOS

**Palavras que, pronunciando-se igualmente,
ou de modo semelhante,
differem de orthographia e significação**

Para uso de professores e estudantes, nas aulas primarias e secundarias, revisores, etc.

PREÇO 60 RÉIS

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

N.º 73

LISBOA, 22 DE AGOSTO DE 1897

2.º ANNO

VIAGENS NO PAIZ

(XXIV)

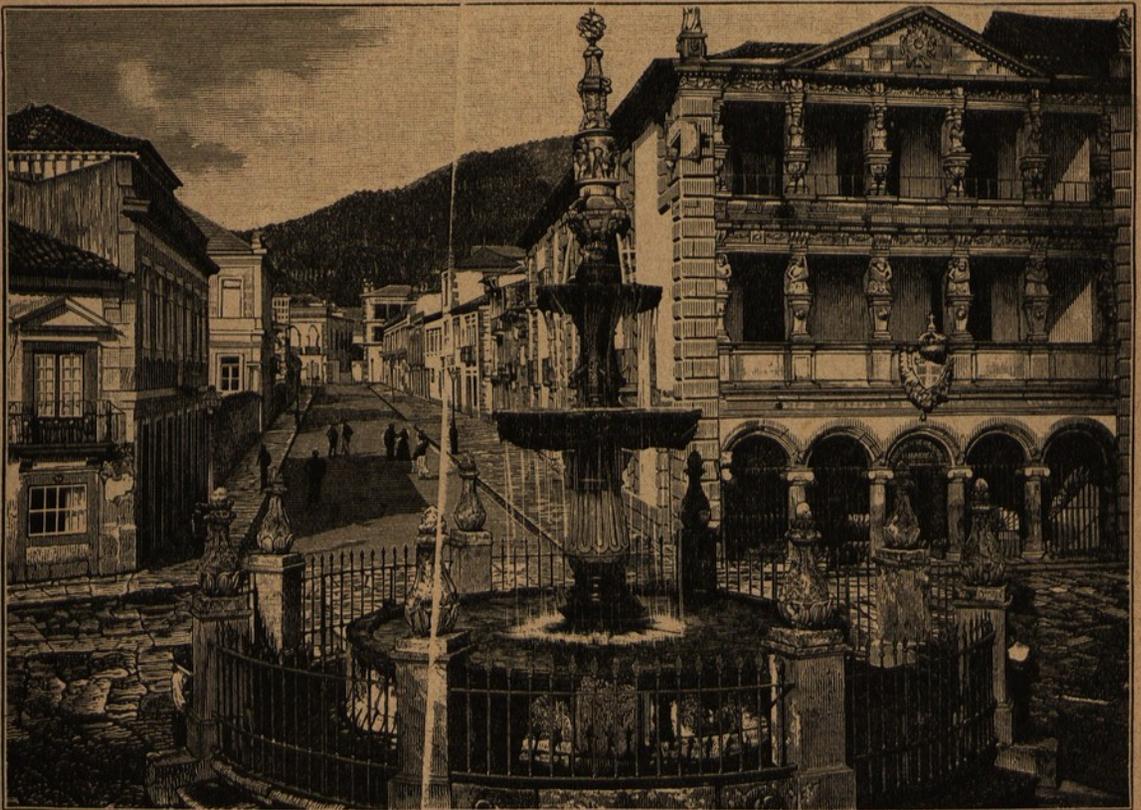
PELAS MARGENS DO LIMA—SAUDADES DO MINHO

(Conclusão)

UMA tarde, no encruzamento da estrada, deparei com uma deliciosa scena popular. A' porta da venda, seis raparigas, vestindo as mais bellas das suas saias vermelhas, calçando as mais pequeninas chinellas, em volta da cabeça os vivos lenços de ramagem

Limpas as boccas, as raparigas, erguendo os ramos, os musicos atraz, marcharam estrada fora ao compasso do estribilho d'uma moda popular:

Oh, o lindo rancho
Da mocidade



VIANNA DO CASTELLO — Praça da Rainha e rua da Carreira

françados, novos em folha, as camisas de linho com as mangas cingidas a cahir do hombro por franzidos artisticamente bordados, a brilhar d'alvura d'entre o aperto do negro colete, seguravam nas mãos, descançadas sobre o avental multicolor, ramos de flores. Rapazes sobraçando os instrumentos de uma philharmonica d'aldeia, offereciam lhes copos de vinho, em que promiscuamente bebiam.

tão vibrante, tão expressivo, tão suggestivo ali, entre a verdura luxuriante, harmonisando com as risadas frescas, os olhares amorosos e os movimentos travessos de todas aquellas cabeças juvenis.

Eram as mordomas da festa de Cardiellos, a dois passos d'alli, e no dia seguinte fui lá.

Que soberba decoração d'opera!

A igreja abre perpendicularmente á direcção da es-

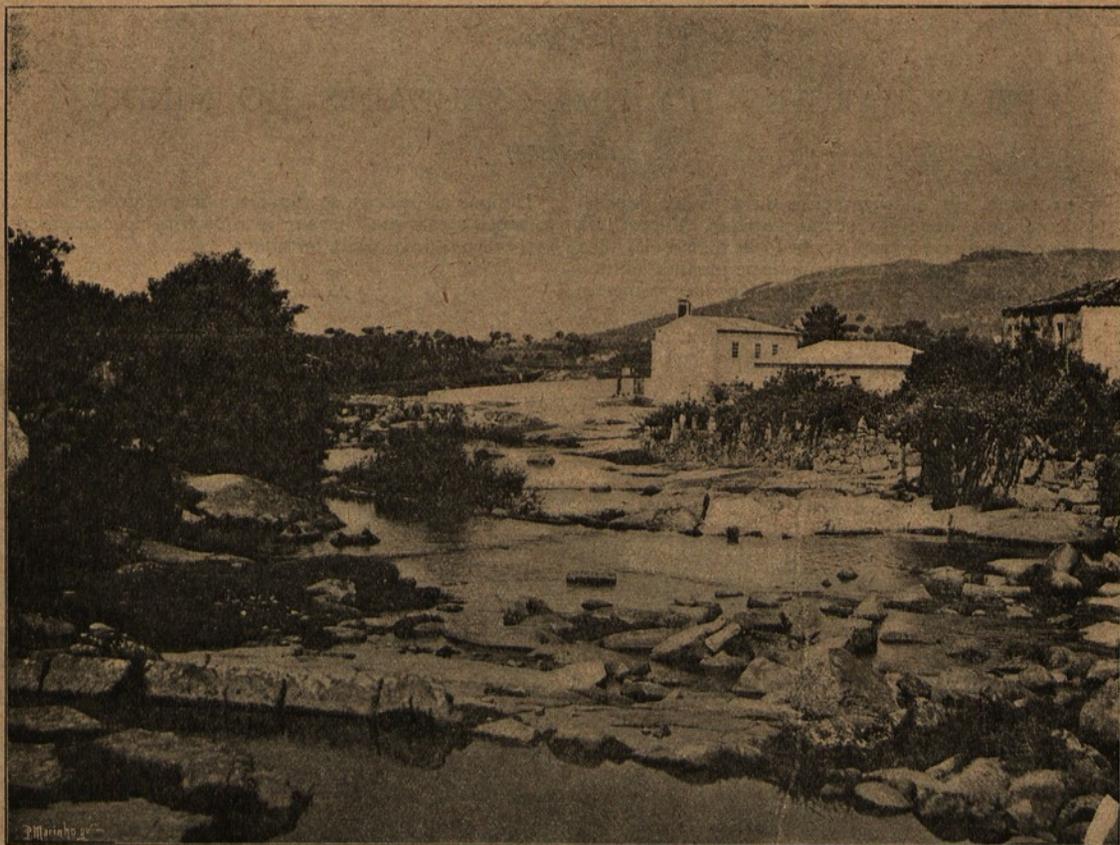
trada, que segue á direita, encostando-se á ramaria d'allo arvoredo para além do qual serpeia o Lima. A' esquerda levanta-se um monte em socalcos, onde nudezas graníticas rompem da vegetação como os membros de um mendigo dos rasgões da velha capa de velludo. D'essas eminencias gosava-se a multidão ruidosa e alegre, matisando de vermelhos de saias e amarellas de lenços a verdura, como as papoulas e os malmequeres matisam na primavera as cearas. Explendida kermesse! Alguem perto de mim trauteava a walsa do Fausto, e eu esperava vêr surgir o branco manto do seductor de Margarida, e sentir os nervos saccudidos pelas gargalhadas de Mephistopheles.

A' noite, ao voltar, sob o carinho da lua, surpreendi uma lagrima deslizar, denunciadora do melancolico ses-tro que me affasta da alegria dos outros quando penso

gelos d'inverno não conseguem murchar, veste o campo a perder de vista.

Esta varanda de sonho foram as fadas que a construíram para adormecer mortaes n'um estranho encanto quando o luar pratea o areial do Lima, e o perfume das flores sóbe para as estrellas.

N'aquelle tempo andava eu n'um deploravel estado physico, acompanhado d'um grande cançasso moral de que resultava um completo abatimento d'espírito. Tudo se me tornava indifferente: creio que teria então dormido na capella Sixtina e ouviria em bocejos Beethoven e Mozart vindos do ceu a dar uma serenata, mas o segredar subtil da natureza, alli tão bella, nas calidas e serenas noites d'agosto, nas manhãs perfumadas, que gargalhavam com a aragem por entre o arvoredo, conseguia despertar-me e aquella pujança de seiva que tornava or-



VIANNA DO CASTELLO — Ribeira de Portuzello

associar-me a ella. O riso é sempre em mim estrangulado por um aperto de coração, que só se sente á larga no isolamento, na muda e doce convivencia das cousas inanimadas.

Poucos dias depois de ter chegado a Vianna, onde me aguardava a fidalga hospitalidade do illustre general Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, e de sua gentil esposa D. Maria Emilia da Silveira, parti para Ponte de Lima onde me offeraciam algumas semanas de delicioso descanso no seu paço de Cardido. Imaginaram alguma vez uma residencia de fadas, um cantinho do paraíso terreal? Pois ante a realidade do Cardido esquecem-se taes phantasticas visões.

Ao centro d'uma bacia de verdura, que a lorangeira e a magnolia embalsamam, semeando-a de fructos d'ouro, e de flores de neve, ergue-se a habitação. D'um lado caprichosos montes d'onde rotos veios d'agua viva entornam a fertilidade e a frescura, e do outro jardins, em que flores e fructos capricham n'um desafio, descem até uma varanda que domina o valle do Lima n'uma larga extensão, por onde a verdura, essa verdura do Minho, d'uma juventude perenne, que ardores d'outomno ou

gulhosas as mais humildes plantas, falava-me da vida e d'esperanças. Recordava-me do prazer com que ia deitar-me, ás horas em que o calor abrazava, sob as arvores da soberba matta, á sombra dos velhos carvalhos, ou namorando a elegancia dos pinheiros, aspirando-lhe o aroma, espreitava pela rede da ramada os lambris d'azul d'abobada celeste.

O general, sempre alegre e activo, vivo como um rapaz, mostrava-me sollicito tudo quanto d'interessante offerencia o Cardido, trepava ligeiro ao mais elevado monte para que eu visse as ruinas d'um velho castello que lá se escondem, descendo levava-me a ver as construcções novas que a sua pericia d'engenheiro dirigia, as imponentes muralhas que fizera erguer, o grande lago que se estava abrindo, as preciosidades da capella; eu queria interessar-me por tudo, mas o esplendor da vegetação deslumbrante n'aquella atmospherá luminosa cegava-me. Feérico Cardido!

Foi n'essa occasião que visitei o convento de Refojos do Lima. Ainda então o seu proprietario não tinha publicado uma interessante memoria em que, analysando as preciosidades artisticas do convento attribue a sua fabrica a Bramante, e a Raphael os quadros que lá exis-

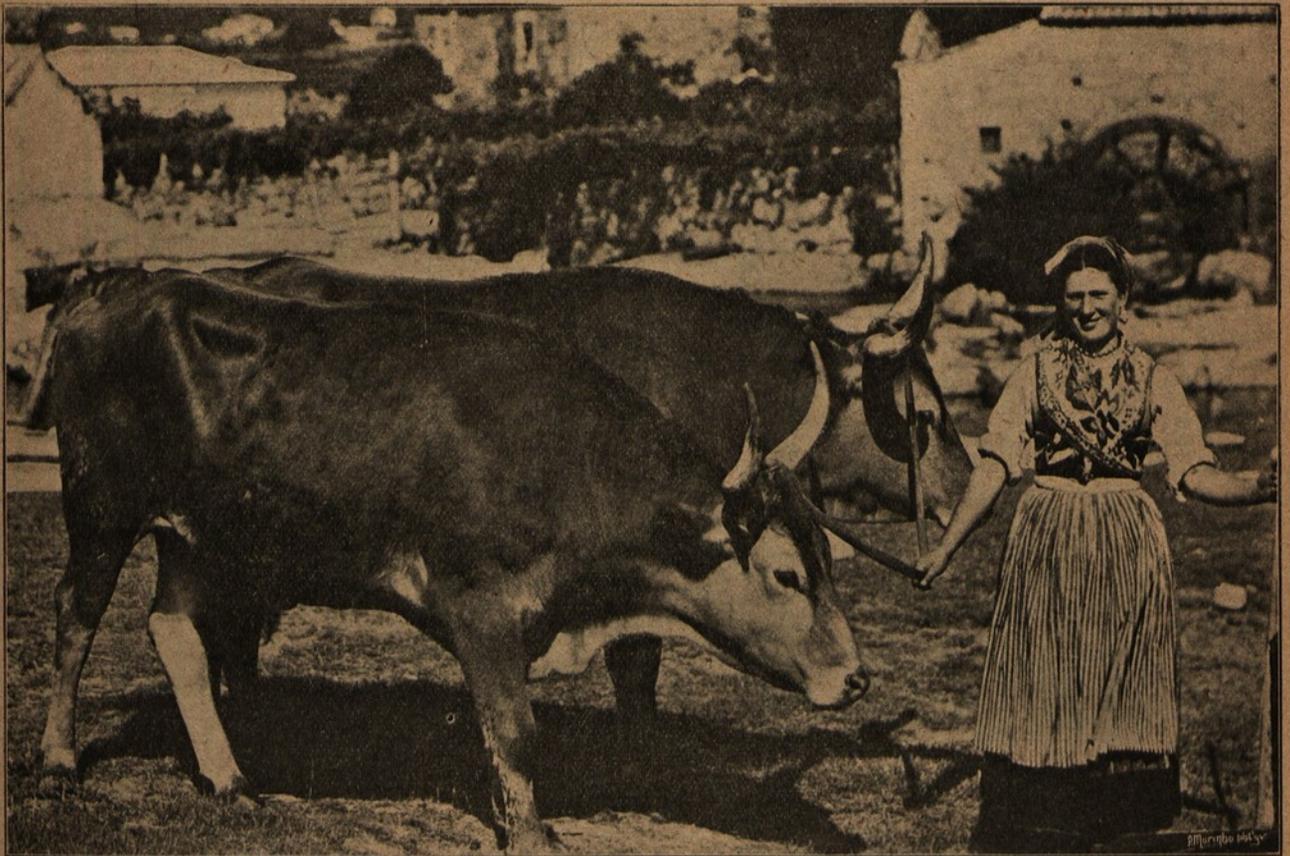
tem. Esta arrojada apreciação fundou-a Thomaz Mendes Norton em razões da nossa opulencia na epocha da reconstrucção do convento, em ser o morgado de Refojos filho de Tristão da Cunha, o celebre embaixador que D. Manuel enviou a Leão x acompanhando os mais ricos presentes que papas tem recebido, na amisade que ligou D. Jorge da Cunha, o prior de Refojos, aos papas Julio II e Leão x, e nas relações dos Cunhas com os celebres artistas que então florescia em Roma.

Com que apaixonado entusiasmo Mendes Norton, seguindo vagarosamente com o seu passo d'enfermo pelos largos corredores assoalhados de madeiras ricas, falava do seu convento! Estes corredores d'amplidão que permittia largueza ás evoluções dos mais gordos conegos, terminam em enormes sacadas onde se sente um appetite de servir a Deus e louval-o de mãos postas por ter

azulejos do refeitório e os da sala do *De profundis*, preciosas majolicas em que está escripta a historia do convento. Que interessantes figuras de guerreiros, de donas e de religiosas alli nos falam do seu tempo. D. Affonso Henriques doando Refojos ao conde D. Mendo, marido da bella D. Gontina, que curvando-se agradecida pela graça parece recuar ante o audacioso olhar do rei, demonstra bem antigas tradições.

Como todas estas velhas cousas são bellas e nos prendem pelo que valem e pelo que recordam!

No dia 18 d'agosto accorda Vianna ao som festival das salvas, as musicas espalham pelos ares vibrações d'alegria e os *gigantones* com o seu grotesco acompanhamento de *cabezudos*, entre as doidas expansões joviaes da rapaziada, annunciam a grande festa.



VIANNA DO CASTELLO — 'Lavradeira' de Portuzello

creado aquelles campos divinos que ellas dominam. Bella vida devia ter sido a dos cruzios que alli professavam, e pouco de molde a produzir ascetas a soberba cosinha que lá existe, fornecida por tão planturosos vergeis.

Mendes Norton fazia notar a singularidade de todo o edificio mostrar a influencia da renascença italiana quando a maioria das edificações contemporaneas apresentavam o gothico florido. Como elle se orgulhava, e com razão, da sua esplendida propriedade, de que nos fazia admirar a fabrica, as pinturas e tudo quanto de bello e opulento encerrava.

Aberta a porta do refeitório para mostrar-nos a *Ceia* que admiravel me pareceu essa esplendida sala d'altas abobadas, as paredes cortadas a quasi toda a altura pelos rasgões enormes das janellas, d'onde a luz rompia a jorros, espelhando os azulejos soberbos que nos intervallos as decoram! No logar d'honra estava o quadro em que procurava fazer-nos decifrar a assignatura do grande pintor d'Urbino.

Entre as obras d'arte de Refojos encantaram-me os

Para o rico sanctuario d'Agonia, por todas as estradas, de todas as povoações do Minho, de mais longe ainda, vem em chusma os romeiros. Ao familias em grupos, bandos de namorados em cazaes risonhos, as moçoilas com ar triumphador nas suas roupagens brilhantes, tocadores d'harmonio e de guitarra animando os ranchos; todos trazem consigo a alegria, que se espalha e sobe como um perfume capitoso, perturbador.

O galhardo Lima rejubila com a animação das regatas, coalhado de barcos embandeirados, que á noite se illuminam nas serenatas deliciosas, accordando no espirito a idéa da seductora Veneza.

No largo Campo d'Agonia a grande feira attrahe a multidão, que de dia accorre ao negocio e de noite ao attractivo das illuminações surprehendentes e dos fogos d'artificio, que espalham no ar flores de luz de variadas cores e o atroam com o estampido das bombas festivaes.

Cinco dias successivos de ininterrompidas festas agitam nervosamente a tranquilla cidade do Lima, que se enche de forasteiros. Os devotos vão assistir ás festi-
vidades religiosas da Virgem d'Agonia, visitam o tumulo

de Frei Bartholomeu dos Martyres, na bella egreja do convento de S. Domingos, sobem em matinal peregrinação á montanha de Santa Luzia; offerecendo um maravilhoso espectáculo esse serpear de milhares de pessoas entoando canticos ao raiar d'um bello sol, pelas encostas verdes do monte, e que vão, lá no cimo, ajoelhar-se a ouvir a missa campal sob a cupula azul a que sobe o perfume das flores agrestes.

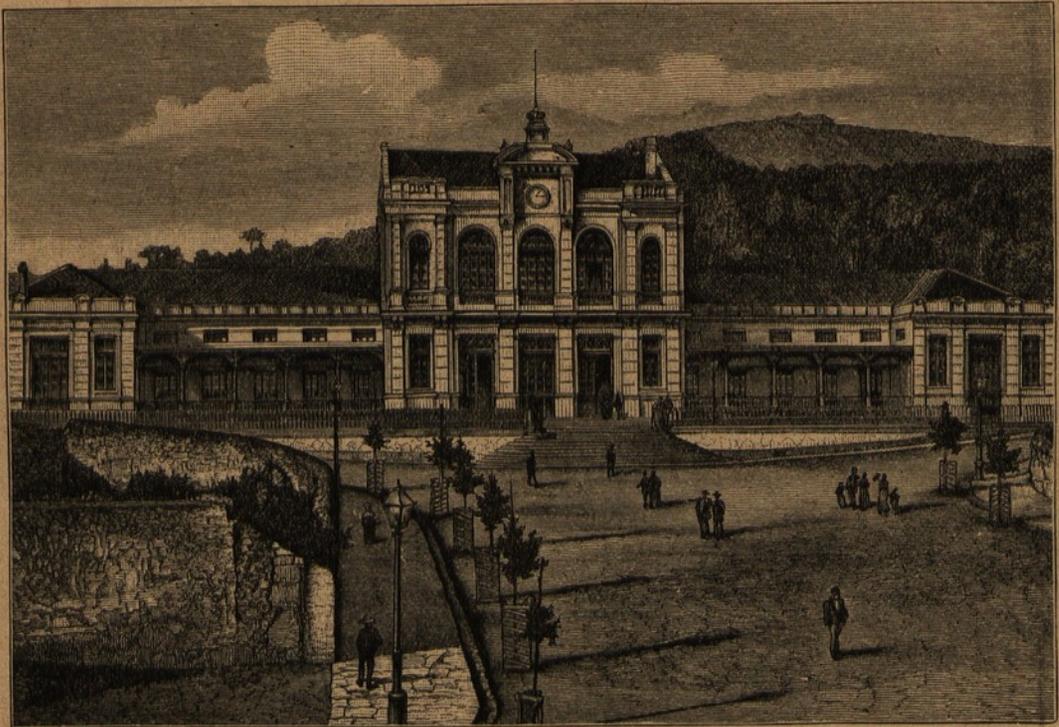
Corridas, concertos, regatas, fogos d'artificio entretêm os *touristes*, que se enamoram das bellas margens do Lima e de tanto rosto gentil que por lá sorri.

Como as estradas alegremente se animam mal desponta no horizonte a aurora, toda a população do campo em movimento! Os carròs chiam carregados d'herva ou de lenha, os sóccos dos trabalhadores e dos operarios atroam os ares com o seu ruído aspero. As leiteiras madrugadoras lá vão, caminho da cidade, as bilhas na cesta á cabe-

ora como aos encantos do mercado ninguém resistia, fôra decerto lá que tinham arranjado aquelle incommodo. Urgia descobrir maneira de remediar taes inconvenientes, e foi descoberta.

Morrera a ultima freira de S. Bento, e o velho cenobio que abria as melancolicas janellas para o campo da feira, tinha boa pedra e outros materiaes uteis. Aproveitaramos em dotar a cidade com uma imitação da Praça da Figueira.

As pobres lavradeiras, avesitas livres do campo, agora amontoam-se na gaiola que, abafando-as, lhes rouba a alegria, apertando-as, lhes tolhe a graça dos movimentos. Paredes sombrias a substituir o bello fundo de paisagem d'aquelle quadro tão singularmente pittoresco e bello, e luz coada em vez do brilhante *plein air!*... Fizeram-na bonita os senhores vereadores. Podem agora socegradamente, sem receio de constipações, escolher as



VIANNA DO CASTELLO — Estação do caminho de ferro

ça, meneando as ancas, ageis, donairosas. Se é sexta-feira, dia de mercado em Vianna, que vida, que alegria pelos caminhos que dão para a cidade!

Não imaginam que linda cousa era esse antigo mercado das sextas-feiras.

Por uma extensão enorme, desde a velha igreja das Almas até ao caes, desde as grades do Passeio até ás arcadas da ponte, uma multidão de lavradeiras, bella pela garridice do trajo, pela frescura louçã das raparigas, até mesmo pelo caracter expressivo da phisionomia das velhas aldeãs, se estendia, viva, buliçosa. Descendo da cabeça as cestas, finamente enrançadas, cobertas pelas formosas toalhas de linho do tear caseiro, expunham á venda as fructas, os legumes, a manteiga, os ovos frescos, as aves, todos os productos da sua pequena lavoura, assim como todos os artefactos da sua industria domestica.

Graciosas, alegres, respondiam com travessura aos galanteios, e uma animação de festa presidia ao negocio, o sol cobrindo tudo com a sua poeira d'ouro, o Lima sorrindo sob o olhar azul do ceo, e na outra margem a cortina cerrada de pinheiros, ondeando aos afagos da brisa humida.

Um dia, porém, vereadores da camara de Vianna houve, que, depois de mal dormida noute, acordaram com dores de cabeça. Era um sabbado, e na vespera chovera;

couves para o seu caldo, mas podem tambem gabar-se de ter estragado um dos mais graciosos encantos da sua formosa cidade.

Dá por toda a parte o mesmo resultado esta insana ancia de civilisar; quando ao fallarem-me d'alguma terra que não visito ha muito, me dizem — aquillo agora está bonito, muito melhorado — fico sempre pensando nos vandalismos que por lá terão feito.

De Vianna a Ponte de Lima, seguindo rio acima, que sorridentes margens! E pela estrada, que segue por Santa Martha, o mesmo risonho aspecto de todos os lados. Topa-se a meio caminho com a pittoresca povoação de Lanhezes d'um ar d'antiguidade tão meigo, tão encantador como o de velhinha que conservasse sob os cabellos de prata a rosea tez e o olhar limpido da mocidade. A esquerda havia um alpendre de que eu não podia tirar os olhos, á direita uma velha fabrica, a antiga casa dos Pimentas, dominando um valle, e em todo o conjuncto da povoação impresso tal cunho d'originalidade captivante, que tenho pena de não possuir um quadrinho que m'a desse para mim, tão unica como a vi pela primeira vez n'uma manhã de sol. Mais adeante encontra-se o solar de Bretiandos, abrindo com um ar de senhorial socego para a estrada.

Um prazer de deuses este passeio de Vianna á villa

que recebe o nome da soberba ponte que ha tantos seculos vê deslizarem mansamente as aguas do Lima.

Pobre ponte, mutilada hoje, talvez para alargar o horizonte d'alguma janella, onde vereador camarario, ou influente politico, ia fumar o seu charuto depois do jantar.

É um appetite Ponte de Lima. Que cantinhos de ruas lá se encontram de deixar doidamente namorado um artista! E aquella feira que em dias certos se estende pelo areal do rio, offerecendo aos forasteiros um espectáculo que fica sempre a deslumbrar-lhe a imaginação.

Os variados e vistosos trajos das lavradeiras do Minho accentuam a nota alegre com o hilariante das côres.

Os risos, as cantigas, o tic-tac das chinellinhas, nas danças populares, o ruído surdo de milhares de vozes que fallam, o ciciar da folhagem no arvoredo, e o gemer das ondas que se espraíam para além do Campo do Castello produzem um concerto de estranha harmonia n'essas noites d'agosto, ás vezes tão calmas, tão bellas.

Não ha romarias como as do Minho. A mocidade, cheia de vida, expande-se ali n'uma alegria franca, espontanea, sem peias nem rebuços, e o perfume do campo, todo em sorrisos de verdura, que até os montes n'ella escondem a arrogancia sombria das rochas, amollece os espiritos em flacidas ternuras, inclinndo-os para o goso.

O maior encanto das romarias são as graciosas cachopas minhotas, tão vivas como as côres dos seus lenços de ramagens.

Em gentílicas épocas o culto da lua deve ter florescido aqui por longo tempo.

Mais energica, mais altiva, mais activa e mesmo relativamente mais forte de que o homem, a mulher minhota é quasi inteiramente independente. Não ha fadiga que não suporte, trabalho a que não resista, e emquanto o homem emigra em busca d'uma hypothetica fortuna, que quasi sempre infructiferamente lhe custa a vida, ellas cavam, semeam, plantam, sacham o maior ou menor pedaço de torrão que possuem. Barqueiras ageis, carregadoras robustas, supportando pesos que assustariam muitos hombros masculinos, destemidas boeiras, guiando os carros d'aguilhada ao hombro com uma graça atrevida, logo de creanças se habituam aos mais rudes trabalhos.

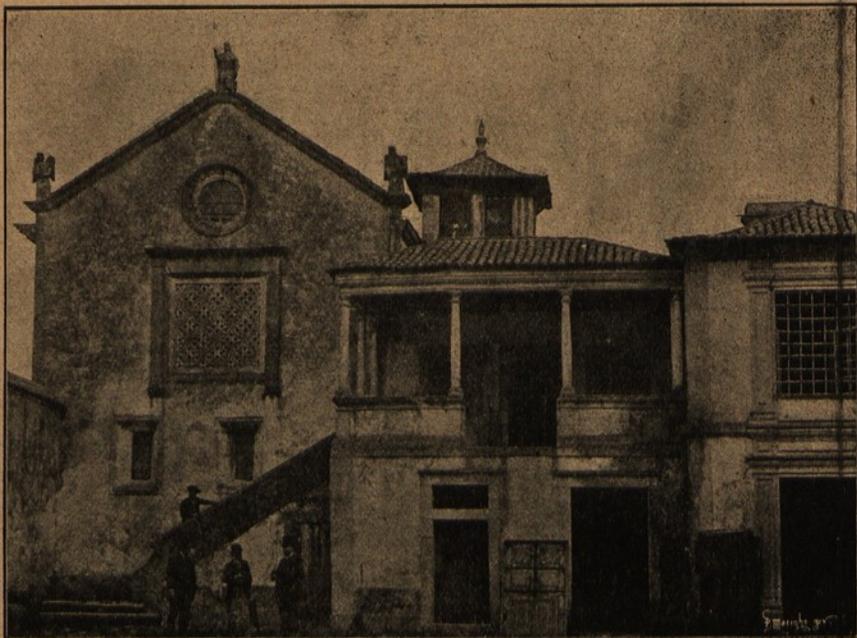
Pela estrada, que entre cerejaes ondea,
Uma pequerrucha, tro-la-ró-la-rá
Vae cantando e guiando o carro para a aldéa...
São os bois enormes, e a carrada cheia
Com um castanheiro apodrecido já.

Oh! que donairoza, linda boeirinha!
Grandes olhos garços, sorrisinho arisco...
D'aguilhada em punho lepida caminha,
Com a graça aerea d'ave ribeirinha,
Verdilhão, arveola, toutinegra ou pisco.

Loira, mas do loiro fulvo das abelhas,
Fresca como os cravos pelo amanhecer
Brincos de cerejas presos nas orelhas
Na boquita rosea tres canções vermelhas,
N'aguilhada, ao alto, uma estrelinha a arder!

Descalçinha e pobre mas sem ar mendigo
Nada mais esvelto, mais encantador!
Veste-a d'oiro a gloria do bom sol amigo...
O chapéu é palha que ainda ha um mez deu trigo
A saíta é linho ainda ha bem pouco em flôr.

Estas delicadas estrophes de Guerra Junqueiro evo-



VIANNA DO CASTELLO — Extincto convento de S. Bento

cam-me a recordação d'essas estradas minhotas que parecem cortar jardins! Como que sinto a caricia da atmosfera humida, que lá doira as epidermes sem lhes roubar o viço a frescura.

Epidermes frescas, como ellas as possuem! As lides do campo não as impedem de tambem tecer e confeccionar os mais graciosos trajos femininos. O alvo linho que fabricam, as graciosas bordaduras com que enfeitam as camisas e as prégas dos phantasticos aventaes! Mas o mais primoroso d'esses artefactos é a saíta, mimo d'industria caseira, pequena maravilha artistica na harmonia dos tons, na graça do tecido.

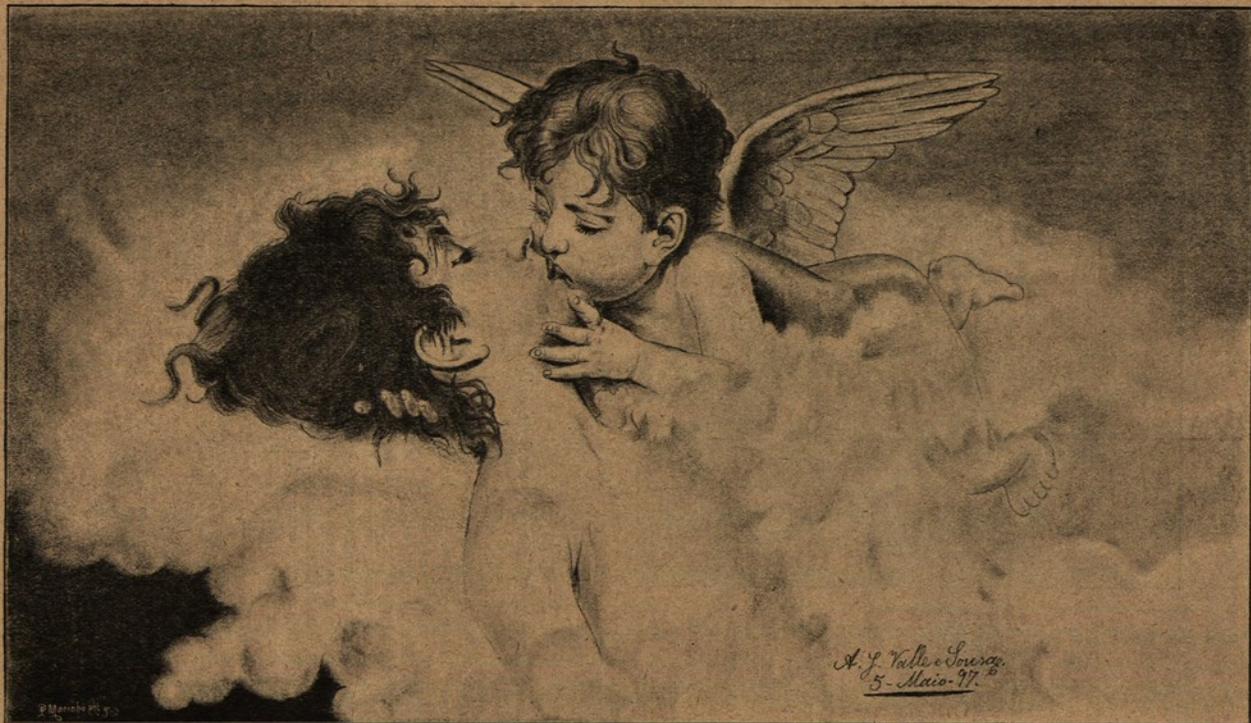
Ha na garridice da minhota um instincto artistico que em minuciosidades se revela; este instincto é talvez uma qualidade de raça, que as construcções, o mobiliario, a escolha decorativa manifestam.

Mas a grande, a sublime artista é aqui a natureza.

Quem viu as margens do Lima, não pode mais esquecer-as, e quem junto d'ellas viveu não pode recordal as sem que sinta o delicioso pungir da saudade.

MARIA RIBEIRO ARTHUR.



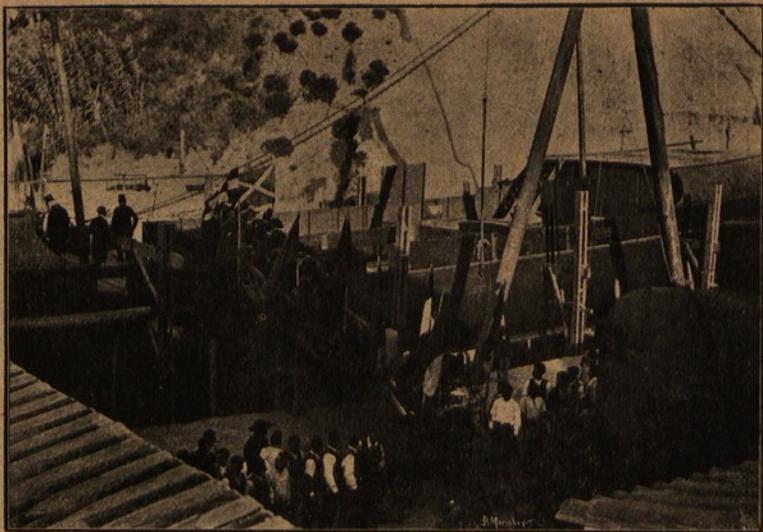


VISAO.—(Desenho de Valle e Sousa, segundo W. Martens)

A CANHONEIRA «CHAIMITE»

Na tarde luminosa e azul de domingo, após a entrega ao Estado do esbelto *Adamastor*, em o claro Tejo, sulcado ainda de mil embarcações em festa; bandeiras vibrando na porcelana do ar, a alegria dos hymnos, o clamor entusiastico de milhares de vivas, realisou-se a visita aos estaleiros dos srs. Parry & Sons, no Ginjal, onde está a construir a canhoneira *Chaimite*, que, apenas prompta, será pela Comissão da Subscrição Nacional entregue ao Estado, como o foram as duas lanchas d'aço e ferro, Diogo Cão e Pedro Annaya, por igual sahidas d'este magnifico estabelecimento que muito honra a industria nacional.

O *Branco e Negro* publica alguns aspectos d'esta cerimonia, bem como da canhoneira, que é destinada á policia e fiscalisação na costa de Moçambique, e, sobretudo, a estabelecer communicações entre as esquadilhas do serviço fluvial e as capitães dos districtos de Lourenço Marques



Entrada da comissão, ministro e almirante a bordo da canhoneira



Desembarque da comissão, ministro e almirante

e Zambezia. As dimensões da canhoneira são as seguintes: comprimento entre as perpendiculares, 40^m,84; bocca extrema, 8 metros; pontal do porão, 3^m,15; immersor á ré, 2 metros.

A velocidade é de 11 nós por hora. O material empregado na construcção é o aço da melhor qualidade. O casco é dividido em compartimentos estanques por meio de anteparos solidamente construidos.

O tombadilho e castello são de fórma abahulada (*turtle back*). Nos paioes póde receber mantimentos para 20 praças durante 60 dias, agua para 40 dias e combustivel para 12. Em dois paioes independentes póde transportar 25 tonelladas de carga.

A canhoneira é construida segundo os ultimos planos de construcção naval, em navios da sua categoria.

Avante terá um solido gaviete e apparelho para fundear boias, movido pelo cabrestante a vapor, para ser-

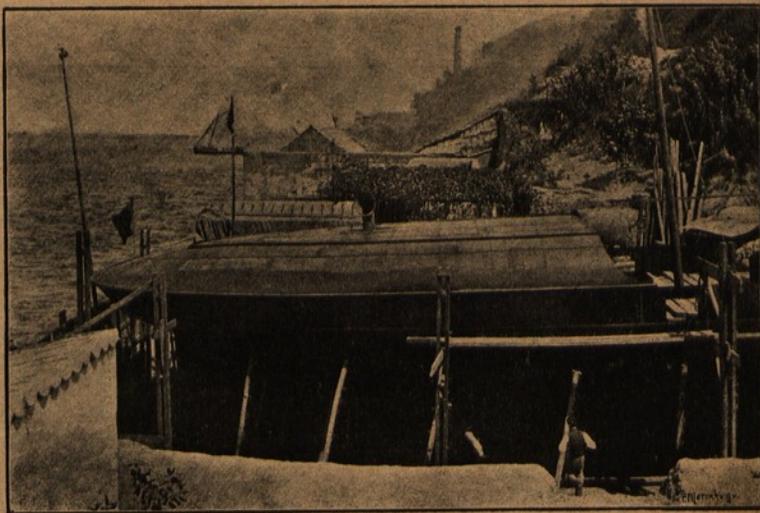
viço de balisagem dos portos. No alojamento á ré, além dos camarotes para o commandante, immediato e machinista, tem um camarote com dois beliches e 30phás na camara.

Em tempo de guerra póde servir com grande vantagem como auxiliar das esquadilhas fluviaes.

O armamento do navio é composto de duas peças de tiro rapido Hotchkiss de 47 millímetros, com escudo de protecção, montadas em reductos centraes, que em occasião de combate são fechados por chapas de abrigo, e de duas metralhadoras de Nordenfeldt de 11 millímetros, installadas no convez, mas que, em caso de necessidade, pódem ser transportadas para os cestos de gavea dos mastros.

Tem dois jogos de machinas de alta e baixa pressão, de cylindros invertidos, de acção directa, verticaes, com condensador de superficie e dois helices, tendo uma caldeira multi-bular e sendo o condensador commum ás duas machinas. A força é de 480 cavallos. Cada jogo de machinas é constituído para trabalhar independente.

O seu deslocamento é de 340 toneladas e a velocidade de 11 nós por hora.



A canhoneira «Chaimite» (popa)

DR. SOUSA MARTINS

A hora em que o nosso jornal vai para a máquina chega-nos a sinistra e amarga notícia que, n'uma derrota de lágrimas irá por esse paiz fóra abalar de commoção as almas e inundar de prantos os olhos, de n'este instante se extinguir um dos mais coricantes e altos espiritos que inda rampagueavam n'esta desgraçada terra de Portugal e de ter cessado de pulsar, em pleno meio-da-fé-cundo de esperanças, um dos mais nobres corações que n'este século tem batido em peito de homem.

Na Alhandra, a risonha povoação da beira Tejo, onde nascera, acaba Souza Martins de ser estrangulado pelos braços venenosos e frios da tyfica, e de cerrar, á luz que tanto amava, seus grandes olhos que a febre tornava agora imensos e perturbantes. Aquella personalidade tão complexa, dotada de aptidões encyclopedicas é raras, desaparece para sempre; e aquelle cerebro, sempre n'uma trepidação de actividade, um dos mais vastos e bem conformados com que esta patria, na hora rude por que passa, podia contar, estanca-se rapido a vida como uma locomotiva que, á pressão maxima do vapor, rebentasse, n'um grito.

Era uma alta e nobre gloria da nossa terra, uma galharda e generosa figura de homem, uma creatura de viril e authentic genio. Desde os tempos da sua vida de estudante, pelas escarpadas collinas da miseria, elle vinha rompendo, crescendo para nós, n'uma triumphal ascensão de gloria. Em todas as cadeiras que cursava sempre o seu talento arrancava sem esforço os primeiros premios; sempre nos concursos a que ia eram tão extraordinarias e debordantes as provas do seu saber que, galgando praxes, o nomeavam sem mais formalidades.

Lá fóra nos centros de intellectualidade scientifica mais intensa o seu nome era pronunciado com respeito; em Portugal, não havia na mais remota aldeia quem não soubesse existir na capital um homem assim chamado, que era um grande piedoso medico; em Lisboa foi Souza Martins uma figura popular e querida, cujo nome abria no coração dos doentes e dos fracos, um largo sulco de clara esperança e de luminosa fé.

Elle sabia-o. A sua existencia, a sua palavra, a sua existencia tudo consagrava a um absorvente amor pela humanidade e pela sciencia. A defeza dos fracos, ao esclarecimento dos ignorantes, á educação do povo a que pertencia pelo nascimento, ao culto da patria que amava, no passado nas épicas figuras dos seus heroes e dos seus santos, e no presente nas raras personalidades que a illustram, abandonára todos os egoistas confortos, todas as honrarias e pompas de espectáculo. Estudou, fallou, escreveu, lutou, sacrificou-se. Os doentes, os seres fracos e soffredores, quer ricos, quer miseráveis, foram durante trinta annos de clinica a sua preocupação constante, como o eram tambem os famintos e os parias que, calada e generosamente soccorria, as creancinhas doentes das enfermarias do hospital a quem ia visitar e amegava, para quem levava os bolcos atoados de glosemas, e os seus alumnos de quem era o idolo e a devoção, e aos quaes na sua aula permitia a mais ampla liberdade de discussão e de critica.

Secco e esbrugado como um osso, a sua cabeça, da qual rompia uma cabellera crespa e rude como uma selva, onde se rasgava uma fronte alta e esmaecida, pallida e macerada de fadiga, uma face de expressão serena e bondosa, em que um olhar agudo e doce constantemente luzia perscrutando, dava a impressão de ser grande de mais para o seu corpo de estatura meã. Era a cabeça d'um leão bondoso, em cujos labios o brincante sorriso de ironia desdenhosa que a mediocridade dos homens e o lodo das sociedades em decomposição lhe provocava, se transfigurava n'um vinco profundo de piedade e de amor mal defrontasse com a desgraça.

O seu ser d'intellecualidade superior, o seu espirito moral erecta e dominadora, aquelle seu espirito tão complexo e extenso que abrangia as aptidões mais discordantes, mais em aberto conflicto, requer para o escorço do seu mordente perfil, vagares incompatíveis com a rapidez d'um artigo, traçado como este é, com fogosidades de pressa naabalada de um levantar de formas typographicas.

Souza Martins, tendo alvorecido para a vida intellectual, quando o periodo empirico e romantico da sciencia batia em retirada ante as formas novas e reagentes da analyse, quando uma nova idade de investigações e de methodo deductivo, com Claudio Bernard e Bichat, se ia fortemente accentuando, tinha de ser como medico, educado o seu espirito n'uma escola de precisão em que adquiriu a justeza e a rapidez do seu agudo golpe de vista, um diagnosticador de primeira ordem, quasi um vidente ou um feiticero. Foi-o, e de tal arte, que as suas prophcias, sempre rigorosas e d'uma segura logica scientifica, por muitas vezes chocavam, pelo imprevisivo. A sua extraordinaria lucidez critica, permitia-lhe ver a

seu genio aquecia até ao esbranzeamento. Os seus labios palpitavam como se um mysterioso preamar de inspiração d'elles se desencadeasse e, em torrentes, ás ondas, a sua eloquencia despenhava-se n'um tropel de imagens fortes e vivas que tudo suggeriam. A sua voz era de tufão, corria, voava, galgava sobre os escarpados assumptos, sobre as gargantas vivas dos problemas mais difficeis, sobre despenhadeiros. Grande, lembrava as grandes coisas, e era, pelo divino impeto que a precipitava, como a voz rude e alta do Adamastor—em que marulhavam ventos.

Foi tambem um creador este homem. Como todos nós os artistas elle foi tambem por momentos um Deus. Era quando falava, principalmente, Erguia-se acima acima d'elle proprio. O seu genio arrebatava-o. E sobre a sua cabeça, larga e forte, havia um esplendor sobrenatural.

A crystallina forma da sua elocução, a limpida transparencia da sua analyse, o seu poder illuminante de intuspecção escorçavam sombras, onde as havia, viviam o mysterio dos problemas, e sacudindo-lhe o pó e a escuridão, alli os expunha, grandes ou pequenos, com a nitidez crua e implacavel d'um acido mordendo uma chapa.

Como escriptor, revelou-se simplesmente notavel. Affirma-o, o prefacio dos *Neurasthenicos* mas o que melhor ogra, n'uma rutilação de forma e de eloquencia, verdadeiramente admiravel, é esse poderoso e subtil estudo psychico-pathologico com que contribuiu para o monumento ao desgraçado e omnipotente genio de Anthero, explicando e justificando, n'um relampago de talento, por um ancestralidade scandinava, o sonhante mysticismo, os instinctos de insurrecta indisciplina, e ampla a fecundidade de ideia e de critica, ao grande poeta dos

Do seu estylo e o d'um orador e d'um pamphletario, vivo, pittoresco, nervoso, incisivo e rapido, com frequencia enricada de termos technicos e scientificos. Marca logo um homem d'acção ardente e impulsivo. Tem brusquerias imprevisas e familiaridades que não são nunca vulgares, e ora é simples e unido com uma especie de graça antiga e de ironia compassiva, ora se desentrou em periodos breves reflectindo nas suas gradações e saltos um pensamento multiplo, com os considerandos que o motivaram e as restricções que o attenuam e os corolarios que o completam. Souza Martins seria, que o quizesse ter sido um bello jornalista, e um terrivel adversario de polemica.

O seu espirito pouco especulativo, não era amargurado pelos insolúveis problemas metaphysicos, pelo mysterio do nosso destino. Viviu muito para os outros para que podesse viver em si, encerrado como um philosopho no seu pensamento, como Descartes no seu famoso *poete*. Partidario da razão e da sciencia juncava ao estudo dos factos e á intelligencia das leis, a intuição. Era da opinião de que se a sciencia não tem ainda soluções para nos offercer, voltemos a estudar, regressamos de novo ás questões, busquemos ainda, busquemos sempre, não lamentando-nos, que as lágrimas não servem para mais do que para perturbar a razão, mas procurando sangue frio, com paciencia, pois o que nós procuramos será — ai de nós! — achado só muito tempo depois que os nossos ossos estejam confundidos com a terra desses dos pomares e dos cemiterios.

Emquanto esperamos cumprem-nos porém trabalhar, prover aos fins immediatos, fazer, como dizia Carlyle, um fragmento do Cosmos com o pequeno calbau que nos é dado, ou segundo a palavra de Candido cultivar o nosso jardim, accetitando a vida tal qual é, mas contribuindo quanto em nós caiba para tornal-a melhor, menos pesada e menos amarga aos milhares dos homens que, sem consolação e sem esperança, por ahí soffrem.

É Isto fazia n'uma admiravel eurhythmia de actos e de palavras. A ambição vulgar da politica nunca o tentou e, n'um periodo agudo em que a batalha dos interesses inconcessíveis e egoistas se trava mais furiosa e sinistra, elle atravessou a Vida sem ter outro interesse que não fosse o bem dos homens. Foi um bom. E dia para dia se vai tornando mais necessario proclamar a toda a rosa dos ventos que não vale ser um grande cerebro sem ser por igual um gran-



larga distancia, intensa e extensamente, e n'este campo só o egual o grande clinico Manuel Bento de Sousa, n'um paiz em que a classe medica conta cerebros poderosos como o de Carlos Tavares, Eduardo Burnay, Serrano e Ricardo Jorge.

A sua cultura de espirito era copiosa e rica, e o seu cerebro robusto facilmente á assimilava dandolhe um cunho pessoal. Souza Martins estava sempre renovando a pois acompanhava, com maior desvello e interesse, todo o movimento intellectual, scientifico e artistico, em que, galopante e precipitado, o cerebro das racas europeas se accelera e vai ardendo. E esta qualidade é o maior elogio que se pode fazer a algum n'um paiz em que as sedes de novo só angustiam meia duzia de espiritos e é enorme e crassa a ignorancia das idéas geraes do nosso tempo, no professorado como no resto, na classe medica como nas outras.

Esta ampla cultura, aliada a uma eloquencia persuasiva e rara, habilitavam-n'o a ser um professor sem igual no nosso paiz e como, mesmo lá fóra nas escolas mais notaveis, não são vulgares. As suas magnificas lições de pathologia arrastavam a sua aula muitos ouvintes inteiramente leigos em materia de medicina, ansiosos de ouvir o professor modelar, de apparencia rissida mas o mais anti-auctoritario que é possivel.

Isto explica as devoções que provocava, o culto votivo e carinhoso dos seus alumnos e que, de cada um d'elles, fazia para todo o sempre um amigo e, com fanatismo, um admirador.

A sua eloquencia era maravilhosa. Nenhum orador em Portugal o igualava e no que ella divergia da oratoria vulgar da tribuna, da cathedra e do pulpito todos o sabem. Não tinha o brilho artificial, todo espuma e arco irris, da rethorica, mas o emanante calor, o colorido irradiante e intenso da ideia que o

de coração. Leon Tolstoï, esse evangelista, meio santo, meio anarcho, não se farta de o ensinar: Foi para o Bem que o homem nasceu. E que, pelo menos, nós os mocós, á beira de um mundo de lodo e pús que a nossos olhos miseravelmente se desfaz, nos inspiremos n'esta augusta, suprema verdade.

Para o culto da Arte e da Natureza, um romance ou uma poesia, um quadro ou um busto de marmore, uma somnata ou uma flôr, tinha ainda Sousa Martins sensibilidades íntimas e adorações exacticas e embevecentes. Era uma Alma intensa e enamorada a sua, alma de peninsular que alliava á paixão tumultuosa e vehemente do arabe a sensibilidade meiga e a intelligencia vivaz e álerta do meridional. Nunca o desalento pessimista o empol-

gou. Exhausto como Balzac por um labor excessivo, sudado na sua força por essa infinita a ancia de saber, com que acalmara as inquietantes sêdes, cada vez mais vivas, da sua alma, elle luctou até ao derradeiro instante com a doença, n'essas energias ideaes que teem cem mãos para se agarrarem á Vida.

As forças materiaes abandonaram-n'o porém. E elle que diagnosticára a distancia tantissimos casos de tuberculose incipiente não sabia já reconhecer—o sublime illusão, delirante esperança que até á Morte embalas o homem n'um engano e o confortas!—a expectoração perulenta em que se desfaziam os seus pulmões roídos de caveinas.

DOMINGOS GUIMARAES.

"A LITTERATURA BRASILEIRA,"

POR VALENTIM DE MAGALHÃES

Coisa muito digna de reparo e de observação, é a tendencia especial havida entre nós para lêr os livros francezes, ou as versões que n'essa lingua se fazem das obras de litteratura estrangeira, especialmente a ingleza, e a russa, Dickens, Tolstoï, Turguenef, etc., e a negação absoluta pela leitura de livros portuguezes e principalmente brasileiros, que, se portuguezes são pela conformidade de idioma, um pouco começam a distanciar-se pelo feitiço característico e individual que vão tomando, e no entanto d'um interesse altamente palpitante para o estudo da transformação progressiva que, em terras de alémar, a litteratura portugueza vaé soffrendo com a nova modalidade, a que os brasileiros a vão submettendo, adaptando-a áquelle meio tão estranhamente diverso do nosso.

Valentim de Magalhães, por certo um dos vultos mais notaveis d'essa nova litteratura, um dos criticos mais abalisados e mais considerados, e com sobrada razão, entre os nossos irmãos d'além do atlantico, no intuito altamente louvavel, e diremos mesmo benemerito, de não diremos já espalhar, mas, pelo menos, tornar conhecida no nosso paiz essa opulenta litteratura, n'uma recente viagem feita a Portugal, tratou por todos os modos de fazer a sua propaganda, e foi assim que realisou nas salas da Sociedade de Geographia tres bellas conferencias em que ao publico letrado de Lisboa foi feita a apresentação critica, de uma fôrma muito nitida, muito clara e muito comprehensivel, da obra litteraria dos modernos escriptores brasileiros, sendo grande a curiosidade e o interesse com que aquelle publico ouviu, surpreendido, a enumeração das riquezas litterarias do, em tudo, uberrimo Brazil.

Segundo propria declaração do illustre conferente, resolveu este completar, por assim dizer, o seu excellente trabalho de propaganda, e n'esta ordem de idéas, escreveu o seu bello livro, *Litteratura brasileira*, editado pelo nosso amigo Antonio Maria Pereira, publicando n'elle, não já as conferencias, mas os assumptos sobre que versaram essas eruditas palestras, que tão agradaveis horas fizeram passar ao publico letrado de Lisboa.

N'este livro, pois, cujo exito tem sido superior a toda a expectativa, trata o sr. Valentim de Magalhães a traço rapido, porque, de outro modo, o assumpto daria para volumes, de fazer para assim dizer a historia litteraria dos modernos romancistas, novellistas, contistas, historiadores, criticos e poetas brasileiros, tendo a proposito de cada um d'elles—porque de cada um d'elles faz Valentim de Magalhães como que um kodak litterario—uma apreciação critica, rapida e nitida do seu valor, do seu methodo, da sua individualidade, emfim, o que torna o livro d'uma leveza encantadora, ao mesmo tempo que de um grande interesse, realçado tudo por aquelle



fulgor de linguagem, que é um dos caracteristicos do grande escriptor brasileiro.

A parte dedicada aos poetas é, sem contestação, a mais interessante do volume, pela curiosa classificação em que elle divide as varias fôrmas da poesia brasileira e dos seus cultores: Poetas lusó-brasileiros, Indianismo e romantismo, os Mallogrados ou Escola de morrer joven, os Hugoanos ou Escola do Condor, Musa civica ou Escola do chagal, os Poetas menores, os Emancipados, os Desorientados.

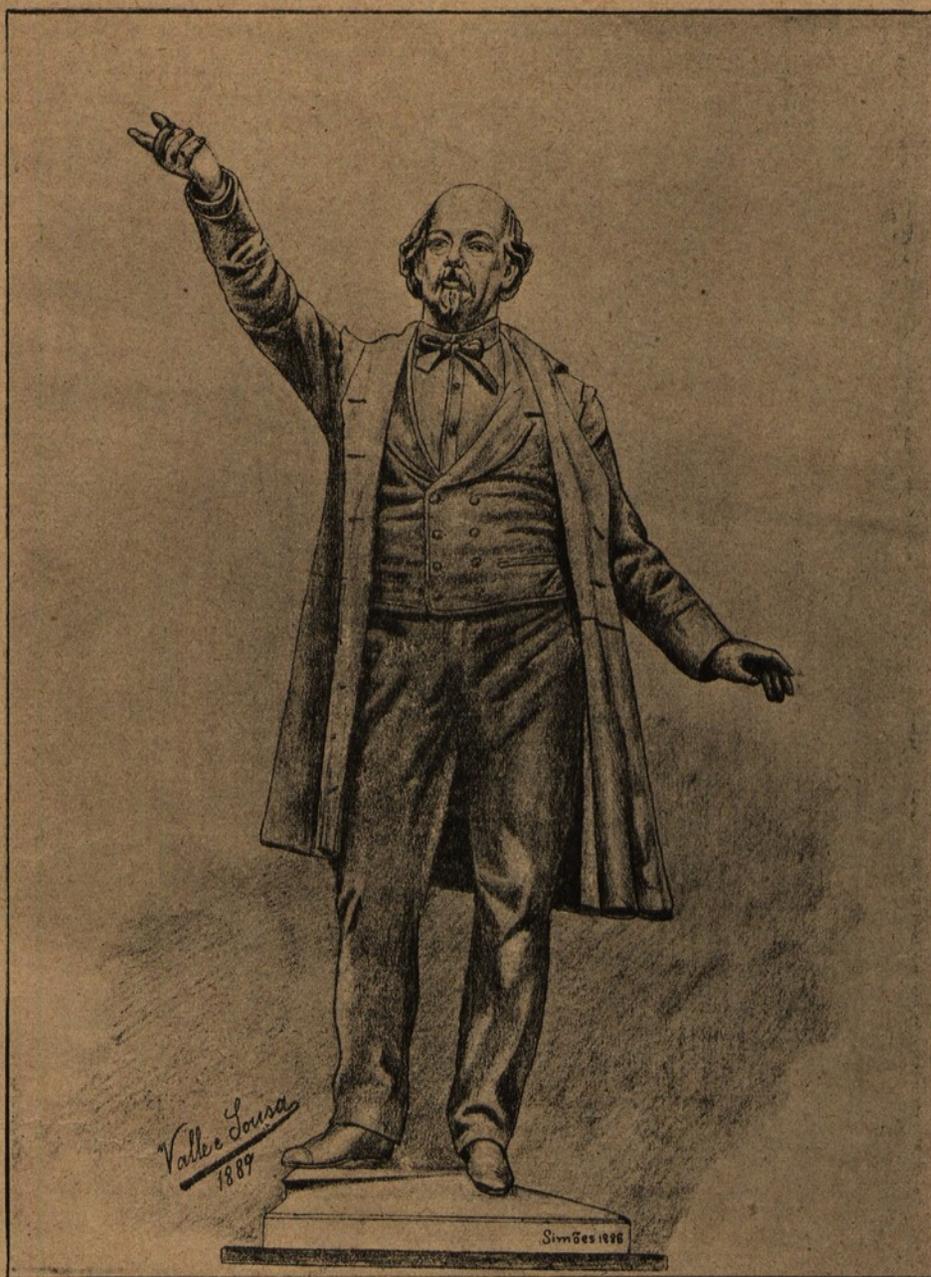
A fechar o volume, Valentim de Magalhães, insere como que uma Anthologia da moderna litteratura brasileira, reproduzindo trechos, em prosa e verso, dos mais laureados prosadores e dos mais inspirados poetas da moderna litteratura brasileira, e, na escolha dos trechos que apresenta, revelou ainda o insigne escriptor o seu delicado tacto de verdadeiro artista das letras.

Para se avaliar da fôrma cheia de criterio, por que Valentim de Magalhães faz a apreciação critica das varias escolas e fôrmas litterarias seguidas entre os litteratos brasileiros, daremos no proximo numero alguns trechos, que, por muito originaes, nos parece deverem dar ao leitor a impressão do que é e do que vale o seu excellente trabalho.

H. M.

GLORIAS PORTUGUEZAS

JOSÉ ESTEVÃO COELHO DE MAGALHÃES



ESTATUA DE JOSÉ ESTEVAO — (Desenho de Valle e Sousa)

No dia 15 fez oito annos que a cidade de Aveiro saldou uma divida sagrada, levantando uma estatua a um dos seus filhos mais illustres, o grande orador José Estevão.

O *Branco e Negro*, que se impoz á honrosa missão de relembrar de vez em quando as grandes glorias portuguezas, saúda hoje a memoria de José Estevão, publicando uma reproducção da soberba estatua que lhe erigiu a sua terra natal e que é um dos trabalhos mais assombrosos do insigne esculptor Simões d'Almeida. Fal-a-ha acompanhar d'uns ligeiros traços biographicos do eloquentissimo tribuno nacional.

José Estevão Coelho de Magalhães, que ganhou pela

sua affabilidade, dotes oratorios e integridade de caracter, até a propria estima dos adversarios nas revoltas quadras das nossas dissensões politicas, ainda no mesmo auge e exacerbo das paixões, legando á Historia um nome como poucos teem sabido conquistar, nasceu em 26 de dezembro de 1809, na cidade de Aveiro, sendo seus paes, o medico dr. José Luiz Cypriano Coelho de Magalhães, e a sr.^o D. Clara Miquelina de Azevedo Leitão. Deus fadára José Estevão para a vida de tribuno, e para a sympathia popular; porquanto ainda em tenra infancia correu os asares das inquietações politicas, datando a sua primeira emigração da terra em que nascera, na epocha em que os francezes, durante a sua invasão n'este reino,

occuparam a referida cidade. Seus paes mandaram n'ô para casa de sua avô materna, a sr.^a D. Anna Joaquina Ribeiro da Costa, d'onde sómente regressou no anno de 1821, á applicar-se aos estudos, dos quaes foi o seu proprio pae, o mais assiduo e efficaz perceptor.

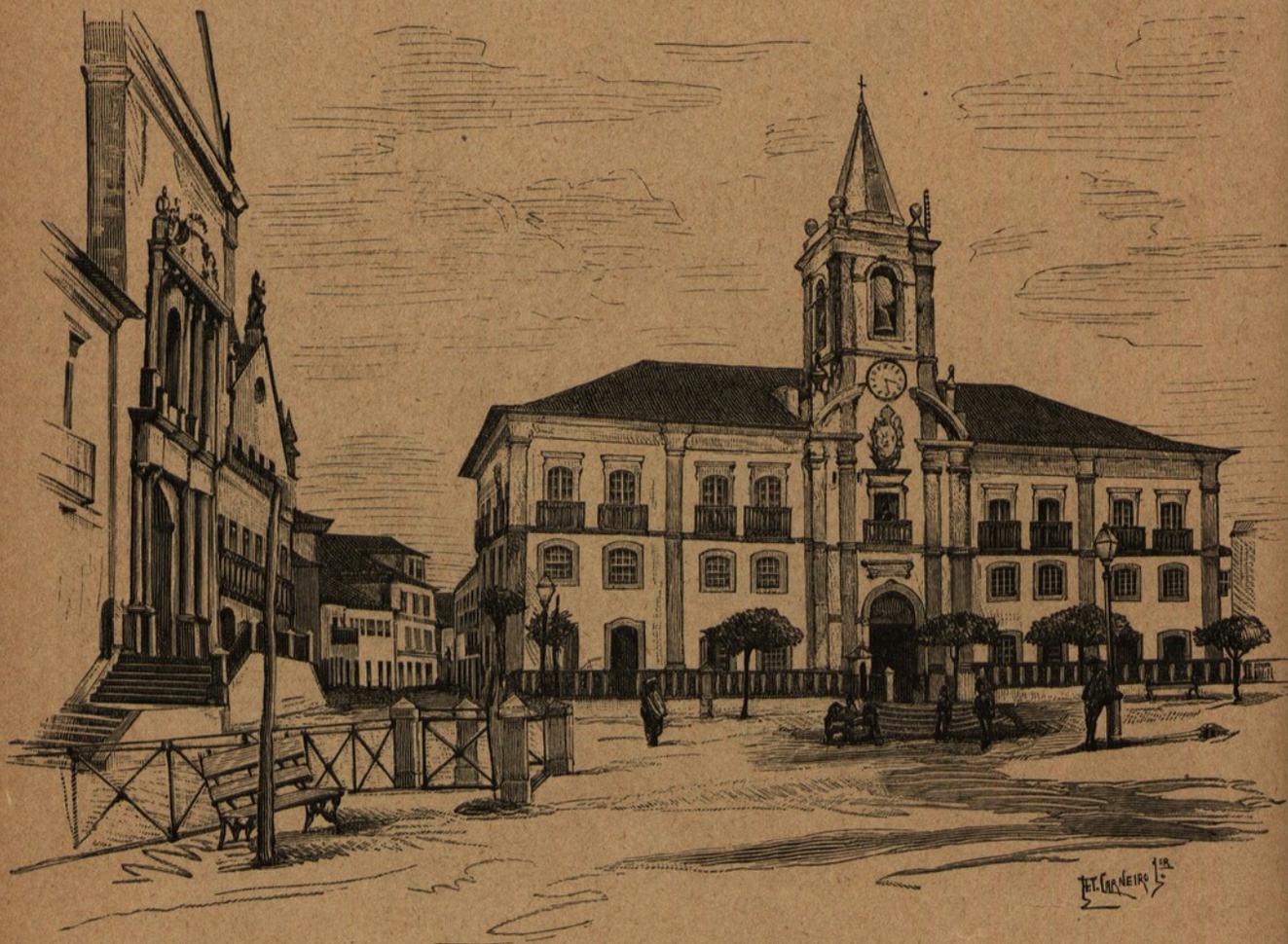
Que o eminente orador era poeta, bem se revela nos seus discursos, grande parte dos quaes correm impressos. Desciam-lhe da mente á bocca as mais brilhantes e arrojadas concepções que a eloquencia póde formar; e de tal arte as adornava, que conseguia ter suspenso de seus labios o auditorio; não o revelou sómente como orador, pois, consta, que fez uma ode a Fylinto Elysio — escriptor cuja leitura muito o recreava; mas essa poesia perdeu-se com muitos outros papeis, que constituiriam hoje um monumento digno do inspirado orador. As

cuja formatura concluiu á sua custa, concorrendo tambem com o producto do seu soldo para a formatura de um seu irmão. No anno de 1837 era bacharel em leis, e foi eleito deputado ás côrtes constituintes, por influencia de seu pae, que varias vezes tambem occupou uma cadeira no parlamento, pelo circulo d'Aveiro.

Em 29 de janeiro de 1838 estreou-se como redactor politico no jornal intitulado *A Revolução de Setembro*.

Em 1840, em provas de concurso publico, ganhou a cadeira de economia politica na Escola Polytechnica.

A revolução de 1844, promovida por Cesar de Vasconcellos, então commandante de cavallaria 4, em Santarem, contra o governo d'aquella epocha, encontrou José Estevão como soldado fiel e dedicado á bandeira do partido que se intitulou *Progressista*. O resultado



AVEIRO — O edificio dos Paços do Concelho

convulsões politicas em que se encontrou envolvido, foram a causa d'essa perda.

Em 1825 matriculou-se no 1.^o anno da faculdade de direito da Universidade de Coimbra; mas alistado em 1828 no batalhão academico, quando os acontecimentos d'esse anno levaram a academia a pegar em armas na sustentação da causa do partido constitucional, teve de seguir a sorte dos seus camaradas, interrompendo assim os estudos, e emigrou para a Galliza, na idade de 19 annos; seguindo depois para a Inglaterra e Ilha Terceira, fazendo finalmente parte da divisão que desembarcou proximo do Porto, sob o commando do Rei Soldado; e prestando serviço na Serra do Pilar, ponto designado ao batalhão academico, onde ganhou, pelo seu arrojado e esforço, os grãos de cavalleiro e official da antiga e nobre ordem da Torre e Espada. Por decreto de 24 de julho de 1834 foi nomeado primeiro tenente de artilheria; mas continuou a frequentar os estudos na Universidade,

d'esta revolta foi a emigração, e o illustre orador, seguindo por Salamanca, foi por fim permanecer algum tempo em Paris.

A revolução de que falámos desarmou-se á voz de D. Maria II, demittindo o ministerio que até então estava á frente do governo, dando uma amnistia aos implicados n'ella, restituindo-se todos os postos e empregos, que antes occupavam.

José Estevão sahio logo de Paris, chegando a Lisboa no fim de Maio d'esse anno.

N'um banquete que houve no theatro nacional José Estevão correspondeu n'um eloquentissimo improviso ao brinde ali levantado aos emigrados de Almeida.

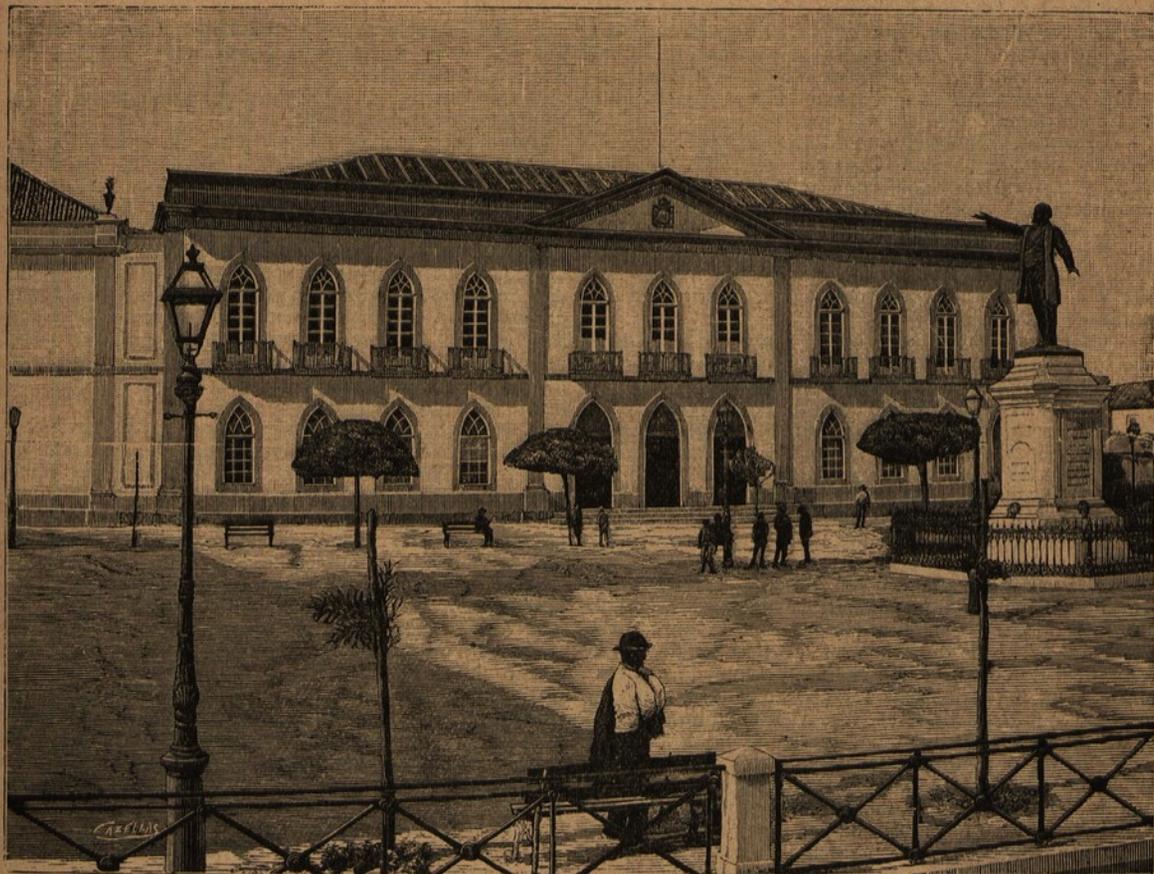
Seguiu-se a contra-revolução de 6 d'outubro de 1846; e para a combater, revolucionou-se o Porto em 9 do mesmo mez.

Logo que se publicou em 6 d'outubro o decreto da suspensão das garantias, José Estevão homisiou-se, e

revestido de padre, embarcou para Almada, e d'ahi seguiu a bordo d'um vapor da companhia, o *Tejo*, para Salvaterra, onde já se achava Cesar de Vasconcellos. Formou-se sem demora uma commissão para revolucionar Santarem, da qual José Estevão fez parte, conseguindo a commissão ao fim de 24 horas entrar n'aquella villa e sublevar os populares, e um esquadrão de cavalaria 4. D'ali partiu sem demora José Estevão para as Caldas da Rainha, que conseguiu revolucionar, e organizou os batalhões das Caldas, de Alcobaca, e da *Nazareth*, cujo commando assumiu. Marchando então o conde das Antas sobre Lisboa, desceu José Estevão de Rio Maior para Santarem, onde se formou uma columna das forças populares, columna da qual elle commandou a ala direita. Foi durante a irresolução das forças contrarias que estavam em frente uma da outra, que José Es-

teveo recebeu ordem do conde das Antas para organizar as forças do Alemtejo, ao que logo se prestou partindo para Setubal, desacompanhado, e sem meios pecuniarios. Ahi encontrou já organizado um batalhão, commandado por Moraes Mantas; e por isso o commissario da Junta tratou de fortificar aquella cidade, formando com as pessoas que se evadiam de Lisboa outro batalhão. Chegou depois a Alcaccer do Sal a divisão do conde de Mello e do coronel Galamba; e José Estevão entregou o commando ao primeiro, collocando se sob suas ordens; estabelecendo-se aquella divisão em Setubal, dirigiu-se José Estevão para a margem direita do Tejo, a estabelecer-se com alguma força popular entre Alverca e Villa Franca, ponto onde recebeu a noticia do recontro de Torres Vedras, em 22 de dezembro de 1846. Apenas teve essa nova marchou para Evora, com alguns dos seus, e baixou ao Algarve a organizar uma divisão e subiu de novo a Evora a juntar-se em Pavia á divisão do conde de Mello, que marcharam reunidas sobre Setubal, obrigando na marcha a recolher-se a Extremoz o visconde da Foz, que tentava oppôr-se á junção d'aquelles dois militares.

Seguiu-se a revolução de 1851, promovida pelo marechal duque de Saldanha, que José Estevão efficazmente



AVEIRO — O Lyceu e o monumento a José Estevão

teveo recebeu ordem do conde das Antas para organizar as forças do Alemtejo, ao que logo se prestou partindo para Setubal, desacompanhado, e sem meios pecuniarios. Ahi encontrou já organizado um batalhão, commandado por Moraes Mantas; e por isso o commissario da Junta tratou de fortificar aquella cidade, formando com as pessoas que se evadiam de Lisboa outro batalhão. Chegou depois a Alcaccer do Sal a divisão do conde de Mello e do coronel Galamba; e José Estevão entregou o commando ao primeiro, collocando se sob suas ordens; estabelecendo-se aquella divisão em Setubal, dirigiu-se José Estevão para a margem direita do Tejo, a estabelecer-se com alguma força popular entre Alverca e Villa Franca, ponto onde recebeu a noticia do recontro de Torres Vedras, em 22 de dezembro de 1846. Apenas teve essa nova marchou para Evora, com alguns dos seus, e baixou ao Algarve a organizar uma divisão e subiu de novo a Evora a juntar-se em Pavia á divisão do conde de Mello, que marcharam reunidas sobre Setubal, obrigando na marcha a recolher-se a Extremoz o visconde da Foz, que tentava oppôr-se á junção d'aquelles dois militares.

cooperou, conseguindo dos seus amigos politicos a cooperação dos intentos do duque. O fructo d'esta revolução foi o Acto adicional; e ao serviço do governo de então José Estevão foi acommettido de uma grave enfermidade que o pôz á beira da sepultura. Convalescente, entregou-se á preparação dos projectos que deviam ser presentes á Camara legislativa, onde finalmente reapareceu em julho de 1852; e desde então, até á hora suprema em que Deus o chamou ao seu seio, pela meia hora da madrugada do dia 4 de novembro de 1862, consagrou a sua existencia ao serviço da patria.

Casára no Porto em 7 de junho de 1848 com a sr.^a D. Rita de Miranda de Magalhães, prima do grande José Ferreira Borges.

A patria eternizou no bronze a figura do grandê orador, levantando-lhe um monumento em Lisboa, no Largo do palacio das Côrtes, o palacio onde elle ergueu a tribuna da mais vehemente eloquencia; e Aveiro, a sua terra natal, erigiu-lhe tambem ha annos uma magnifica estatua; que como dissémos é obra do illustre escultor portuguez, Simões d'Almeida

JARDIM ENCANTADO

(PEQUENA ALLEGORIA)

(Conclusão)

E ia andando, aquelle branco par, enlaçado, sem se beijar... Ha quanto tempo?... Como não paravam nunca, n'essa absorta aspiração — para que? se toda a sua vida só palpitava na amorosa chymera — nem se lembravam de comer. Em vão os pomares do caminho lhes accenavam, cheinhos de beijos vermelhos, que eram cerejas, de mil fructos luzindo como pedras raras: latadas vergavam-se de uvas brancas e negras: pomos d'ouro choviam dos laranjaes: os esquivos silvados offereciam-lhes perolas pretas de amóras: as figueiras, mesmo, encolhidas como viuvias, choravam aos seus pés, figos pretos. E as fontes chamavam-nos, pelas vozes d'agua, maleantes, das suas mouras encantadas — mas os dois amantes, iam seguindo, sem n'as escutar. Ah! a sua fome e sede era outra...

— Creanças, creanças! vinde dormir um pouco no regaço da minha sombra... Contarei, para vos fazer sonhar, a historia da minha vida, e os meus amores que envelheceram!... diz-lhes um corcovado olmo de cem annos, á beira d'um caminho.

— Na caricia alva dos meus liquidos abraços, deixae-vos embalar e levar!... diz-lhes um regato, n'um valle, que vae segredando, como um pagem, madrigaes a um bando de lindas olaias.

— Os meus cantos, namorados! são claridades sonoras, beijos do luar, são o que eu canto, escutae-me!... e um rouxinol em vão se cança a segui-os.

Mas pelas arvores que dão sombra, pelos frescos ribeiros que correm, pelas aves que cantam, os dois amantes vão passando, no seu delirio abstracto, os labios sorrindo. Podiam florir em vão os pomares, vir soluçando até aos seus pés a agua das fontes, e haver alvoradas resplendentes ou extranhos deliquios moribundos de solpôr no ceu, viboras e feras nos montados, vão andando, vão sonhando, sem ver e sem ouvir.

E cada vez é mais bello o seu sonhar — que nem sentem uma languidez mortal cada vez mais as invadindo e descorando, e os seus pés que sangram de tanto haverem andado... Ha de estar perto; o Paiz fatidico e celeste, bem no conhecem no ar mais perfumado que respiram e no bater dos seus corações, n'essa sensação de desmaio que os deliquisce, lhes vae diluindo a vida. E já deliraram, e diz-lhe elle n'um abraço que mais a cinge:

— Escuta, ó minha amada! não ouves cantar na tua alma, um murmurio como de quem resa, aqui perto? Ó que linda musica d'anjos, immaterial e esquiva!...

— Ha de ser o murmurio que as flores de lá fazem, a segredar-se que nos viram já, meu amado!

— Olha, já o luar vae surgindo... e a tua face agora é toda branca como um jasmin que gelou... E a lua é mais linda, não vês?... *A lua é outra!*

— E as tuas palavras, tem sons agora... musica tão suave!... como não tiveram nunca!... Nunca! Os teus labios são como um favo que destilla doçuras e aromas... e os teus olhos brilham mais, parecem duas estrellas caídas no branco da tua face!... os teus olhos cegam-me, como se olhasse o sol!...

— E os teus cabelos refrescam-me as mãos, como um vento avelludado... Mas como estás tão palida, e que magreza a do teu corpo! O meu abraço já não cinge senão o ar!

E musical e lenta era a voz d'ella, como um angelus que morre no crepusculo, um gemido, um tenue murmurio de salgueiros:

— Que importa?... Eu sinto que estamos perto. Corramos!

E as duas creanças vão correndo.

O Sol está a morrer. Já aberta está a sua cova no seio do mar. Moribundos ais de luz, deuses! expiram no ceu. Um sino d'aldeia, ao longe, começa a resar Avé Marias. O horizonte é todo em oiro e lava, feéria candente de mysteriosas grutas, zimborios e castellos em braza, azuladas aguas correndo, arborisações ephemerias, geadas de flôres, vaporosos vultos de Fadas, roxas campinas de lyrios, espumas de nacar, alabastros e jaspes, que a projecção do luar surgindo, difunde e espuma... Os passaros da noite já cantam. Um rouxinol, ao braço d'uma amendoeira morre a cantar. O vento é como um macio murmurio de vela, no mar.

Cada vez os dois amantes enfraquecem mais, vão correndo, os olhos fitos no sideral jardim. Já agonizam.

— Que divinos fructos lá, para os teus labios, minha alma! Um momento ainda!... E' além, no Ceu, tão perto!... não o avistas emfim, o paiz da chymera? Vamos conhecer o Amor, possuir a Felicidade que não morre jamais. Beija-me, emfim!

O luar agora innuda, afoga o Infinito, como uma volatilizada maré de almas commungantes...

E no seu delirio, as duas creanças juntam finalmente os labios n'um beijo supremo e mortal. E n'esse abraçamento florido de desejos, n'esse arrebatamento divino, o espirito d'ambos palpitou no clarão do mesmo momento extasiado, e os seus olhos se fecharam para sempre unguilos de lagrimas da ventura absoluta, na visão do ceu entrevisto, arrebatados e deslunbrados, — guardando e levando para a outra vida, a imagem do *Jardim Encantado*.

Pois que, em verdade, o Absoluto Amor é a negação da vida — que é a Dôr. E a ideal felicidade só na real Morte existe...

1896.

JUSTINO DE MONTALVÃO.

PEDRO SEM

A proposito d'uma passagem do artigo *Pedro Sem*, publicado n'um dos ultimos numeros do *Branco e Negro* e em que se faz uma referencia á familia Belleza d'Andrade, recebemos a seguinte carta elucidativa:

«Lisboa, 6 de agosto de 1897 — ... Sr. — Acabo de lêr no n.º 71 do seu semanario *Branco e Negro* a descrição de Pedro Sem, ou Pedrosses e na qual se faz allusão á familia Belleza d'Andrade.

«Tudo é a pura verdade, mas como na dita descrição se lê:

«Segundo nos disseram, esta familia dos Andrades Bellezas ou Bellezas Andrades ainda existe em Mattosinhos ou Leça», tomo a liberdade de lhe dizer que a representante d'essa familia móra effectivamente em Mattosinhos e se chama D. Elvira Belleza de Andrade, viuva de José Joaquim de Pinho, tambem natural de Mattosinhos, moradora na casa dos seus antepassados na rua do Conde do Alto Mearim, n.º 8.

336

«Actualmente, além d'essa senhora (minha sogra), existem aqui na capital duas filhas: Uma chamada Elvira Belleza de Andrade Pinho, minha cunhada e moradora na rua de S. Vicente á Guia, n.º 25, 3.º, e minha mulher Laura Belleza de Andrade Pinho Dantas, moradora na rua da Fé, n.º 50, 2.º Não sei se estes esclarecimentos servirão de alguma coisa a quem escreveu o tal artigo, mas como já não é a primeira vez que em obras editadas por V., se allude a minha familia, dando a perceber que ignoram se existem representantes, é o motivo que me obriga a escrever esta.

De V., etc.

Miguel Carlos Nogueira Dantas,

Despachante dos caminhos de ferro da estação d'Avenida.

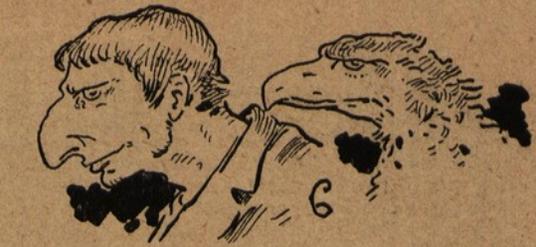
Por certo que a familia Belleza d'Andrade conservará tradições da familia Pedro Sem: seria de toda a conveniencia, para o esclarecimento da lenda, que ella as divulgasse.

De como ha homens com caras de animaes

DEMONSTRAÇÃO:



1



6



2



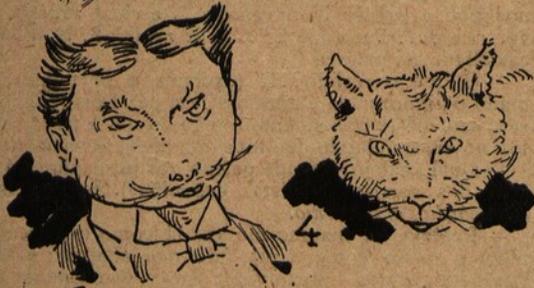
7



3



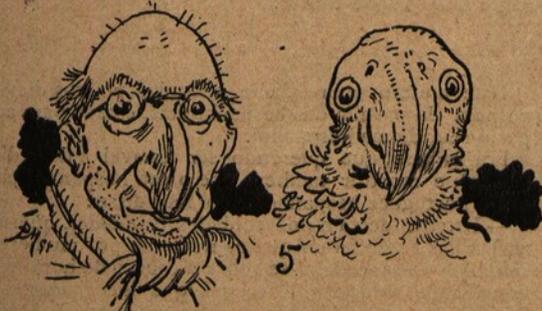
8



4



9



5



10

1, O macaco. — 2, O bode. — 3, O porco. — 4, O gato. — 5, O papagaio. — 6, A aguia. — 7, A cegonha. — 8, O asno. — 9, O lobo. — 10, O touro.

CELSE HERMINIO.

UMA PLANTA RÁRA

(CONTO MUDO)



COISAS ALEGRES

Abrimos ha pouco esta secção e aberta está á collaboração dos nossos leitores, que nos queiram obsequiar. Ditos agudos, sahdas chistosas, historietas engraçadas, casos joviaes, ironias, pilherias, gracejos, epigrammas, bernardices, serão os elementos d'esta secção... *para fechar*. As condições unicas que impomos são : que essas «coisas» sejam authenticas e portuguezas. Pois nós todos, os d'hoje e os d'hontem, fomos e somos tão semsaborões, que não possamos dar (como succede nas revistas estrangeiras) productos da propria lavra, da lavra do nosso espirito, sem recorrer aos extranhos? Vamos vêr, e os futuros numeros do «Branco e Negro» responderão.

A authenticidade será manifestada quanto possivel com a indicação dos nomes das pessoas e logares, do tempo, etc. Os ineditos terão preferencia.

Dada a indole d'este semanario, já sobejamente conhecida e provada em mais de dois annos d'existencia, escusado era accrescentar, que não serão aqui publicadas as *coisas alegres* enviadas intencionalmente para magoar alguém, ou de natureza a não deverem entrar nas salas das familias que dispensam as leituras eroticas.

Em regra, uma das presumpçosas manias do cidadão portuguez é a de qualquer de nós saber falar hespanhol, sem ser necessario aprendel-o. Todos conhecem o caso d'aquelle castelhano, que pedia a um portuguez, que se lhe dirigia em *lingua hespanhola* : «Hable-me usted portuguez, que comprendo mejor». Pois não obstante os frequentes fiascos d'esta natureza, continuamos a afirmar, que nada ha de mais facil para os naturaes da occidental praia lusitana.

Em um hotel de Lisboa, onde eu era hospede, estava *acampado* o resto d'uma companhia de zarzuela falida. A' meza de jantar a loquacidade das *señoritas* e *caballeros* sobrelevava á mazorrice dos restantes; menos á d'um portuguez, seguramente o mais ignorante de nós todos, que não desistia de aproveitar os ensejos da conversação para contar historias da sua vida... em hespanhol. Isto enfadava os nossos visinhos, pois que, em attenção á apparente respeitabilidade do sujeito, viam-se obrigados a dizer a tudo — que sim.

Um dos casos narrados fôra passado entre elle e um realejo. Mas, este instrumento era mencionado sempre pelo seu nome portuguez, modificado na pronuncia pelo som do *j*, que o homemsinho procurava, quanto possivel, fazel-o gutural (*g*) á hespanhola. E tanto que uma das vezes, tão gutural lhe sahiu, que o sujeito engasgou-se e esteve atrapalhado.

Os hespanhoes iam automaticamente dizendo — que sim.

Chegada a narrativa ao seu termo, o homem riu; mas elles e ellas, continuando na sua seriedade indifferente, diziam — que sim.

O homem sentiu um palpito angustioso: o de não ter sido entendido. Olhou para mim (que estava ao seu lado) esperando talvez alguma palavra que o norteasse. Eu... moita.

— Usteds não me comprehenderam? (perguntou elle aos hespanhoes).

— Yo, non (respondeu o mais expedito).

— I nós tambien, nada (acudiram elles e ellas).

— Pois usted (accrescentou o primeiro hespanhol), se nos põe a hablar d'um *realejo*... e viene *realejo*... e vai *realejo*!! Pero que és esso de *realejo*?! Non hai em castellano tal palavra.

— O que é, *realejo*?!!! (exclama o portuguez, pasmado da ignorancia e pondo-se em pé). Pois *realejo* não será isto?! (e põe se com a mão direita a traçar circulos no ar, simulando que tocava aquelle instrumento).

— Qual *realejo* (grande pasmo dos hespanhoes á mistura dos sorrisos trocistas das niñas). Isso se lhama *manicordio*, *manicordio*.

— *Realejo*, ou *manicordio*, ou lá como quizerem (remata o nosso compatriota, fulo mas abatido; e assentando-se diz-nos a meia voz): Isto é gente muito ignorante que só sabe cantar.

*

Este mesmo pobre diabo, passados poucos dias e na vespera da partida das hespanholitas, esteve para amargar o seu idioma hespanhol.

Foi o caso, que querendo ser amavel a duas d'ellas (irmãs), e mostrar tambem que o seu hespanhol já não era o portuguez hespanholisado, lhes disse :

— Usteds, deixam-nos soldados (saudades, queria dizer). Ellas entenderam, que as tratavam por mulheres de soldados. Desencadeou-se sobre a cabeça do homem uma tempestade medonha. O menos que lhe chamaram foi *borracho* e *tonto*. Acudimos pelas suas boas intenções e assim o salvámos.

DOM BIBAS.

SECÇÃO RECREATIVA

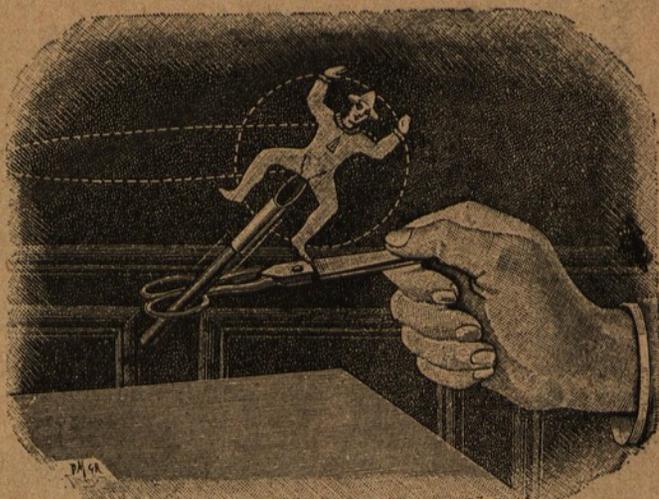
O PALHACINHO

D ESENHAE e cortae depois n'um bilhete de visita um boneco na posição d'um *clown* dando uma cambalhota, com os braços e as pernas abertas.

Não se trata sómente de lhe fazer dar uma cambalhota completa sobre si mesmo, mas ainda de lhe fazer dar uma série de cambalhotas eguaes em volta d'um circulo imaginario, que será, por exemplo, a pista d'um circo onde o nosso *clown* execute esses exercicios.

Eis a maneira, aliás muito simples, de lhe communicar esse duplo movimento de rotação, lembrando o da terra em volta do sol. Vamo-nos servir da caneta com que desenhámos, e da tesoura com que recortámos o boneco. Mettei o bico da penna nas costas do boneco a meio do corpo. Sustentae horizontalmente nas mãos a tesoura, e, n'um dos anneis, collocae obliquamente o cabo da caneta que ahí se manterá, sem cahir, devido á sua inclinação.

Feito isto, não tendes mais que imprimir á tesoura um leve movimento de rotação n'um plano horizontal: a caneta segue então este movimento que se amplifica até á extremidade onde está espetada a figurinha; o roçar da caneta com o anel da tesoura communica-lhe um movimento de rotação sobre si mesma, como o faria uma roda de engrenagem dentada interiormente, na qual se fizesse uma rodinha tambem dentada.



E eis como, com utensilios conhecidos, uma caneta e uma tesoura, se póde fazer dar cambalhotas a pequenos bonecos ou animaes, constituindo novos brinquedos mechanicos que farão a alegria das creanças.

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND.,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

Acaba de se publicar este livro do insigne jornalista, livro onde se descreve admiravelmente a vida no Brazil, e principalmente no Rio de Janeiro, e o que é a actual civilização brasileira.

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, rua Augusta, 95—Lisboa

LISBOA EM CAMISA

LISBOA em CAMISA

POR

GERVASIO LOBATO

1 volume, 2.^a edição, ilustrado por

CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

LISBOA

LISBOA EM CAMISA

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exército e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52—Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

Branco e Negro



QUEDE USTED CON DIOS...—Quadro de G. Costa

PREÇO 40 RÉIS

N.º 74

A VIÚVA SIMÕES

NOVO ROMANCE DA DISTINCTA ROMANCISTA BRAZILEIRA

JULIA LOPES D'ALMEIDA

I Volume, brochado, 500 réis. Pelo correio, 540 réis

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor
50, 52, Rua Augusta, 52, 54—LISBOA

“DE BOND.,

(alguns aspectos da civilização brasileira)

POR

JOÃO CHAGAS

Acaba de se publicar este livro do insigne jornalista, livro onde se descreve admiravelmente a vida no Brazil, e principalmente no Rio de Janeiro, e o que é a actual civilização brasileira.

1 volume 500 réis. Edição da Livraria Moderna, rua Augusta, 95 — Lisboa

COLLECÇÃO DE PARÓNYMOS

**Palavras que, pronunciando-se igualmente,
ou de modo semelhante,
differem de orthographia e significação**

Para uso de professores e estudantes, nas aulas primarias e secundarias, revisores, etc.

PREÇO 60 RÉIS

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

BRANCO E NEGRO

SEMANARIO ILLUSTRADO

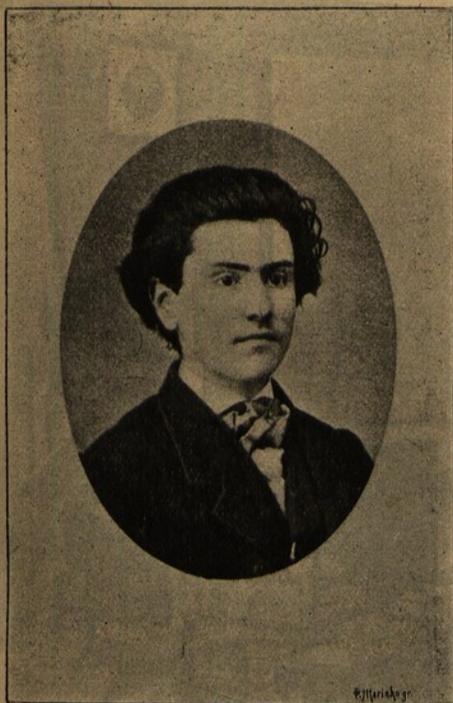
N.º 74

LISBOA, 29 DE AGOSTO de 1897

2.º ANNO

OLIVEIRA MARTINS

(24 DE AGOSTO DE 1897, 3.º ANNIVERSARIO DA SUA MORTE)



Em 1863



Em 1870

Os amigos de Oliveira Martins, aquelles que á admiração do seu talento e ao proveito das suas lições tiveram a fortuna de juntar, retribuindo-os, os carinhos do seu coração, verão, com a felicidade que o destino tão raras vezes concede, a saúde mitigada pelo despontar da gloria d'esse homem extraordinario. Despontar, repito, que nem o pranto nem o elogio que acompanham os restos mortaes d'alguem pôdem significar a sua gloria; por muito grandes e ruidosos que sejam, levam sempre joio impuro, vão no tropel de vaidades, de paixões, de convenções e mentiras que mais empanam do que illuminam a auréola que envolve a lembrança dos seres superiores. Só o tempo, só os annos, só uma longa distancia pôdem revelar as grandes almas, sepultando odios, varrendo inveja, dissipando toda a miseria mortal e mostrando em pura luz a divina e eterna essencia que algum dia se incarnou n'um corpo humano.

N'este retrato que tenho deante de mim e n'esta volumosa obra que está a seu lado, vejo os braços que me apertaram, sinto a voz e o gesto que me fascinava, sorrisos, magoas e alegrias: palpita ainda a vida corporea. Não será assim para meus filhos; para elles a obra significará mais do que a imagem e, desconhecendo o homem, verão então em toda a nudez e phenomenal grandeza os prodigios do espirito. Só por tal preço a gloria se revela e,—estranha e dolorosa desharmonia!—talvez

aqueles que mais amaram Oliveira Martins não sejam no porvir os que mais o admiraram. Deus sabe que joias, que infinito numero de scintillações estão por descobrir na sua obra colossal; Deus sabe o que o estudo e admiração dos vindouros ha de mostrar n'esse trabalho gigante em que se consumiu uma vida de labor incessante, governada por sublimes ideaes e servida por um prodigioso espirito!

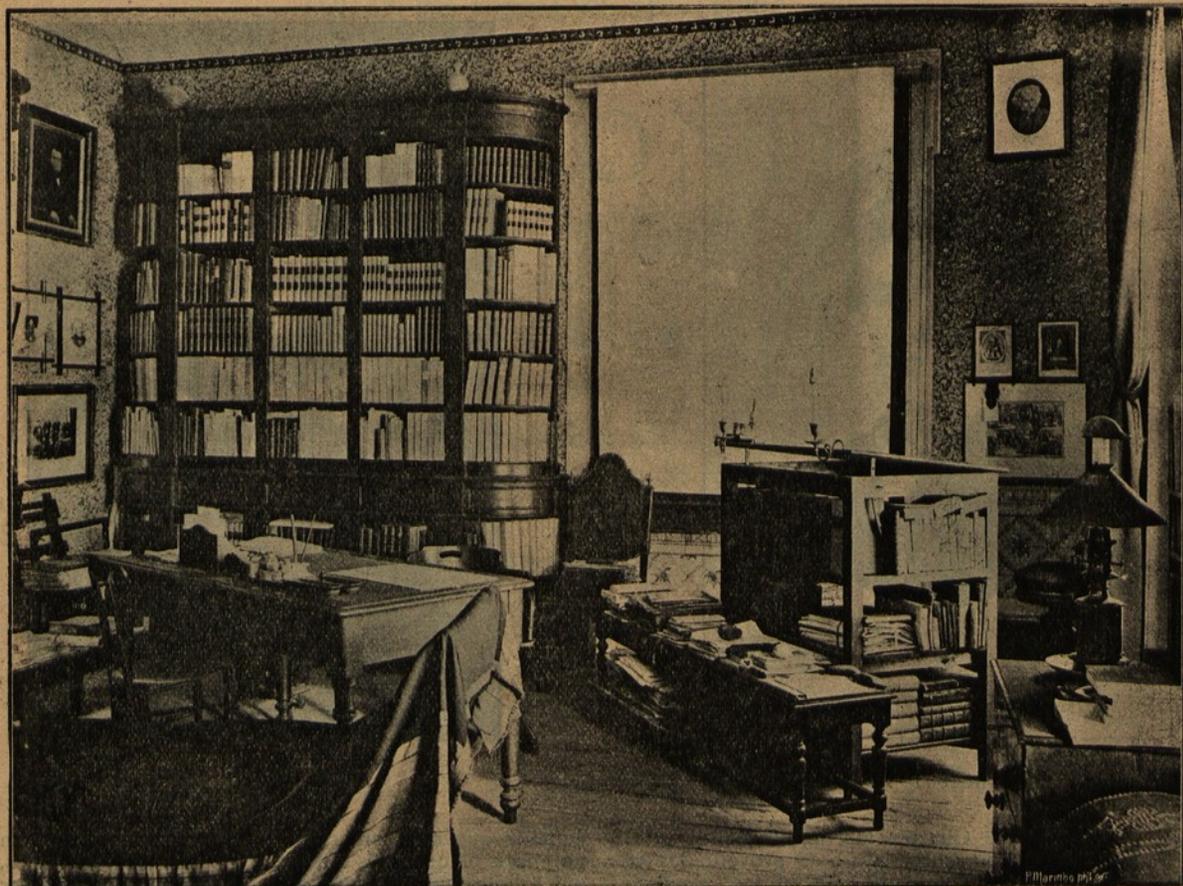
Os annos vão correndo e alguém julgará que elles cerram um véu de esquecimento sobre o nome de Oliveira Martins. Para mim, não: trazem sim o esquecimento d'aquillo que, mesquinho, ephemero e transitorio, deve ser esquecido, mas marcam um passo no caminho da pura gloria que á sua memoria é devida. Não pôde ser outro o destino de tamanha grandeza.

Seja qual fôr o juizo que o futuro tenha de fazer sobre a obra de Oliveira Martins,—e não digo que na sua parte politica e scientifica não venham a encontrar-se erros e illusões que foram a imprescindivel communhão na sua epoca,—a fecundidade da producção, a vastidão de conhecimentos, a importancia dos problemas e a complexidade de espirito que o jogo d'estes elementos manifesta, dão immediatamente a Oliveira Martins a primazia intellectual entré os contemporaneos do seu paiz e

um lugar eminente entre as sumidades do seu tempo. Uma impressão d'assombro pelo poder de reflexão, de saber e de pensamento será o primeiro caracter d'esse grande vulto para quem passar pelos olhos, n'uma singela leitura, os productos da sua actividade mental dispersos pelas publicações periodicas e pelos muitos volumes que constituem a sua obra. Religião, economia, instituições, raças, historia, a vida social nos seus fundamentos animaes e physiologicos, na sua constituição moral e no movimento, nas luctas, nas vicissitudes do mundo, cousa alguma deixou de perscrutar com profundeza, ensinando caridosamente ao vulgo o que aprendera na vigilia, na meditação e no estudo.

Ensina-nos a «*Bibliotheca das Sciencias Sociaes*» quanto modernamente se sabia das origens e estrutura intima das sociedades, dá-nos a visão clara do que foi

Quem nos mostrou o valor da radição nacional quando ainda não só Portugal mas a Europa inteira se debatiam cegos na confusão creada pela dissolução revolucionaria? Hoje parece a todo ohomem illustrado doutrina corrente, mas ao tempo em que se publicou o *Portugal Contemporaneo* só uma poderosa originalidade podia perceber no cáos uma sombra de organismo. Provam-n'o a surpresa com que por todos esse livro foi lido, a indignação de muitos que se julgavam offendidos nas suas aspirações liberaes, e o contentamento dos que imaginaram vêr alli uma defeza legitimista. No fundo, mostrava-se apenas a importancia superior dos elementos tradicionaes na organização nacional, como Taine fez em França e como a Inglaterra por um instincto unico sempre tem feito na sua politica; mostrava-se, applicando intelligentemente a doutrina á sociedade portugueza, que



A SALA DE TRABALHO DE OLIVEIRA MARTINS

o nosso passado, marcando com mão d'artista os caracteres de todas as epocas e dos grandes vultos que honram o nome portuguez; depois faz pela primeira vez, no *Portugal Contemporaneo*, a dolorosa analyse dos nossos males, da sua origem e da sua natureza; depois ainda, na *Politica e Economia Nacional*, na *Provincia* e em pequenas publicações que andam dispersas, aponta remedios, indica o caminho para restaurar as depauperadas forças economicas da nação e reorganizar o estado, restituindo-o ao seu verdadeiro papel e acção; e remata este trabalho de regeneração nacional, que pacientemente elaborara desde a sua base, com o projecto de lei de *Fomento Rural*, um monumento de capacidade politica, a estrutura intima da nação portugueza em que as suas necessidades presentes se harmonisam maravilhosamente.

Ao saber e á capacidade de systematisar junta a originalidade, de que nos deixou um precioso documento nos *Elementos de chrematistica*, fazendo á economia politica, pelo methodo historico, o que Jevons e os seus successores tentaram brilhantemente pelo methodo mathematico.

as nações podem transformar-se mas nunca substituir-se por novo modelo á vontade das leis e dos governos. E isto que agora nos parece transparente e claro foi a seu tempo tal aberração do pensamento vulgar, que em Oliveira Martins não se viu mais de que um pessimista. O epitheto correu e ainda mesmo os melhores o acceitaram, mas não tardou que, por nossa desgraça, os factos transformassem o pessimismo em simples previsão d'um mal e que os publicistas europeus reconhecessem por boa e unica legitima a doutrina que nos parecera um criminoso retrocesso.

Cito apenas exemplos, nem a mais me atreveria, que para apreciar os dotes d'espírito de Oliveira Martins seria necessario medir pela sua craveira; mas não quero passar sem lembrar mais uma vez o que significam como documento de capacidade mental *Os Filhos de D. João I*, a *Vida de Nun'Alvares*, e ainda os fragmentos do *Principe Perfeito*; tão piedosa e tão bellamente coordenados pelo sr. conselheiro Barros Gomes. N'essas derradeiras flores concentrou-se toda a seiva da planta, poder, brilho, arte espontanea e ingenua. Se outros documentos

não houvesse, estes bastariam para consagrarmos Oliveira Martins como um grande pensador e um grande artista, como um historiador completo por uma rara conjuncção de saber, de critica e de faculdades litterarias. N'esses livros resuscitam santos, estadistas, videntes, heroes da historia patria, e fechamol-os sob a impressão de que por deante dos nossos olhos passaram figuras em que o valor, o civismo, a caridade e o amor, quanta dignidade cabe na alma humana, tiveram representação completa em paginas que o volver dos seculos jámais poderá apagar. É essa representação presuppõe no artista que a produz a summula das faculdades de todos os grandes vultos que creou.

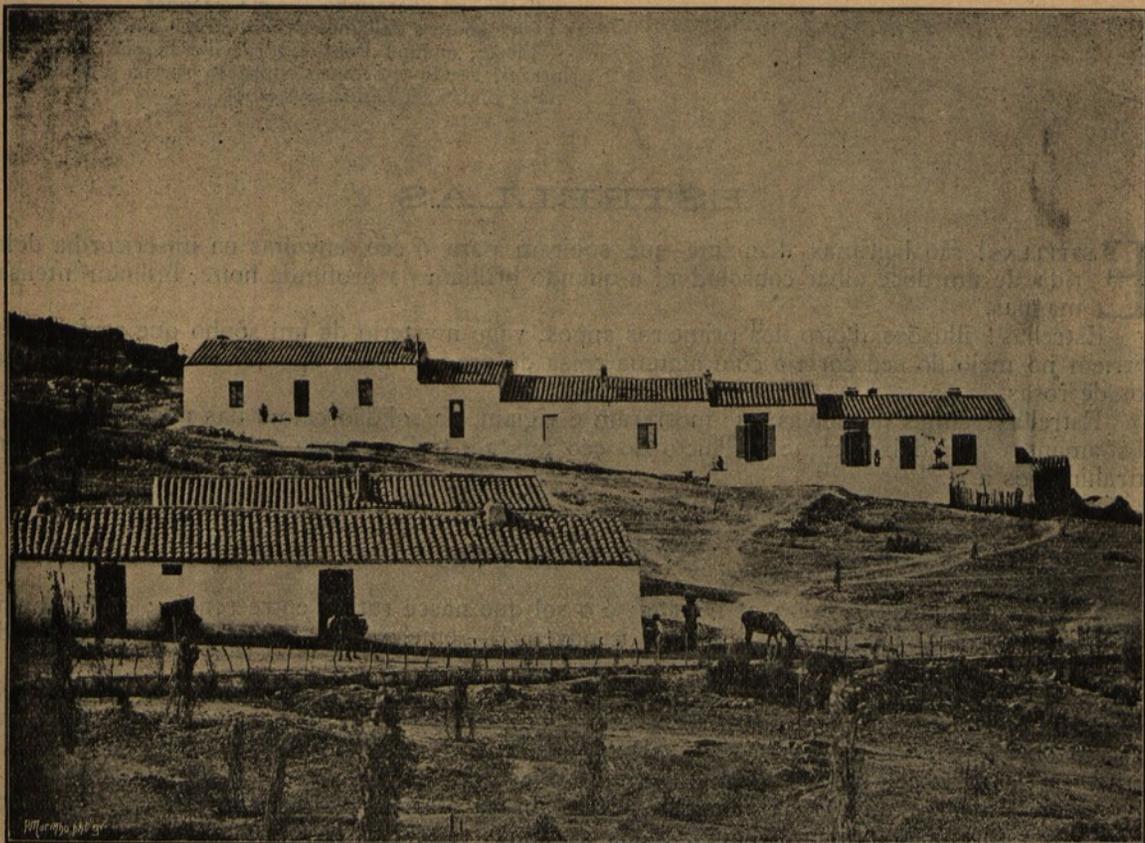
II

Mas não se é grande pelo espirito. A intelligencia, por superior que seja, é um instrumento apenas e ai d'aquel-

augusto, a paz da sua existencia, a sua vida illuminou-se d'uma luz nova que lhe guardará as cinzas, porque é eterna.

Na sêde de saber e na febre de trabalho que tinham precedido a sua entrada na politica, estava immanente o sentimento que havia de o lançar na vida pública. Antes e depois, luctava pelos seus ideaes e sempre por qualquer cousa estranha ao seu interesse egoista, por qualquer cousa que não era d'este mundo, que vinha dos imperiosos impulsos de sentimentos superiores.

Por esse lado a vida de Oliveira Martins foi d'uma unidade inteira, sem desvio. As suas convicções podiam ter mudado, mudaram de certo, como não podem deixar de mudar para o homem estudioso, que a cada instante descobre novos aspectos das cousas e para o politico que a todo o momento tem de sujeitar-se á necessidade dos factos que não dependem da sua vontade; mas o sentimento permaneceu inalteravel, nem uma sombra escu-



CASA DA MINA DE SANTA EUFEMIA, EM CORDOVA, ONDE OLIVEIRA MARTINS VIVEU ANNOS

les que não o souberem usar! A historia lavar-lhes-ha condemnação cruel. Só pela acção, e no amor se tecem as corôas de gloria. O mundo, que é de lucta e de cubiça pelos bens terrenos, só se curva perante os que os desprezaram, só adora os que, pelo exemplo, mostrando a inanidade da ambição egoista, nos mostraram simultaneamente a ventura no sacrificio pelo bem alheio.

Oliveira Martins poderia ter sido o maior espirito do seu tempo; a gloria havia de fugir-lhe, se a sua alma não se tivesse temperado no amor da humanidade e da sua patria.

Por virtude do mesmo sentimento que nas suas obras litterarias lhe dictou palavras de affecto e dedicação pelo seu paiz, Oliveira Martins abandonou um dia a tranquillidade em que o cercavam o conforto da familia, a dedicação dos amigos e a alegria do estudo, para se lançar nas luctas politicas em que a insania e perversão tripudiavam e em que o esperavam, aguçando as armas vilmente envenenadas, o odio, a mesquinhez, a inveja e o cynismo. Sabia a que antro temeroso ia descer, não trepidou quando julgou chegada a hora, e no dia em que sacrificou no altar da patria, com um desprendimento

receu a sinceridade, nem uma hora de desalento lhe quebrou os braços. Nos muitos e prolongados dias d'angustia que o seu paiz atravessou e que assignalaram tristemente os ultimos annos da sua existencia, ainda mesmo quando a sua poderosa imaginação lhe representava dôres certas e inevitaveis, já aquebrado o corpo e exaustas as forças, combatia, estudando, trabalhando, por todos os meios que a sorte lhe concedia, em todos os pontos que o destino lhe marcava. A historia da sua vida demonstra-o sobejamente.

III

Um grande espirito coroado por uma grande alma; — n'isto se resume a existencia de Oliveira Martins.

Possam todos os que como elle nasceram n'esta boa terra portugueza comprehendel-a e brotem coragem e esperanças das saudades que o coração dorido derrama sobre o tumulto d'aquelle que foi um grande mestre, um grande amigo e um portuguez de immorredoura nobreza!

JAYME DE MAGALHAES LIMA.

POEMAS PARA OS SEUS OLHOS

(cf L....)

É na fonte, onde se podem refrescar da sécca d'este sol ardente que queima rudemente a pelle.

De ninhos pendurados entre flores de macieiras sae um fresco chilrado que parece entoar a apothese do amor; anda no ar translucido uma alegria doida de esponsaes. Pela tosca azinhaga vem as raparigas cantando; e na religiosidade do dia que parece cahir da nave de uma igreja passa um vôo mysterioso de intimos prazeres sob um thalamo estrellado.

Como na aromal manhã da Biblia em que o loiro Jesus poisou seus labios na bilha da Samaritana, bebo eu, soffrego, no cantarinho que-me estendes.

Oh! como é deliciosa a agua do teu amor!

Vieste, emfim! Posso agora viver n'uma alleluia de prazer, vendo-te sempre, vogando serena a minha vida pelas ondas azues dos teus olhos.

I

ESTRELLAS

ESTRELLAS! são lagrimas d'amante que subiram para o céo, envoltas na misericordia dolorida de um doce olhar consolador! e quando brilham na profunda noite, brilham intensas maguas.

Estrellas! illusões d'oiro dos primeiros annos, vago mysterio de um sonho que se faz, ellas sorriem no meio do seu cortejo com alguma coisa de predestinado, apontando caminhos poeirados de rosas.

Estrellas! almas de noivas que morreram e vigiam, na solidão calma das noites, os soluços dos amantes que deixaram, e no lucto do céo buscam brilhar ainda e mais e mais faiscarem, attrahindo-os a si.

II

NUVENS

BRANCAS, no levante, vem as nuvens; é o sol que nasce rutilo, entre rendas; e da espuma que o cerca, um collar — espuma de nuvens! — emerge elle, doirando a terra, doirando o ar!...

Alegre é a manhã; uma alleluia sobe para o sol; hossanas gritam na terra os que trabalham. O nuvem do nascente, faxa branca da virgem, és tu que embalas o nascer do sol e o trazes, conchegado, ao bico dos teus seios! E quando á noute o deitas, nuvem côr de laranja e oiro, semeias pelo céo a pualha tenue dos teus raios irisados!

Geme rancor a nuvem da tempestade que abraça o raio e o precipita na terra. E quando rôlas n'um turbilhão fremente d'odio, todas as almas te temem nuvem negra da tempestade e te imploram!

E sabe Deus quanto és odiada negra nuvem!

III

ROSAS

FADAS viageiras, folgazãs, como artistas em *tournée*, — no tempo d'ellas, sabem? — andavam um dia, sob o sol claro em correrias aladas pelos campos.

E vae, foram dar a um bosque — oh, o ameno bosque, o perfumado bosque, o delicioso bosque! — e sentaram-se.

E vae, cada qual de puxar a sua historia. Pícara historia a da primeira, que eu calarei, um saborsinho acre, appetitoso, para faunos. E a segunda de lhe ripostar, n'uma toada doce, com a chymera cerulea dos seus sonhos, — brancos e lindos sonhos!

Despeitada, outra rangeu os dentes n'uma ironia amarga e ficou-se a um canto, triturada de furia.

E vae...

que passou por 'li um cavalleiro — de talisman claro — e transformou a primeira em rosa d'Alexandria, de um escarlata purpura; e a segunda a fez branca como seus sonhos; e a outra, amarella como a sua ironia — a sensualidade, a cándura, o ciume!...

Rosas!

DOMINGOS GUIMARÃES.

PRAIAS

A NAZARETH

ESTA praia, arredada uma boa legua das estações do caminho de ferro e ligada a ellas por uma bella estrada plana para quem volta do comboio na Cella, ou por uma estrada tortuosa, entre pinhaes, para quem venha do Vallado, é talvez uma das mais monotonas do paiz, pelos poucos attractivos que proporciona ao banhista, mercê do desleixo da municipalidade a que pertence. Mas assim monotona, assim triste apezar do seu aspecto risonho, com a casaria branca apinhada n'uma

manso e doce como uma ballada do Norte, terno e commovido como uma alma enamorada, — temeroso e mau, com surdas coleras que lhe rebentam do seio, aguilhoado por não sei que pezares desconhecidos que lhe fazem erguer o dorso, n'uma truculenta furia de leão enraivecido. Este contraste, que é a imagem viva do coreção humano, apresenta-o elle muitas vezes no mesmo dia — desconfiam d'elle os pobres pescadores que sahem de manhã cantando e recolhem á tarde, pallidos ante a sua



NAZARETH — Vista geral da praia (photographia do ex.^{mo} sr. Elyσιο Mello)

baixa, é, diga-se já, uma das melhores praias para quem venha simplesmente *tomar banhos* e aspirar um pouco da brisa salgada que sopra do mar largo. Encravada entre a montanha a pino, em cujo alto se pendura a povoação chamada o *Sitio* e a lingua de terra que se estende ao sul pelo mar dentro, formando uma ampla bahia, com as suas aguas de um azul intenso e deslumbrante, ella apparece-nos, ao desembocar de um cotovelo da estrada, subito, como uma alegre mancha; e todo o nosso coração parece rir, ao vêr, na extensão sem fim, essas aguas d'anil, levemente franjadas de branco, com alguma coisa de casto e recolhido. E' que o mar tem segredos que a alma recebe, extactica, e comprehende. Diante d'elle tudo se esquece e o espirito vâa para mais altas regiões, embalado pela toada doce das aguas despenhando-se, a principio verdes, o verde da esmeralda, depois, desenrolando-se, brancas e espumosas, até alastrar n'um violeta doce que o sol, ao cahir n'um poente melancholico, frouxamente tinge. De pé n'areia, alongando a vista, — céo, mar, montanhas azuladas perdidas n'uma renda de bruma, — quantas coisas a alma não traduz, sonhos, saudades de tempos idos, esperanças! Bohemio eterno, o mar rôla soluçante as suas aguas, sem pedir consolações,

colera sombria. Aqui, tenho eu assistido por vezes a essas reviravoltas bruscas. E quando no crepusculo que desce com lentidão de purpuras arrastadas magestosamente eu ouço, de minha casa, os gritos das mulheres desgrenhadas que pedem ao Senhor dos Navegantes a vida dos que andam sobre as aguas do mar, já sei que elle ergueu altivo a espinha e sacóde como um brinquedo os bateis que n'elle se aventuraram. Tem o seu lado tragico esta procissão do desespero. O mar está picado, rola raivosamente as suas ondas, e os barcos estão todos fóra. A entrada aqui é perigosa n'estas circumstancias. Para a praia convergem logo todas as mulheres, de braços no ar, soltando gritos estridentes. Correm pela areia, soluçam, arrepelam-se, ajoelham, arrastam-se, soltam imprecações e blasphemias, rasgam os lenços, rezam, chamam em voz alta pela Senhora da Nazareth, com os olhos fitos na capella do Milagre; e elles, de lá, com os olhos tambem fitos na capella da Santa, pallidos e confiadlos, remam sempre quando a vaga os favorece, afundam-se na bonança momentanea das vagas para depois reaparecerem n'uma montanha enorme, erguidos ao ar por uma força sobrehumana. O arraes, á pôpa, de pé, commanda serenamente a manobra. Não se ouve o que

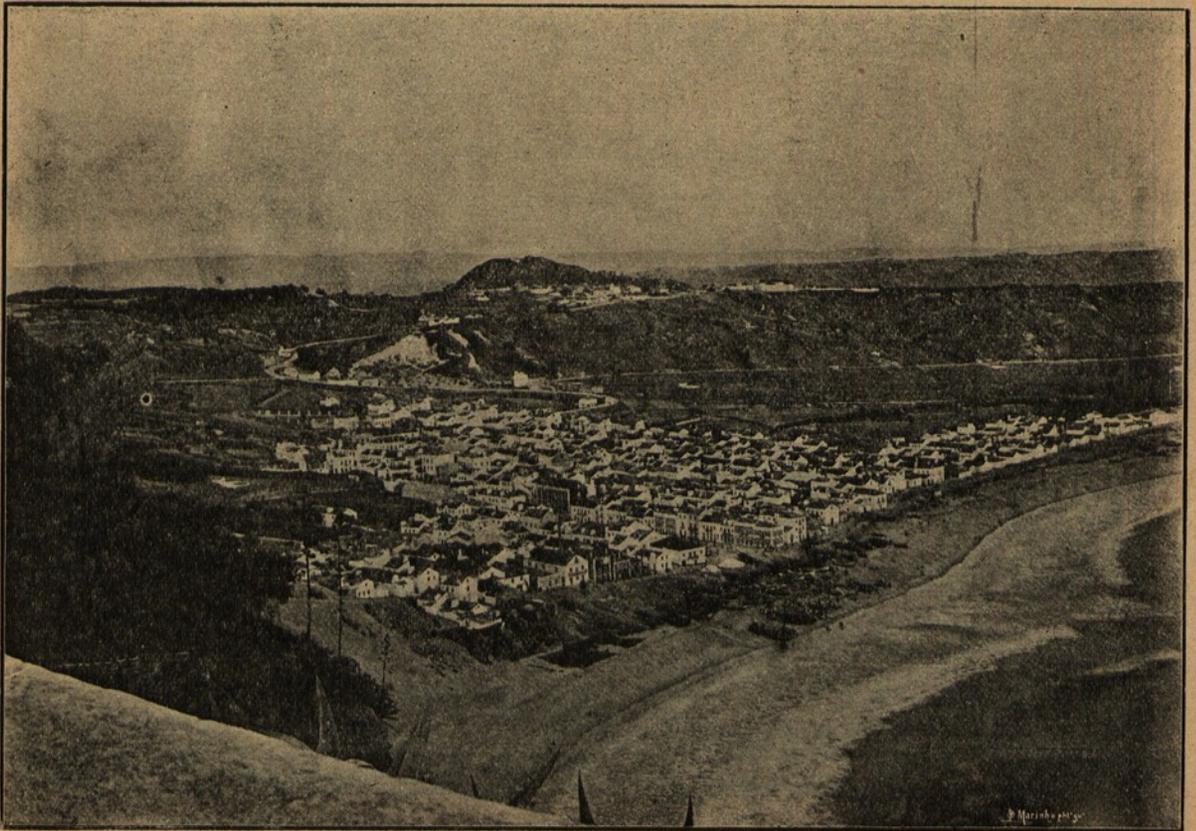
elle diz, mas percebem se ás vezes os gestos. Deve en-
 chel-os de uma desesperada angustia os gritos das mu-
 lheres levados n'um arfar do vento. Mas, — bom Deus! —
 lá encalham elles, deixados para traz os remos e o mas-
 tro. E logo todos os gritos cessam e as mulheres afas-
 tam-se sem sequer se approximarem do batel! Não ti-
 nham lá nenhum parente e commungavam na dôr alheia
 como se fosse a sua propria!

*

De manhã, é a hora dos banhos uma das mais agrada-
 veis da vida dos banhistas. N'este tempo, já a concorren-
 cia é regular sem comtudo attingir a do mez de outu-
 bro, principalmente os cinco dias das festas — de 7 a 12.
 Nenhum luxo, antes uma pobreza franciscana de trajos,
 ás vezes uma singeleza ingenua e primitiva. A praia é
 uma das melhores do paiz para os banhos, como já dis-
 se. Concorrem aqui pessoas dos arredores, gente do

primeira vez alli vae, a primeira visita é á Capella do Mi-
 lagre, á rocha em fórma de ferro d'engommar e onde, diz
 a lenda, Nossa Senhora appareceu a um certo cavalleiro
 que perseguia o Demonio, e ia despenhar-se d'aquella
 altura immensa se não fôsse a milagrosa intervenção que
 o deteve á beira do precipicio. Ainda lá se pôde vêr mar-
 cada na pedra a cavidade da ferradura do cavallo! Esta
 lenda, junta á de muitos mais milagres da Senhora da
 Nazareth, faz cahir em volta d'ella uma aureola de extre-
 ma veneração; é ella que vale em todas as afflicções,
 ella que se invoca para tudo, ella que tudo dirige e em
 tudo superintende. Acho ingenua a lenda e os milagres,
 mas respeito-os, e longe de mim a mais leve sombra de
 ironia. A crença ainda é uma das coisas mais bellas que
 temos, e, antes de a deprimir, animemol-a sempre com
 mais fervor, porque é ella que dá a esperança e de espe-
 rança se vive muitas vezes.

Uma tarde em que a Senhora tinha sahido a dar a sua
 volta costumada no terreiro fronteiro á igreja, proces-



NAZARETH — Outro aspecto da praia, do lado do mar (photographia do ex.^{mo} sr. Elyσιο Mello)

campo, principalmente do districto de Santarem, para
 onde ha carreiras de carros dia sim dia não, e raros de
 Lisboa e outros pontos. A vida do club é quasi desco-
 nhecida. Ha apenas um nos baixos do hotel e esse mes-
 mo concorrido sem delirio, mais por defastio, para ter
 occasião de dizer que se vae para alguma parte. Passeios,
 poucos. Um dos melhores — dos que ficam aqui á não
 — é o do Sitio, servido por um elevador que se arrasta
 pela ingreme montanha, rastejando devagar e parecendo,
 de longe, arquejar na subida. E' extraordinaria a sensa-
 ção que se recebe, á medida que se vae trepando. Parece
 que a casaria se vae comprimindo pouco a pouco e ache-
 gando a base da montanha; o elevador já não gyra nos
rails, mas vae suspenso no ar, como um passaro enor-
 me, roçando quasi nos penedos que surgem em cima.
 Subito, entra n'um tunnel pequenissimo e toda a fanta-
 stica visão desaparece como no acordar de um sonho.
 Toca-se o termo da viagem.

O Sitio, onde está edificada a Real Casa da Nazareth,
 é uma povoação alegre e lavada d'ar. Para quem pela

sionalmente, uma medonha pancada d'agua veio desnor-
 tear os fieis que a seguiram cheios de veneração. Pois,
 emquanto estes ficaram alagados até aos ossos, o manto
 da Senhora resplandecia sem um unico pingo d'agua!
 Deixo o corollario d'este milagre á douta investigação
 dos theologos.

Na capellinha erguida junto da rocha do cavalleiro,
 descendo meia duzia de degraus, mostra-nos o nosso ci-
 cerone uma grade rez-vés com o chão. Para lá da grade,
 um buraco fundo; depois, a treva. Dizem que a monta-
 nha está furada até á base, até ao mar,—eu sei lá, até ao
 infinito. Caso é que um que lá se aventurou uma vez não
 tornou a sahir, nem vivo nem morto. Da mesma fórma,
 e seguindo ainda a mesma linha de milagres, a Santa
 nunca se deixou incarnar. Pessoa que se lhe approxime
 para esse fim, é detida a distancia e não lhe toca por
 mais esforços que faça. Substituida, muito menos, por-
 que é aquella a verdadeira, a que foi encontrada. E' uma
 imagem pequena, tosca e negra, a cara amarellada e
 cheia de manchas.

Tem uma creança nos braços. A igreja está cheia de quadros representando assumptos de um pittoresco ingenuo e commovente,— levados em promessa pelos felizes que a Senhora attendeu nas suas supplicas. Não os descrevo, pela simples razão de que não quero ridicularisal-os. Elles representam a grande força da creança e da fé que, nós outros, desgraçados talvez já não tenhamos.

Sahindo da igreja e dada uma vista d'olhos á povoação, onde ha bonitas casas, enfiámas pelo caminho que vae dar ao forte, mesmo pela beira das rochas, e com uma ventania aspera pela frente. D'alli, o panorama é surprehendente. O mar, cujo sussurro chega n'um murmúrio doce; a praia, que parece um baralho de cartas espalhadas ao acaso; lá adiante montanhas que parecem da altura de dedos, tenuemente azuladas, quasi sempre cobertos por um manto de nevoa. N'um combro, a igreja da Pederneira, o cemiterio junto,— meia duzia de cruzeiros, um jazigo,— mas tudo tão pequeno, tão diminuido que dir-se-hia visto por um binoculo ás avessas. Este passeio de meia hora até ao forte é um dos que deixam uma impressão mais funda. Para a direita, estende-se a praia do Norte, cheia de rochedos, onde o mar bate rijo e alto, em vagalhões assanhosos. De cima, o ruido que nos chega semelha-se ao tropel de muitos regimentos em marcha accelerada... Mas o vento é tão forte que pouco nos podemos demorar alli. E eis-nos outra vez installado n'esse damnado elevador, que começa a descer lentamente, com um ruido mudo, por vezes bruscamente entrecortado como se lhe dessem um puxão mais violento. E outra vez, mas agora com um vigor mais intenso, a furia dos carros, ao sahir do tunnel, a vasta amplidão das aguas, as montanhas, tudo tão por baixo de nós que parece virnos mergulhar sobre a praia, descendo a prumo do céo; e essa duvida fantastica quasi nos obriga a fechar os olhos, tamanha é a attracção, tão rigorosa e empolgante é a sensação que nos domina. Mas pouco a pouco, as casas vão-se distanciando, está mais proximo o marulho das aguas, as montanhas perdem-se no horizonte, e entramos solemnemente e vagarosamente sob um alpendre.

Uff! Chegámos!

Haveria um rico passeio, se a municipalidade, ou quem superintende n'estas coisas — eu não sei ao certo quem é — voltassem os olhos misericordiosos para esta praia. E' a estrada pela beira do mar até á Foz. Quem viesse da estação da Cella por este lado veria um dos mais lindos panoramas que nos seja dado contemplar. Mas ou o dinheiro é pouco ou o desleixo é muito. Inclino-me mais para esta segunda hypothese, pois que a conclusão da estrada — que vae já em meio — não me parece que fosse muito dispendiosa. Não ha por isso um passeio propriamente dito, aqui. A não se embrenhar a gente nas ruas estreitas e pouco aceiadas da praia, ou tem de ir para a areia ou então, atirando um pouco mais as pernas, dar a volta pela estrada até á Foz. Este passeio, de vez

em quando, não deixa de ter os seus attractivos. O barco do *mestre* João espera-nos; é pequeno, mette um pouco d'agua pelas fendas mal unidas do fundo, mas apesar de todos estes defeitos, e mais alguns que se não notam, é delicioso entrar a gente alli, empunhar os remos e — ala! singrando pela agua levemente arripiada pelo vento, ouvindo o velho contar coisas do mar alto — o *mestre* João tem 70 annos; começou aos quinze a ir ao mar e só ha dois é que largou a vida, a pedido do filho, e com que saudades, meu Deus! Andava como tonto, tinha na cabeça ideias de suicidio; uma vontade firme de desaparecer e — quem sabe? — mergulhar pela ultima vez n'esse mar tão amado, para dormir o eterno sono. Pudéra! Se foi alli que elle curtiu todos os seus males e todas as suas alegrias, como não lhe ha-de elle ter apêgo!

E vamos remando sempre, preguiçosamente, ouvindo a toada melancolica das palavras do velho e vendo soltar no ar, com um grande brilho ao sol, as tainhas de escamas reluzentes.

*

De manhã e á tarde faz-se o leilão do peixe na praia — peixe que vem do mar alto, peixe que vem das armações. O primeiro é o graúdo — a pescada, o safio, o peixe-espada, o cherne, o goraz, o saboroso pargo; o segundo é o carapau e a sardinha. Vende-se em globo aos contratadores, que depois o vendem a retalho. E' curioso assistir a esta feira, que não é positivamente uma feira de vaidades mas uma feira de palavrões mais ou menos obscenos, ditos n'uma entonação cantada, que é o modo de falar dos naturaes da Praia. Cada qual trata de puxar a braza á sua sardinha o mais arditosamente que póde. E pelo meio de toda esta gente circulam os rapazes, que aqui são como a praga dos gatanhotos no Egypto, roubando dos cestos, dos *lavadeiros*, dos montões, para depois venderem á sucapa por quaesquer dez réis, que vão gastar em pevides de abobora, torradas ou em maçãs, que são baratissimas, como, de resto, toda a fructa.

Resumindo, portanto, a vida aqui é isto: o banho pela manhã, mais tarde ou mais cedo consoante a hora da maré, o almocinho, um passeio ou outro, para qualquer banda — o que é raro — o jantar, a sahida, então official, da pragmatica, para a praça, em frente do hotel e do club, mal o sol desce para as bandas do Sitio. A' noite, club, para os que gostam de dar á perna, um pouco de bilhar para os homens, no café, e... o chá em familia, que é o que faz a maior parte da gente.

Ah! esquecia-me dizer: o passeio á praia, no crepusculo da tarde é aqui pouco admittido, o que, de resto, pouco pezar me causa a mim, que para lá vou todas as tardes e que, assim, gozo muito melhor da minha liberdade.

Apezar de um pouco monotona a vida é no entanto, como vêem, um pouco mais supportavel que n'essa terrivel Lisboa, meus amigos.

Praia da Nazareth

José SARMENTO.

VERSOS

(A L...)

Eu tenho toda a certeza,
Apostava o quer que fosse
— Que tu és, meu lyrio doce,
Um beijo da natureza.

Quando á tardinha o sol doira
O céo azul do poente
Eu julgo vêr, ó innocente,
A tua cabeça loira.

Mas aquella luz infinda
Feita dos lumes mais bellos,
Não é, flor, não é mais linda
Que o loiro dos teus cabellos.

Além d'isso, o teu olhar,
Esse teu olhar celeste,
Não vejo a que o comparar
Tanta luz elle reveste!

Nem o sol nem o crystal
Tem o brilho que elle tem,
Uns olhos tão ideaes
Não tem por ahi ninguem.

Quando minh'alma procura
Ver-te, e tu vens á janella,
Pela noite mais escura,
Em noites sem uma estrella;

Tem um brilho tão intenso
Esse teu olhar bemdito,
Que eu ás vezes julgo e penso
Que anda o sol pelo infinito,

Por isso tenho a certeza,
Apostava o quer que fosse
— Que tu és, meu lyrio doce,
Um beijo da natureza

DOMINGOS GUIMARAES.

FUNERAES DE SOUSA MARTINS



O CORTEJO FUNEBRE PASSANDO NAS RUAS DE ALHANDRA (Phot. de J. Lemos)

À MEMORIA DE SOUSA MARTINS

Levae-o, azas da Fama! e vós, anjos da Gloria
amortalhae-o em luz, illuminae-o a astros!
Depois venha tambem a palheta da Historia
para escrever-lhe o nome em brancos alabastos!

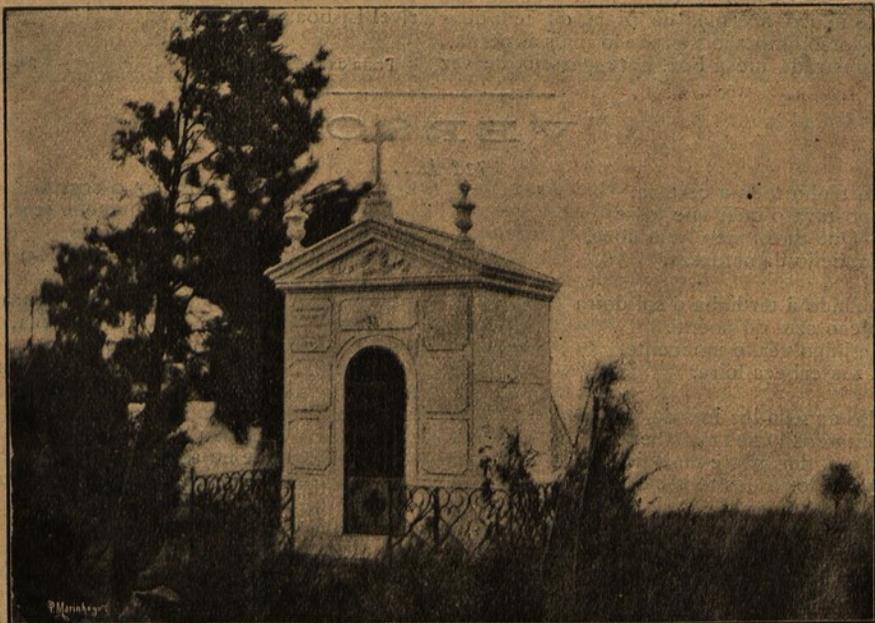
Navio — vento em pôpa — erguendo ao ceu os mastros,
levem de mar em mar padrões d'alta memoria...
Sabios, podeis seguir-lhe os luminosos rastros
ao percorrer da sciencia a grande trajectoria!

Que o seu corpo, afinal, pague o tributo á morte;
a alma — feita de luz — essa fica ensinando
a mocidade a erguer seus olhos para o norte:

O norte da Justiça, o norte da Verdade...
pois sendo um sabio e um justo, elle, morreu, deixando
um exemplo a seguir a bem da humanidade!

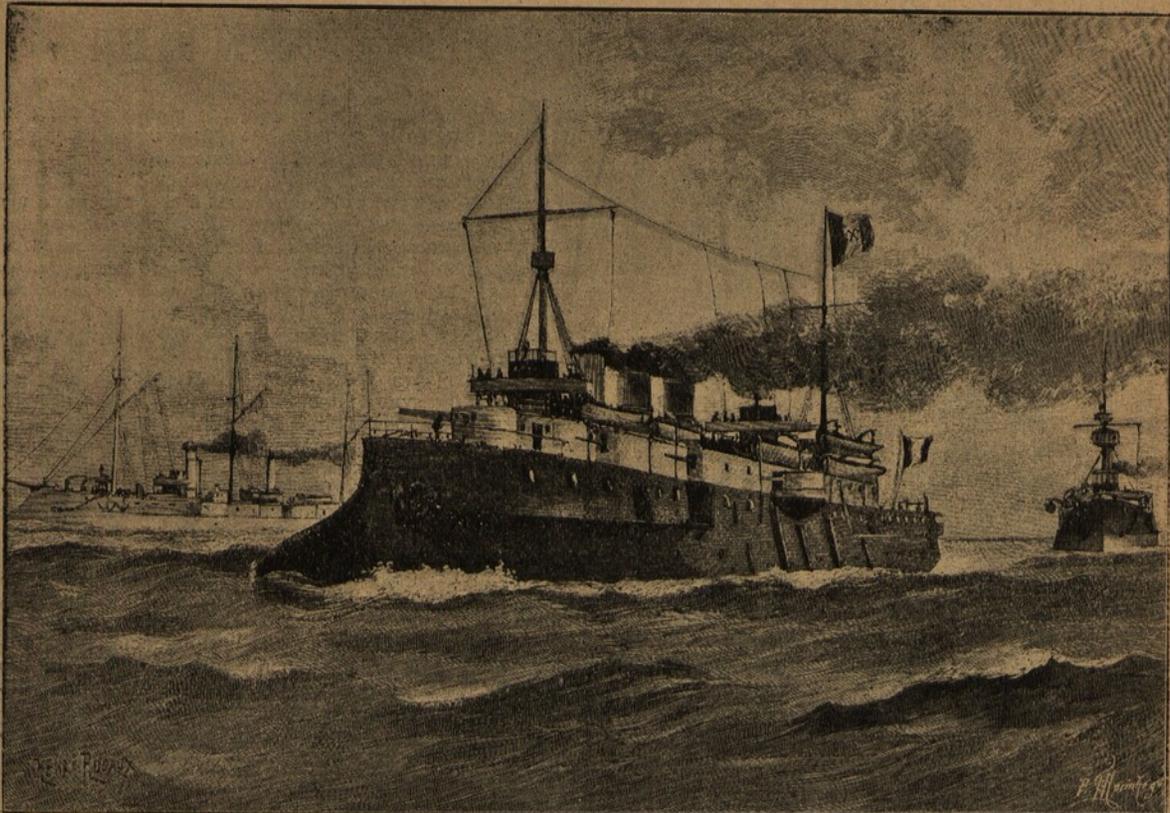
Agosto, 20 de 97.

JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO.

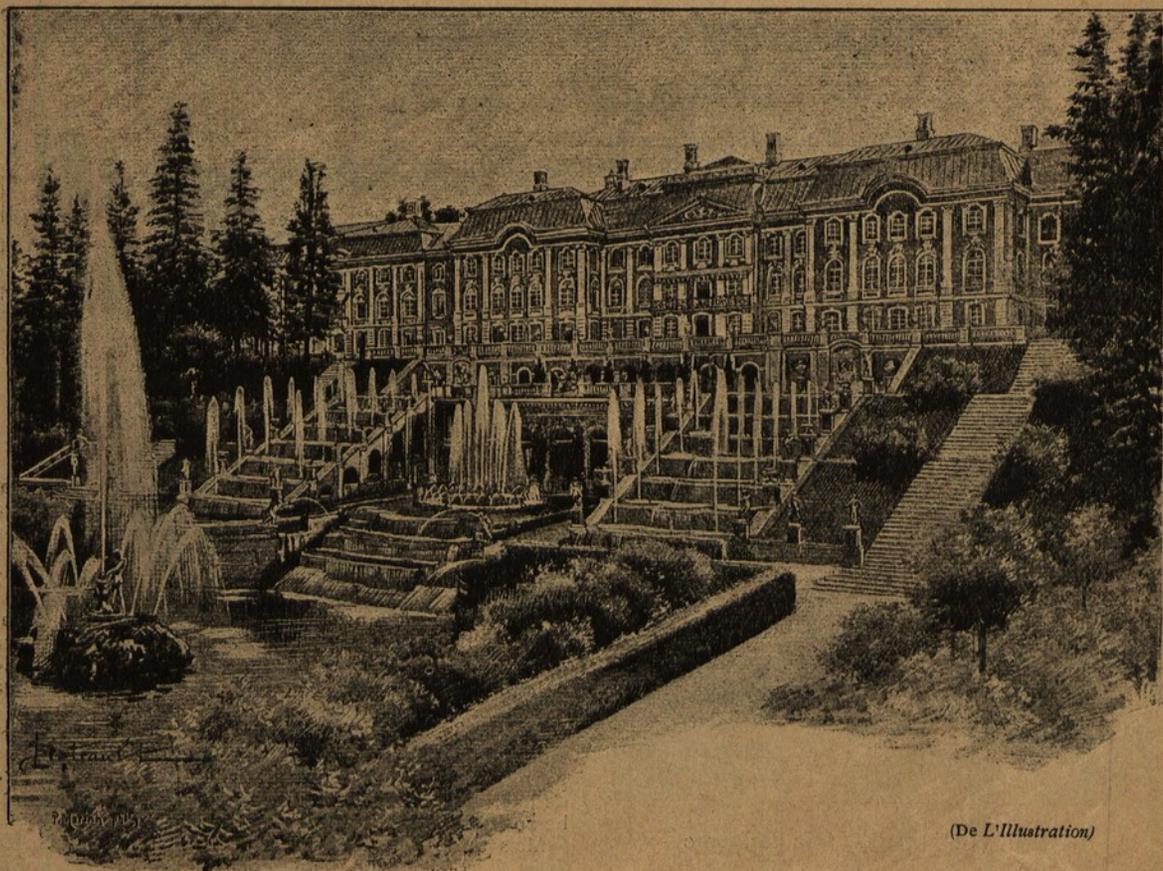


JAZIGO DE SOUZA MARTINS NO CEMITERIO DE ALHANDRA (Phot. de J. Lemos)

A VIAGEM DE FELIX FAURE À RUSSIA



A PARTIDA DE DUNKERQUE



(De L'illustration)

O PALACIO DE PETERHOF VISTO DO LADO DAS GRANDES FONTES DO PARQUE

ESCOLAS INDUSTRIAES PORTUGUEZAS

A ESCOLA INDUSTRIAL BERNARDINO MACHADO NA FIGUEIRA DA FOZ



FRANCISCO GIL

Director e professor da Escola Bernardino Machado

Eil-os, na linha dos atradores do ensino profissional, os jntre-pidos moços. Incita-lhes a iniciativa e dirige-lhes a aprendizagem uma vontade de ferro, uma alma de artista.

D. ANTONIO DA COSTA — *Auroras da Instrucção.*

HONRA-SE hoje o nosso semanario, consagrando algumas das suas paginas a este florescente estabelecimento de instrucção que pela sua frequencia e resultados colhidos é um dos primeiros do paiz e dando á estampa o retrato do seu dignissimo director e professor Francisco Gil, distincto artista que se tem assignalado um dos mais abalisados professores industriaes de Portugal.

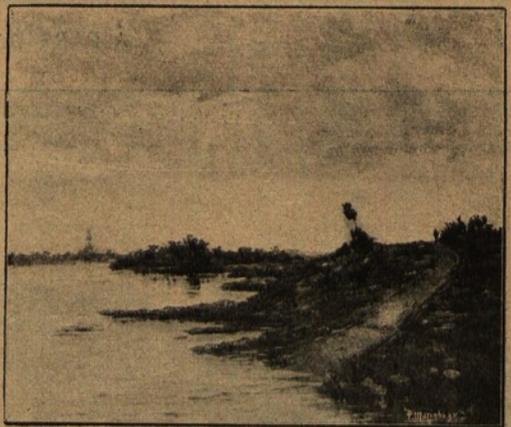
No momento actual em que por ahi pretendem campear tantas mediocridades, são uteis todas as homenagens que se tributem a benemeritos como Francisco Gil, ho-

menagens que teem por fim apresentar em viva luz essas individualidades prestimosas que contrastam perfeitamente com a actual sociedade, tão degenerada.

E individualidades como a de Francisco Gil carecem de registo especial em publicações d'esta ordem; a não ser assim, este distincto artista, que se veste d'uma modestia encantadora, passaria facilmente desapercibido, aos olhos do publico, embora sejam relevantissimos os serviços que já tem prestado á sociedade, a que se impõe simplesmente pelo seu trabalho aturado e pela dedicação extrema que lhe tem merecido o instituto cuja direcção lhe confiaram.

Ao traçar esta homenagem çao distinctissimo artista que nos é tão sympathico, enche-nos a alma um frémito de orgulho por termos que tratar d'um nosso patricio, o que sempre nos é muito aprasivel; porque Francisco Gil viu tambem, como nós, a luz do dia, n'essa decantada terra de Coimbra, na formosa e risonha povoação de Santo Antonio dos Olivaes, no 1.º de janeiro de 1864, sendo seus paes o sr. José Antonio Gil e a sr.ª D. Maria do Rosario.

Perdendo seu pae em tenrissima idade, teria 4 annos, Francisco Gil, deu entrada no Collegio dos Orphãos de Coimbra, fazendo alguns preparatorios á custa d'este piedoso instituto e affirmando uma intelligencia pouco vulgar, que revelou principalmente na cadeira de desenho d'aquella casa, e que era regida superiormente pelo insigne *carbonista* portuguez, sr. Luiz Bastos, que tambem foi nosso professor no lyceu de Coimbra, e do qual nos recordamos ainda hoje com viva saudade.



MANHA D'OUTOMNO (affluentes do Mondego)

(Quadro de Francisco Gil)

Este notabilissimo professor vendo as aptidões artisticas do seu alumno obteve que Francisco Gil fosse para Lisboa, prestando-se o saudoso monarcha D. Luiz I, a subsidiar do seu bolsinho o joven artista.

Entrando na Academia de Bellas Artes de Lisboa o nosso biographado cursou ahi a cadeira de pintura historica com o talentoso e mallogrado Miguel Angelo Lupi; mais tarde dedicando-se sobretudo á paisagem, teve por mestre essa pujante e sympathica individualidade cuja perda a arte ainda hoje pranteia — o grande Silva Porto.

Em 1888 entrou em concurso para pensionista do estado no estrangeiro, com os laureados artistas Carlos Reis, hoje professor da Academia de Lisboa na cadeira de paisagem e Arthur de Mello; este concurso, não sabemos porque motivo, foi annullado.

Mais tarde creando-se na Figueira da Foz a escola D. Luiz I, foi nomeado para seu professor Francisco Gil,



MANHÁ D'OUTOMNO (Rio do Pranto)

(Quadro de Francisco Gil)

que por esse motivo desistiu do proposito de ir concluir os seus estudos em Paris.

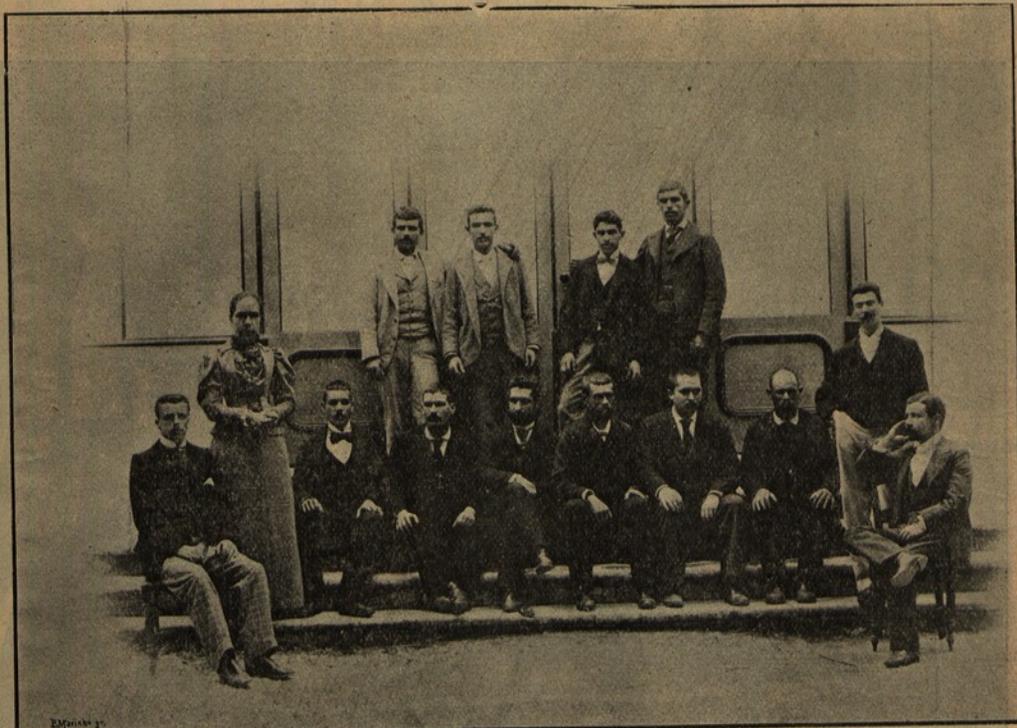
A arte perdia immenso com esta sua resolução porque o nosso amigo, que hoje revela tão poderosas faculdades de paizagista, seria agora uma das mais fulgidas glorias da arte patria se tivesse ido respirar a artistica atmospheria da civilisadora capital franceza.

Mas não obstante o nosso amor pela Arte, ousamos asseverar que Francisco Gil fez bem, fez muito bem; o nosso amigo teria que lutar com o nosso pobre meio que tanto hostilisa, a vida artistica, ao passo que dedicando-se com ardor ao ensino profissional, Francisco Gil, não tem evidenciado menos a sua força de vontade actividade e o seu talento artistico, lançando nas almas d'estes bons e trabalhadores operarios da Figueira o ger-

com fervor. Graças á gentileza do nosso amigo que por essa occasião nos brindou com duas photographias d'esses seus trabalhos, podemos hoje offerecer ás nossas leitoras duas reproducções d'essas sentimentaes paizagens.

As telas de Francisco Gil são admiraveis pela febricidade do desenho, e vigor do colorido e poder de expressão d'esses pedaços de paisagem, tão cheios de luz que fazem adivinhar a alma, boa e artistica, de Francisco Gil.

Devemos também dizer que o nosso amigo tendo desposado na Figueira uma das senhoras mais distinctas da cidade a ex.^{ma} sr.^a D. Albertina Ferreira Curado Gil, depois de reger durante 3 annos a escola D. Luiz 1.^o foi pela sua extincção por decreto de 8 de outubro de 1891, reger a *Escola D. Maria Pia* de Peniche, d'onde passou a Leiria, á de *Domingos Sequeira*.



Guilherme de Oliveira,
professor auxiliar

Francisco Gil,
director e professor

ESCOLA BERNARDINO MACHADO — Grupo dos dois professores e dos alumnos mais distinctos

men, d'onde hão de provir uberrimos productos e a prosperidade da sua terra. Ganhou elle e ganhou esta formosa cidade.

Uma das provas mais frisantes da actividade de F. Gil é o ter elle regido durante os primeiros annos da escola os quatro annos de desenho, quando em outras cidades, como Coimbra e Leiria, havia tres professores para esse ensino. O governo porém ha dois annos, compenetrado da impossibilidade de o nos.o amigo continuar com este excesso de trabalho, nomeou um professor auxiliar, o nosso bom amigo sr. Guilherme d'Oliveira, cavalheiro do mais finissimo tracto.

Os esforços, porém, que Francisco Gil tem desenvolvido dirigindo a *escola Bernardino Machado* tem-lhe roubado o tempo que podia consagrar á arte, e é essa a razão porque o distincto artista não tem concorrido ás ultimas exposições do Gremio Artistico.

Não nos consta que tornasse a expôr desde que ha tres annos alli appareceram dois dos seus quadros: *Manhã d'Outomno* (*Affluentes do Mondego*) e *Manhã d'Outomno* (*Rio do Pranto*), telas deliciosas que a critica accolheu

De Leiria é que passou para a *Escola Bernardino Machado* da Figueira de que é agora director e professor de desenho.

A escola industrial Bernardino Machado foi aberta em fevereiro de 1894, tendo sido creada por accordo entre o Estado e a Camara Municipal da Figueira.

Acha-se installada magnificamente no antigo edificio do Paço, pertencente outr'ora aos condes de Tavarade. Pelas duas gravuras que hoje illustram o artigo podem bem avaliar os leitores a sua esplendida aula de desenho.

A escola apresenta-se hoje com força e pujança capaz de hobrear com as primeiras do paiz, sendo apenas inferior ás escolas de Lisboa e á Escola Infante D. Henrique do Porto.

A escola consta das seguintes cadeiras: Desenho geral, desenho ornamental e desenho architectonico, lingua franceza, arithmetica e geometria, contabilidade e escripturação commercial.

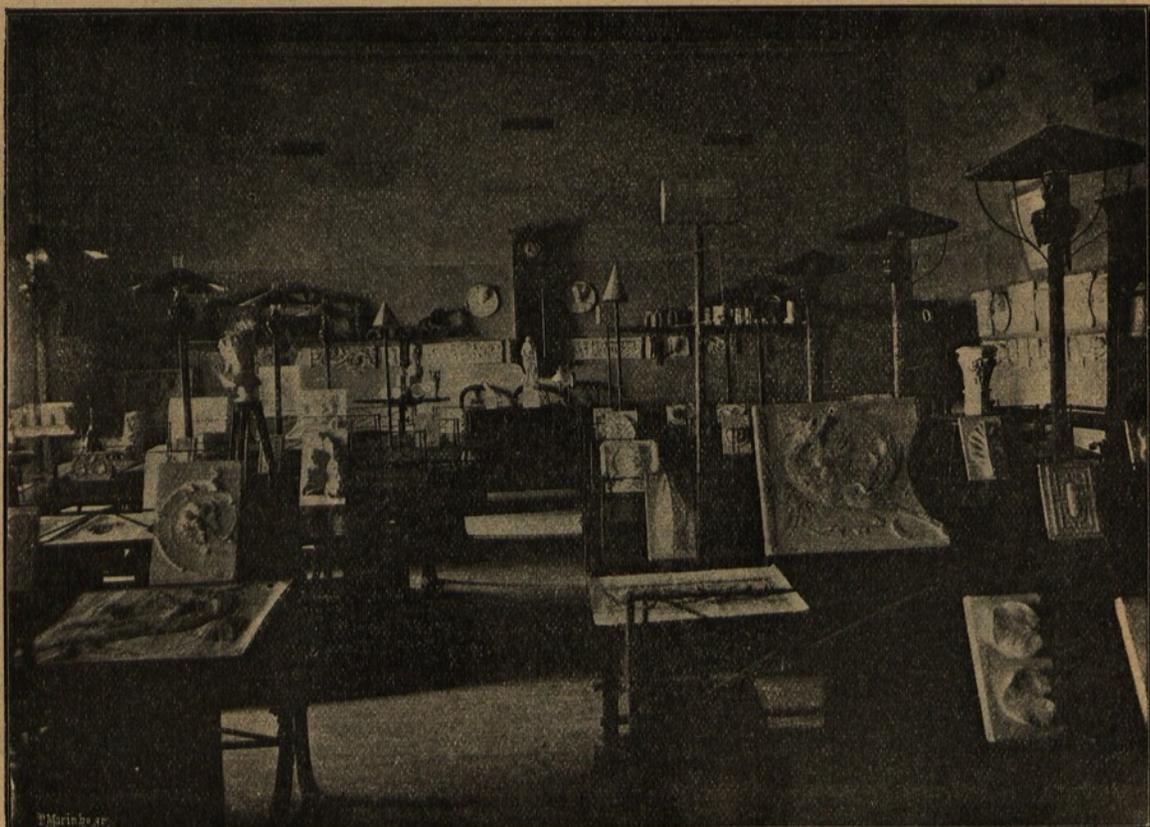
Os nossos leitores mui difficilmente poderão formar uma idea nitida da extrema competencia com que são regidas as cadeiras que constituem a escola, especialmente a cadeira de desenho cujos trabalhos expostos são uma alta affirmação da summa intelligencia com que a rege o seu director, Francisco Gil. Só os alumnos que o adoram e os que o conhecem bem de perto é que podem bem avaliar a intelligencia, a dedicação, a affabilidade que dispensa aos seus discipulos, que são na totalidade, pobres e honestos operarios, cujo amor pelo estudo os estimula a vir ás aulas com a maior assiduidade, até em as noites tempestuosas d'inverno não obstante alguns d'elles serem de muito longe.

Isto é uma consequencia da boa vontade de saber que anima este bom povo, não obstante os alumnos terem de fazer as despezas á sua custa, (!) com lapis, papel, etc.,

director e professor Francisco Gil e á esquerda o professor auxiliar sr. Guilherme d'Oliveira.

São tambem dignos de miudo exame umas interseções de solidos executados em madeira (genero allemão) pelos alumnos Ricardo Fernandes Mesquita e Abel Vieira da Costa, trabalhos primorosos de que se depreheende que não ha necessidade de importar modelos estrangeiros, como por ahi se está fazendo todos os dias, e que se colheriam optimos resultados se a escola fosse alargada com officinas de aprendizagem de carpinteria civil, e mechanica, fundição, olaria e serralheria civil e mechanica.

Oxalá que o governo olhe com attenção para este assumpto protegendo a escola Bernardino Machado em harmonia com os recursos do thesouro. São os melhores louros com que póde ornar a frente d'estes intelligentes alumnos, tão intelligentes como trabalhadores.



ESCOLA BERNARDINO MACHADO — Vis.a parcial interna

emquanto que nas outras escolas é o estado quem faz as despezas que devem ser muito onerosas para o thesouro publico, porque os alumnos gastam á larga pouco lhos importando a economia.

Os progressos da escola podem avaliar-se pelos trabalhos em exposição, destacando-se os de desenho architectonico, feitos pelos alumnos, José Augusto Pessoa, Antonio Alves Pedrosa, Antonio da Silva Paschoal, José da Silva Loureiro e João Girão; os de desenho ornamental feito pelos alumnos José Luiz Palaio, Antonio Silva, D. Laura dos Santos Rainho (a retractada no grupo) Joaquim Duarte Mendes, Antonio Luiz Meira etc; os de desenho geral, dos alumnos Carlos Alves da Assumpção, Cesar da Silva Gascão, Dulce Carmina d'Ornellas, Antonio Cardoso, Manuel Jorge Cruz, Antonio Costa, Augusto Marques Lemos.

Entre as photographias que hoje apresentamos, algumas das quaes tiradas expressamente para o *Branco e Negro* pelo distincto photographo da Figueira sr. Gonçalves, ha um grupo de alguns dos alumnos mais distinctos da aula de desenho; á direita do observador vê-se o seu distincto

A influencia benefica da escola manifesta-se entre outras obras nos novos paços do concelho, onde o trabalho de cantaria é de primeira ordem, tendo sido executado pelo distincto alumno da escola, Antonio da Silva Paschoal. N'este genero de trabalhos a Figueira e Coimbra levam a palma ás outras terras do paiz, sendo deveras notavel n'esta cidade em trabalhos de cantaria o distincto artista conimbricense, sr. Francisco Antonio dos Santos, que pelos seus trabalhos de esculptor é alli um dos primeiros, senão o primeiro, não obstante nunca ter frequentado um curso regular de desenho: á sua boa vontade e ás suas excellentes aptidões é que deve tudo e o muito que sabe. Isto sem lisonja.

Os alumnos mais distinctos costumam ser premiados, tendo os premios sido devidos á poderosa iniciativa da benemerita Associação Commercial da Figueira, e do sr. dr. José Jardim, espirito illustrado, que tem votado á escola o mais entranhado affecto.

Nós que nos alegramos com as manifestações de vitalidade que nos dá este estabelecimento de instrucção, cuja causa temos advogado na proporção das nossas



ESCOLA BERNARDINO MACHADO — Vista geral interna

forças, terminamos saudando calorosamente o seu illustre director, sr. Francisco Gil e esses rapazes, cheios de vida, de coragem e de talento a quem bem quadram as palavras do primoroso auctor das *Auroras da Instrução*, com que epigraphámos este artigo :

Eil-os, na linha dos atiradores do ensino professional,

os intrepidos moços. Incita-lhes a iniciativa e dirigi-lhes a aprendizagem... uma vontade de ferro, uma alma de artista.

Figueira, 17—agosto—1897.

ANTONIO JULIO VALLE E SOUSA.

PLACIDO STICHINI



N o Brazil, sob o ceo ardente do Pará, onde fôra com a Companhia dramatica portugueza que, sob a direcção do sr. Gouveia, sahio em digressão artistica pelas terras de alem-mar, acaba de fallecer devorado pela febre amarella este conhecido e apreciado maestro lisbonense.

O sr. Placido Stichini era um compositor inspirado e popular, e um musico sabedor e illustrado. Em Portugal por muitas vezes fôra director de orchestra em varios theatros. Ultimamente, ainda a epocha passada, era o regente musical da orchestra do theatro da Trindade.

Mas no que o malogrado moço mais brilhou, foi na composição de musica facil e simples, na confecção de partituras ligeiras com que bordou o texto hilariante de revistas e magicas. A musica das festejadas revistas *Tim-tim-por-tim-tim* e *Pratos Limpos* era da sua lavra, bem como outras muitas paginas que deixou de fresca e espontanea inspiração musical.

Placido Stichini não era a primeira vez que ia ao Brazil; já lá estivera o anno passado com a Companhia Sousa Bastos e deu se excellentemente; agora abalando de cá, cheio de esperanza, mal suppunha que apenas chegado ás terras do Cruzeiro do Sul a morte negra e traçoieira viria mutilar todas as suas aspirações.

DISFARCE INUTIL

Não cuides que o *travesti*
Com que andaste disfarçada
Possa embellezar-te, a ti,

Pois tu bem sabes que nada
Pode realçar a luz
Da belleza immaculada,
Que o teu olhar nos traduz.

Antes tu te disfarçasses
N'uma flôr e eu fosse abelha,
Para ir beber o mel
D'algum sorriso cruel
Na tua bocca vermelha;

Ou então em avesinha,
Que só regressa á noite
Morta de frio e canção,
Para vires de mansinho
Acolher-te ao brando ninho,
Que te fiz no meu regaço.

.....
Ave cahida no laço,
Não era eu que a soltasse,
Por mais que ella esvoaçasse.

A. D'AZEVEDO.

DE QUANDO EM QUANDO

V ALHA-ME S. Sebastião de Bemfica! Que me perdõe este anno, não ter ido á sua piedosa romaria. Ganhar o ceu por meio de excessos não é cousa que esteja ao alcance de qualquer estomago. Nada ha mais convidativo para a alma, do que a bemaventurança celeste; mas, tambem, nada é menos convidativo para o estomago do que uma limonada de citrato de magnesia.

Cá na cidade tambem ha um S. Sebastião, piedoso, que, mais condescendente que a policia, perdôa as fraquezas humanas e deixa que debaixo do seu pedestal, varios vicios se aninhem.

O S. Sebastião, de Bemfica, poderia ser representado entre anjos, dominando com o seu vultu uma roleta; o d'aquí, entre os mesmos anjos, poderia ser representado dominando uma pipa de vinho. Ave Maria, cheia de tolerancia! as suas almas viciosas estão prostradas deante de ti...

A festa de S. Sebastião de Bemfica é mais uma prova de que a civilisação, como a natureza, não faz saltos.

Do culto polytheista dos gregos, ao culto catholico da Curia, a transição não é tão rapida como a principio parece.

Ainda no domingo ultimo, eu, homem transmontano, filho d'este fim de seculo catholico, julguei-me transportado á idade de ouro da mythologia.

Eram 6 da tarde. Sahia eu do Café Suisso, e encontrei-me com um bando alegre que voltava de Bemfica. Uns cinco carros compunham o prestito, levados a trote largo por cocheiros que desmentiam sobre a boléa todas as leis do equilibrio, — passavam cheios de uma vociferação confusa, em que o estrugir das trompas e o espoucar das chalaças, cantavam alto, como nos velhos hymnos homericos, o louvor de Baccho.

Lembrei-me então dos antigos *cortejos bacchicos*, essas cerimoniaes barulhentas, com que a idade heroica celebrava as graças do Deus do vinho e da alegria.

Baccho infante não vinha alli de conquistar as Indias; vinha de conquistar uma dyspepsia.

Julguei ver passar as Ménades furiosas, retorcendo-se vouptuosamente sob as picadas de fogo das serpentes emmaranhadas; satyros capripedes, bebados de luxuria; e no meio d'elles o velho Sileno, com a bocca lambuzada de môsto e a testa eriçada de chifres, oscillando bebado e molle, sobre o dorso da sua muléca esqualida.

Não era aquillo meus amigos, uma cerimonia mythologica; era uma cerimonia catholica. Toda aquella gentinha vinha de Bemfica, de orar a S. Sebastião. Ave Ma-

ria, cheia de tolerancia! As nossas almas viciosas estão na tua frente!...

Eu devia-lhes falar agora no assassinato de Canovas del Castillo, que tem dado muito que falar, mas o assumpto está já muito *batido*.

* * *

No domingo, ás 10 horas da noite, quando os romeiros de Bemfica, esfalfados e esquentadissimos, cahiam já nos braços de Morpheu, esse irmão gemo do vermelho Lyêu, um boato *aterrador* correu pela cidade. Dizia-se — ó milagre! — que D. Pedro IV estava pela sua fria boca de estatua, pela sua dura boca de bronze, falando ao povo e incitando-o a revoltar-se contra as instituições.

Essa tremenda noticia atravessou logo todas as ruas que cercam o Rocio. E de toda a parte, o povo correu a vêr o estranho caso.

Como! ? pois a revolução era tão infallivel que até as estatuas se punham a vaticinal-a?

Não havia luar. A noite era negra e misteriosa. No meio do Rocio formidando, da estatua equestre, vinha uma grande voz altisona cujo reboar cortava de catanadas freneticas e tribunicias o silencio da noite.

O povo agglomerava-se em baixo, ondeava, anciava, borborinhava, trasbordava da praça para as ruas proximas. A voz sobrehumana dizia coisas que ninguem entendia. Interrogavam alguns: *Será coisa do outro mundo!*... Não se via nada. Porém, houve alguém que applicou um clarão de holophote. Viu-se então um homem abraçado á estatua, que depois de ser ameaçado de morte, declarou ser um hospede fugido de Rilhafolles.

Finalmente tudo ficou sosegado. As instituições ficaram calmas. O cambio não baixou. Não houve estado de sitio. O homem era um doido, fugido d'uma casa de doidos.

* * *

Eu creio que a noticia que me deram, era verdadeira, porque eu tinha ido a Algés, dár o meu passeio, n'esse dia, mesmo que, segundo me *informa* a administração do hospital de Rilhafolles, ha muito tempo fugiram varios malucos, que andam cá fóra gosando, não só do ar livre da cidade, como da reputação dos homens de juizo.

ALMEIDA CAMPOS.

AS ROMARIAS — O SENHOR DA SERRA



POR ENTRE AS BARRACAS

POR esse paiz fóra, mal nas cepas os primeiros bagos se doiram repassados de sol, e dos milharas verdes as espigas rompem como massarocas, logo por esses adros de egreja, por esses largos terreiros de aldeia, a toda a extensão do fresco Minho ou do Douro alcançado, pelas ravinas de Traz-os-Montes ou nos mysteriosos souts das Beiras, nas lezirias e charnecas da Extremadura e Alemtejo ou nos aduares perfumados do Algarve, corre o estrepitoso rumor dos arraiaes, a alegria tintanubelante e rubra das romarias.

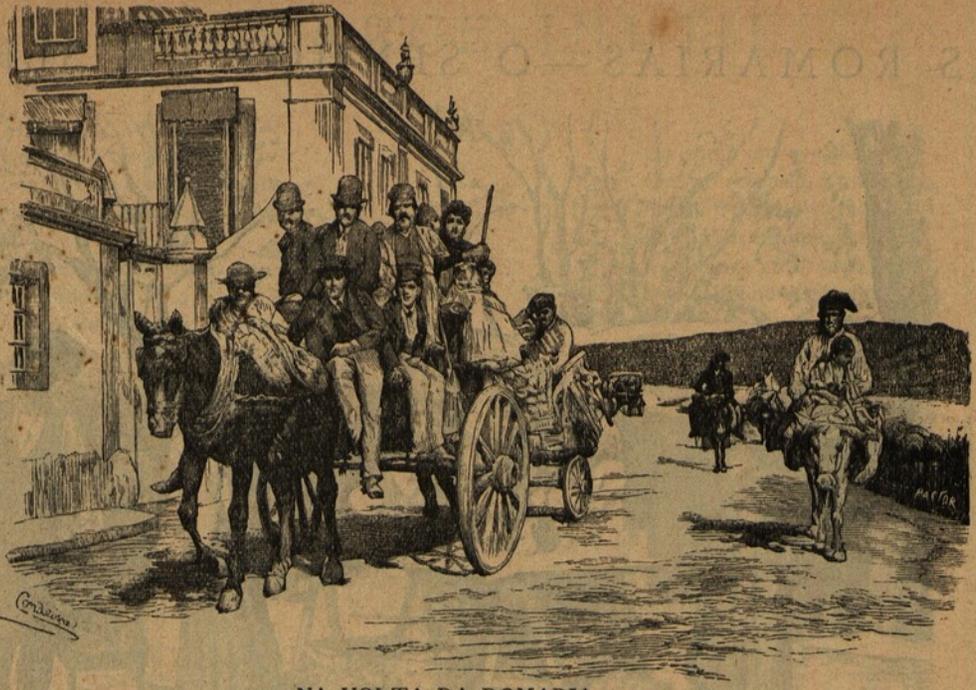
Romarias! Romarias! Agosto vindo, em pleno coração vulcanico do estio, quando o sol arde e abraza como a bocca rubra d'uma fornalha, eil-as que começam. E' ao norte, junto a Guimarães, o S. Torquato, kermesse immensa que se prolonga por tres dias e tres noites,

onde duzentas mil pessoas vindas de longe, de toda a faxa do littoral pelas estradas, em bandos, com gitaras, á desgarrada, tumultuam n'uma estonteante alacridade; é a Senhora d'Agonia em Vianna do Castello; a Senhora do Porto d'Ave, perto da Povoia; a Senhora das Dôres em Santo Thyrsó; a Santa Martha da Falperra e outras e outras. Aqui, nos arredores de Lisboa, na região saloia, de todos os arraiaes que se fazem, nenhum é tão concorrido e alegre como este do Senhor da Serra, junto a Bellas, no interior da denominada Quinta do Marquez.

Das romarias do Norte tem os sussurros zumbidores, a procissão dos mendigos que se arrastam ganindo a sua miseria á bocca das estradas, as carroças enfeitadas onde de bastas quartolas o Torres roxo pinga, os estendaeas



NA MATTA



NA VOLTA DA ROMARIA

das vendedeiras desdobrando as suas mercancias, o peixe frito que estruje nas certãs de barro, o esparrinhar subito dos foguetes no azul crú do céu, choros perdidos

de guitarras, notas dolentes de fados tristes, ondas de pó, zuns-zuns de cigarras no matto e a luz implacavel e estonteadora do sol.

COISAS ALÉGRES

Sequencia do caso contado no n.º anterior

Em lingua franceza, que todos estudámos e em que todos estamos approvados, contam-se por ahi bernardices, não menos engraçadas.

Já o bom Julio Machado, escrevera algures, que o francez do lyceu do seu tempo, com grande surpresa sua, não corria em França, quando lá viajou; parece que era macanjo.

E' muito conhecida a expansão d'aquelle estudante, apaixonado por uma *chanteuse*, que aqui esteve em Lisboa. O que principalmente trazia o rapaz enlevado era a plastica, a carnação da franceza, e os collegas intrigavam-n'o, asseverando-lhe que as fórmas esculpturaes do seu idolo eram em boa parte producto da arte e do algodão.

O apaixonado não se inclinava a acreditar em tal mystificação. Como tirar de duvidas?

Uma noite que ella, no seu camarim, conversava com elle e mais dois collegas, elle, decidido a correr todos os riscos, apalpa-a.

E inundado de prazer e d'alegria, pelo resultado, brada para os companheiros:

— Oh! seulement viande!

*

El-rei D. Fernando fez uma digressão ás nossas provincias do norte em companhia da sua ultima esposa. Em certa cidade, os estudantes offereceram-lhe um es-

pectaculo no theatro. N'um intervallo d'esse spectaculo, emquanto el-rei, cercado de varios cavalheiros, fumava na saleta do camarote, a condessa conservou-se no camarote apenas acompanhada d'um alto funcionario administrativo, excellente homem e bom funcionario, mas que a respeito de falar francez...

O homem suava apesar da primavera correr fresca. A condessa, conhecendo a entalação do bom homem, evitava dirigir-lhe a palavra, distraindo-se com o bino-culo a observar as senhoras.

Subitamente, ouve se um reboliço por detraz do panno de bocca.

A condessa perturba-se, e pergunta rapidamente ao seu companheiro:

— Oh! Qu'est-ce qu'ils ont fait, les etudiants?

— Tranquillisez-vous, Madame. C'est un petit chinfrim (pronunciando *chanfram*, segundo a phonologia franceza).

*

Razão tinha o velho Sampaio da Revolução, quando, n'um jantar offerecido por Madame Ratazzi á imprensa, e os rapazes tentavam estimulal-o a levantar o brinde d'honra, elle lembrou dar a preferencia da palavra ao Teixeira de Vasconcellos, commentando: «Porque isto de falar francez com francezes tem que se lhe diga.»

DOM BIBAS

O *Branco e Negro* agradece reconhecido aos seus illustres collegas das *Novidades*, *Correio da Noite* e *Folha do Povo* as transcrições que se dignaram fazer do artigo de Domingos Guimarães sobre Sousa Martins e as palavras lisonjeiras com que a elle se referiram.

SECÇÃO RECREATIVA

DESENHO ELECTRICO

COLLOCAE sobre uma mesa dois livros de igual grossura (2 ou 3 cent.) e a uma certa distancia um do outro. N'estes dois livros collocae as duas beiras oppostas d'um quadrado de vidro, depois de ter espalhado sobre a meza uma certa quantidade de pó de cortiça obtido pelo limar d'uma rolha.

Esfregae a superficie superior do vidro com um pedaço de lã ou de sêda e verniz e o pó de cortiça salta da mesa para o vidro sob a influencia da electricidade produzida pela fricção.

Desde que deixeis de friccionar, o pó de cortiça cahe pouco a pouco em cima da mesa. Esta experiencia é bem conhecida na physica sob o nome de *dança dos bonecos*.

Eis como podeis transformá-la em um phenomeno magico. Pintae em segredo, no vidro, antes de o mostrardes aos espectadores, um desenho qualquer, um boneco, flôres, etc., com auxilio d'um pincel molhado em glicerina; se desconfiaes do vosso merecimento, servos-ha facil collocar, n'um desenho já feito, o vidro e com um pincel seguir-lhe os contornos.

Pondo, em seguida, o vidro assim preparado entre a luz e a parede, que vos servirá de *écran*, fazei verificar ao publico que elle não projecta sombra alguma na parede.

Collocae então o vidro sobre os dois livros, o lado da glicerina para baixo e friccionaes, como temos dito, em cima; a face inferior do vidro cobrir-se-ha de pó de cor-



tiça, mas depois de ter posto o vidro verticalmente e asoprando para tirar a cortiça que sobra, mostrareis aos espectadores o desenho que acaba de apparecer, como por encanto, e de que projectaes na parede a sombra ampliada, collocando o vidro deante da luz.

VALENTIM MAGALHÃES

Esboço critico seguido de extractos documentaes em prosa e verso.

A LITTERATURA BRAZILEIRA

Formando além do bello trabalho critico do auctor, um delicioso album de poesias e prosas dos maiores poetas e prosadores brasileiros contemporaneos.

1 vol. adornado de muitos retratos, br. 600; com uma linda encadernação, 800

LISBOA EM CAMISA

LISBOA em CAMISA

POR

GERVASIO LOBATO

1 volume, 2.^a edição, illustrado por

CELSO HERMINIO

PREÇO 600 RÉIS, BROCHADO

Livraria do editor Antonio Maria Pereira

50, 52, Rua Augusta, 52, 54

LISBOA

LISBOA EM CAMISA

VELOCIPEDIA PRATICA

POR

D. MIGUEL DE ALARCÃO

Official do Exercicio e Presidente do Real Club Velocipedico

Um volume, adornado de numerosas gravuras, e tratando clara e desenvolvidamente de todos os assumptos que pódem interessar ao velocipedista e instruil-o desde os primeiros rudimentos do cyclismo. Os capitulos consagrados á velocipedia para senhoras, ás marchas e excursões velocipedicas, aos accidentes que pódem sobrevir, aos perigos a evitar, e muitos outros, são especialmente interessantes e indispensaveis a todo o bicycletista.



UM VOLUME, BROCHADO, 300 RÉIS

Livraria de Antonio Maria PEREIRA, Editor

50, 52.- Rua Augusta, 52, 54 - LISBOA